Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 18 DE FEVEREIRO DE 1973 N.º 18016 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

COPÉRNICO: desenho de Zoran Orlic

COPÉRNICO

nasceu ha 500 anos

Faz amanhã precisamente cinco séculos que nasceu em Torun (Polónia) Nicolau Copérnico. O aniversário deste grande astrónomo polaco está a ser celebrado em todo o mundo culto. Porquê estas manifestações? A obra de Copérnico continua a ser actual?

Copérnico descobriu aquilo que todas as crianças aprendem hoje na escola primária: a Terra gira à volta do Sol. Com esta teoria ele opunha-se à concepção clássica do seu tempo, aceite desde a antiguidade, a de Ptolomeu, que colocava a terra no centro do Universo e fazia andar o Sol à sua volta. Para podermos apreciar plenamente o significado desta descoberta, é necessário integrarmo-nos dentro do espírito da época, numa altura em que a Renascença principiava a suplantar a Idade Média. A revolução de Copérnico não pode ser afastada deste contexto. Ao deixar de colocar a terra no centro do Universo, ele dava um golpe mortal nas concepções religiosas medievais.

Para assinalar esta data tão significativa para a ciência o «Diário de Lisboa» publica hoje dois artigos da autoria de dois professores universitários portugueses e nossos prezados colaboradores, drs. J.Tiago de Oliveira e António M. Baptista.

(LER NAS PÁGINAS 13 E CENTRAIS)

30 países reunidos em Accra

A ÁFRICA E O MERCADO COMUM

ACCRA, 18 — (F.P.) — Uns trinta países anglófonos e francófonos tratarão em Accra, a partir de amanhã, da atitude a tomar para com a Comunidade Europeia que lhes ofereceu a conclusão para 1975 de acordos regionais. Desde que a C.E.E. fez a sua oferta e a confirmou (em Janeiro de 1972) os países africanos não disseram nada.

A reunião de Accra é convocada a nível ministerial pela «Comissão Económica da ONU para a África» (C.E.A.). O seu secretário-geral, Gardiner, esteve recentemente em Bruxelas para se informar em pormenor das propostas da Comunidade Europeia. Será a primeira vez que os Estados associados ao Mercado Comum pela convenção de Yaundé (os 14 países africanos e malgaxe da zona do franco mais o Zaire, o Ruanda, o Burundi e a Somália) e pela convenção de Arusha (Quénia, Uganda e Tanzânia) se encontrarão com representantes dos Estados africanos do «Commonwealth» aos quais a C.E.E. propôs o estabelecimento de relações privilegiadas (Botswana, Gâmbia, Ghana, Lesotho, Malawi, Nigéria, Serra Leoa, Suazilândia e Zâmbia).

Para a C.E.A. o alargamento do Mercado Comum, criando (em 1 de Janeiro de 1973) um novo gigante económico e susceptível de ter repercussões para as economias africanas que justifica uma ponderação aprofundada. A C.E.E. mandou examinar estas implicações por um grupo de técnicos dirigido pelo antigo ministro das Finanças da Dinamarca, o prof. Kjeld Philip. As conclusões deste estudo serão discutidas durante a semana em Accra.

A reunião da C.E.E. deve pôr termo à incerteza a respeito da atitude dos Estados da «Commonwealth» ou países anglófonos, que até agora se tem mostrado de extrema circunspecção relativamente à oferta do Mercado Comum. A Nigéria, que conta sòzinha tantos habitantes (cerca de 60 milhões) como os «18 associados de Yaunde», tem parecido indiferente.

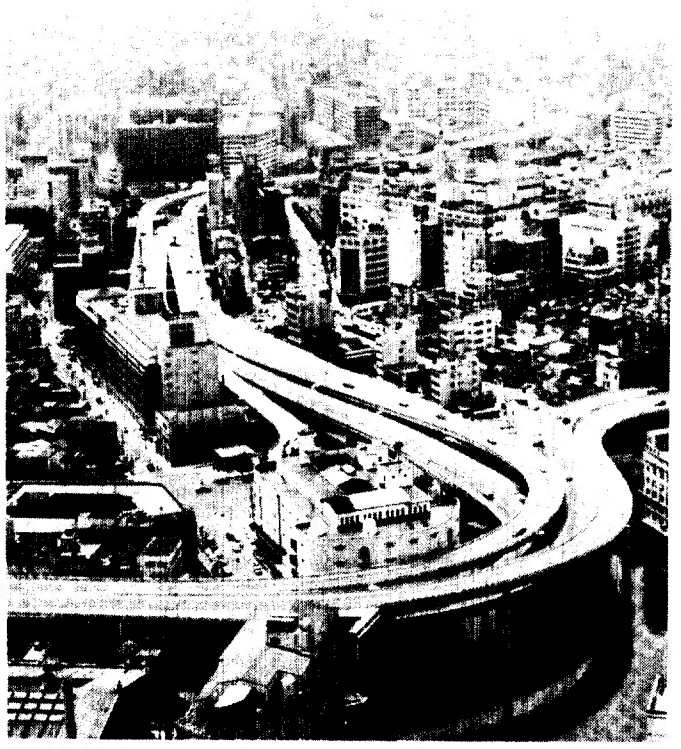
Apenas a Ilha Maurícia decidiu logo entrar para a convenção de Yaunde.

Entretanto, a poucos dias da reunião de Accra, têm-se multiplicado as iniciativas do lado africano.

Com efeito, os 11 Estados africanos da «Commonwealth» decidiram conferenciar em Lagos antes de abordarem a reunião da C.E.E.. Anteriormente, em Addis Abeba, o conselho da O.U.A. convidou os Estados africanos a reajustarem solidàriamente «as relações desiguais de cooperação com os países e os grupos extra-africanos». Esta recomendação visava tanto as relações com a Comunidade Europeia como os acordos bilaterais.

Pelo seu lado, a C.E.E. ainda não tornou explícito o conteúdo da sua oferta aos estados africanos: Convenção tipo Yaunde? Acordo «sui generis»? (Fórmula escolhida pelo Quénia, pelo Uganda e pela Tanzânia para o acordo de Arusha, que não comporta um auxílio financeiro). Ou simples acordo comercial? A Comissão do Mercado Comum prepara propostas mais elaboradas a estarem prontas em Abril, comportando fórmulas tendentes a organizar regionalmente os mercados dos produtos de base, o que resolveria problemas que são comuns a vários países africanos.

JAPÃO: VIRAGEM À EUROPA



O Japão é o país que mais rápidamente tem desenvolvido as suas trocas com o Mercado Comum, o que tem uma significação não só económica mas também política. Ao mesmo tempo que diversifica os seus mercados, e sobretudo diminui o peso relativo das suas relações com os Estados Unidos, Tóquio tem vindo a desenvolver uma intensa campanha diplomática no sentido de consolidar a sua área de influência económica, principalmente na Ásia e de afirmar uma independência política crescente. Tira conclusões da sua espectacular ascensão ao nível de grande potência económica e da retirada a que os Estados Unidos vêm sendo forçados em todas as frentes. Concorrentes nos seus próprios mercados e nos dos países dominados, o Japão e a Europa ocidental têm, no entanto, um interesse comum no reforço dos seus laços económicos. O que, na prática, resulta como uma aproximação e como uma intensificação da concorrência. (Pág. 5)

Évora ou Faro ?

O ordenamento do território pode dar lugar a calorosas discussões. O deputado Jorge Correia lamenta, na Assembleia Nacional, a ausência de responsáveis algarvios nos trabalhos de preparação do projecto ou anteprojecto da Região-Sul, a incluir no IV Plano de Fomento. Mas não foi esta intervenção que abriu as hostilidades. Cremos que este papel cabe a outras intervenções, sobretudo na imprensa regional, entre as quais se destaca a do Major Vieira Branco, presidente da Federação de Municípios do Algarve. Uma exposição sua dá o tom às «reivindicações algarvias»: «Por dever de ofício e imperativo de consciência, fui levado a procurar esclarecer-me sobre o estudo do Ordenamento do Território na parte que à criada Região de Planeamento Sul e à Sub-região do Algarve diz respeito.

É extraído desse «Ordenamento» tudo ou quase tudo que a seguir se indica, pelo que me dispenso do uso de aspas:

Na região sul cada um dos centros urbanos mais importantes domina apenas uma área restrita, gravitando directamente na órbita de Lisboa, sem que nenhum deles apresente actualmente aptidões especiais como capital regional.

A hierarquização dos seus centros urbanos — Evora (272 pontos), Faro (270), Beja (212) e Portalegre (186) — vem confirmar o equilíbrio das forças existentes entre as duas maiores cidades com vantagem para a segunda, se considerarmos a proximidade de Olhão.

Se para Faro e Beja, mais afastadas e excêntricas em relação à grande metrópole ainda se pode admitir uma relativa autonomia futura, não se vê que Évora e Portalegre possam tornar-se muito menos dependentes de Lisboa.

Assim, a única opção possível parece ser a de admitir a criação de uma região autónoma no litoral sul abrangendo a área polarizada por Beja e Faro, com a capital nesta última.»

Ora, explica o Major Vieira Branco, o IV Plano de Fomento prevê uma inversão das posições relativas de Évora e Faro, aparecendo a cidade algarvia como centro secundário de uma Região Sul capitaneada por Évora. O autor põe as cartas na mesa:

«Em assuntos de tal magnitude é o nosso direito de cidadãos saber o que motivou tal volta-face. É mesmo nosso dever perguntá-lo ao Governo informando-o do nosso sentir, porque se ele tem indiscutìvelmente o direito de decidir, convém que seja alertado das consequências políticas dessa opção: Alentejo ou Algarve.

A convicção de quem decide de que os algarvios, se conscientes da injustiça que se pretende fazer, continuarão calmamente apenas tratando de si, desinteressados do que tão transcendente opção representa para o Algarve ou a certeza em que por isso o Governo estará da falta da resposta apropriada da massa eleitoral algarvia tem de ser por nós respeitosa, embora completa e firmemente, desmentida.

Já que os nossos deputados — ou desconhecem a injustiça ou se conhecem nada dizem nem nos dizem — parecendo assim pouco interessados em tão magno assunto para o futuro da província, necessário se nos torna, aos residentes no Algarve, fazermos chegar pelas vias competentes ao Governo através das nossas Câmaras Municipais, o nosso veemente, embora ordeiro protesto, contra tal procedimento que, sem qualquer justificação aceitável, será pura arbitrariedade.»

Concluindo a exposição, uma síntese da reivindicação e dos meios a utilizar:

Sofrendo os inconvenientes do turismo e da emi-

Continua na pág. 2

LEIA HOJE

EGIPTO: intelectuais excluídos do partido único

Trabalhadores de Moçambique na África do Sul

«Religião e Ciência nas Escolas Californianas», por Jack McCurdy

«Como não Fui Dramaturgo», uma carta do Brasil de Chianca de Garcia.

HOJE: 28 PÁGINAS

LEIA AMANHÃ

«Exclusivo», o suplemento das segundas-feiras, que inclui: «Jugoslávia, Campanha de Depuração Ideológica»;

«Dossier da Segunda Guerra da Indochina (2) — Os Seis Últimos Anos», e «Uma Vitória Contra a Gripe do Instituto Pasteur».

«A crise em Cascais» — o segundo artigo da série sobre o concelho de Cascais

A técnica ao serviço do desmoronamento de prédios

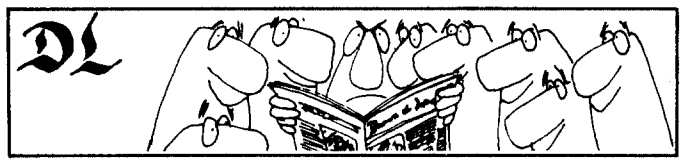
ÉVORA OU FARO

Continuação da pág. 1

gração, seja-nos ao menos dado o tratamento que um estudo sério, objectivo e imparcial como é o Ordenamento do Território, lógica e imparcialmente nos atribui: Região litoral sul, independente de uma capital interior incapaz de organizar quer o Alentejo quer menos ainda o Algarve.

Só a congregação dos valores algarvios dispersos pelo país, permitirá fazer sentir ao Governo e à Nação o que o Algarve quer. Necessário se torna que os algarvios por todos os meios ao seu alcance (prestígio pessoal, amizades, poder, etc.) se decidam a lutar pela nossa província.

Parece evidente que não há lugar para «guerra regional», mas tão-só para uma acalorada discussão, inicialmente pública, finalmente privada. Não cabe lembrar acontecimentos como os de Reggio, no sul de Itália, em 1970, e menos ainda o modo como as questões regionais se vêm pondo em países como a França. Entre nós os «costumes são mais brandos». Quando se diz «lutar por todos os meios ao seu alcance», quer evidentemente dizer-se «prestígio social, amizades, poder»... Interessante seria saber explicar as razões das mudanças de orientação e conhecer as «forças vivas» que, num e noutro sentido, pressionam Saber, por exemplo a relação entre os interesses do turismo algarvio ou da lavoura alentejana e a questão em disputa, averiguar da entrada em cena doutros interesses como os industriais: no fundo, determinar a relação as opções regionais e as estratégias económicas em presença.



Ainda o mistério do "Angoche"

— E uma grande mulher, uma mulher cheia de coragem! — disseram-me, apontando uma banhista que brincava com os filhos na areia.

Perdê-la-ia de vista pouco depois, quando centenas e centenas de veraneantes se desencadearam sobre a praia. Mas não esqueci mais essa mulher simples que escondia os seus medos e os seus sofrimentos; que os escondia ou os repudiava; que se recusava a entrar no jogo do esquecimento ou da fácil acusação.

Era a mulher do capitão Bernardino que, com os seus homens, desapareceu de bordo do «Angoche», vai para dois anos. Sobre Ana Maria Bernardino caíram durante dias, durante semanas, avalanches de notícias contraditórias. O Centro de Informação e Turismo, de Lourenço Maeques dizia num comunicado oficial: **«O navio «Angoche» chegou hoje a Lourenço Marques, dia 6, cerca das 5 horas da manhã. A primeira inspecção realizada pelos serviços da Marinha no navio «Angoche» faz supor ter-se realizado um «golpe de mão» para rapto dos tripulantes. Continuam a ser realizadas investigações sobre o incidente».**

No sábado, 8 de Maio, a agência D.P.A. citara uma notícia emitida pela Rádio sul-africana segundo a qual os tripulantes do cargueiro se encontrariam presos em Dar-Es-Salaam, capital da Tanzânia.

A partir daqui, as notícias começaram a atropelar-se até se chegar à conclusão do inquérito segundo o qual a tripulação teria sido tomada de pânico lançando-se ao mar com coletes de salvação. Os tubarões que povoam fortemente a área não os poupariam, para mais atraídos pelo sangue dos que se encontravam feridos.

Esta seria a sorte dos tripulantes que se lançaram à água. Os outros teriam sido consumidos pelo fogo. Sendo porém verdade que, nas cinzas laboriatorialmente tratadas, nenhuns resíduos orgânicos se encontrassem desses tripulantes (de cujos fatos se encontraram botões) não se achou ao menos um dente.

Um ano se passou desde o Verão em que, pela primeira vez encontrei Ana Maria Bernardino na praia da Ericeira, donde o capitão era ou (para atender a constante rectificação da mulher e da mãe do capitão do «Angoche» que não aceitam em falar do marido ou do filho em termos de passado) é natural. Um ano se passou de angústias, de silêncio, de tensão constante.

Inflexìvelmente, Ana Maria Bernardino recusa-se a admitir a morte do marido e da tripulação do «Angoche» nas condições apontadas.

Está aqui, à minha frente. Uma expressão que, de tanta firmeza, parece dura. No rosto anguloso os olhos brilham, animam-se de uma estranha luz quando se fala do «Angoche». De repente, a meio da conversa, sobressaltado por uma hipótese inquietante, perturbada por uma situação ainda não avaliada e que se apresenta como um beco sem saída, o silêncio retoma os seus direitos — e o olhar de Ana Maria perde-se no vago, na distância como se pretendesse ver na escuridão cerrada...

Dura pouco o silêncio. Uma nova explicação foi encontrada. Ela conhece a região, fez várias vezes aquela mesma viagem, dentro do mesmo barco. Não raro, tempera com um sorriso uma ou outra afirmação proferida a propósito do incidente. Os relatórios estão todos sublinhados pelo seu próprio punho, salientando-se esta ou aquela conclusão.

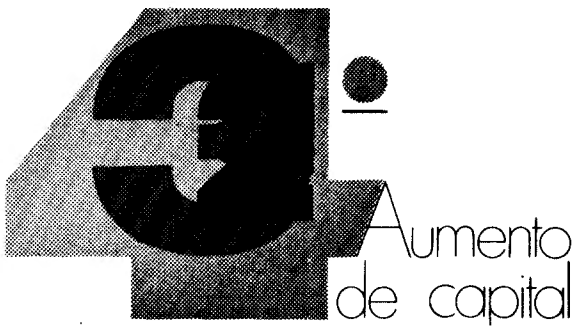
No entanto, dois anos estão quase passados. Dois anos sobre um incidente que continua a ser um mistério bem capaz de alimentar a fantasia dos romamcistas ou dos dramaturgos: no dia 23 de Abril de 1971, pelas 5 horas da tarde, o cargueiro saiu do porto de Nacala, com carga geral, em direcção a Porto Amélia onde chegaria às cinco horas da manhã. Onde nunca mais chegou. Que teria acontecido nessa noite de 23 para 24? Não se sabe.

Não se sabe. Ana Maria Bernardino aceita o sofrimento, mas não se resigna à passividade, continua a dizer **não** ao luto. Recusa-se a abandonar o barco da esperança.

MÁRIO CASTRIM

BANCO DA AGRICULTURA

Rua da Assunção, 74 - Lisboa



CIESA-NCK

PAGAMENTO DA 2.ª PRESTAÇÃO DAS ACÇÕES NÃO LIBERADAS

1—PRAZO

De 19 a 21 do corrente mês de Fevereiro.

2—MODALIDADES

500$00 por cada acção da subscrição com reserva de preferência;
1.250$00 por cada acção da subscrição pública.

3—LOCAIS

Nos balcões onde foi feita a subscrição das acções, contra a apresentação das respectivas cautelas.

4—OUTRAS INDICAÇÕES

4.1 — As entidades portadoras de lotes de cautelas deverão ordená-las pela sua sequência numérica.

4.2 — A partir da data indicada deverão também ser apresentados os títulos das emissões anteriores para carimbagem pelo aumento de capital efectuado.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1973

O Conselho de Administração

O TEJO REGULAR

A regularização do caudal das águas do Tejo foi recentemente estudada em Santarém, na presença do ministro das Obras Públicas e Comunicações, numa reunião com a Comissão Orientadora da Elaboração do Plano Geral de Regularização do Rio Tejo. Os estudos encontram-se já relativamente adiantados — na sua segunda fase — e incluem a análise dos caudais, o estudo das chuvas e dos escoamentos, dos solos e da sua erosão, de vias de tráfego, etc.. O início dos trabalhos, extremamente importante para a lavoura de região, nomeadamente para os seus 10 000 hectares de vinha em várzea inundável, ainda não está marcado, mas conta-se que o seu plano geral seja apresentado em meados deste ano.

Engenheiro

Benito Garcia Yañes

MISSA DE 7.º DIA

A GERÊNCIA E COLABORADORES DE DURAN GARCIA & C.ª, antecipadamente agradecem a todos os seus amigos que se dignarem assistir à missa por sua alma, que será celebrada amanhã, às 11.30 horas, na igreja das Mercês.

Engenheiro

Benito Garcia Yañes

MISSA DE 7.º DIA

A família do saudoso extinto convida todas as pessoas das suas relações a assistirem à missa por alma de eu querido finado, que se realiza amanhã, pelas 11.30 horas, na igreja das Mercês.

P. N. A. M.

VULCÕES

Creio que era Raquel de Queiroz (mas não estou certa) que um dia lamentava, numa das suas crónicas de «O Cruzeiro», o facto de o Brasil não possuir, pelo menos, um vulcão. Que tinha de tudo, dizia ela. Mas, que tristeza, nenhum vulcão. Raquel de Queiroz sorria decerto ao escrever a sua crónica. Porque os vulcões — pensemos neste que nos últimos tempos entrou em actividade na ilha islandesa de Westman, o Helgafell — podem ser uma beleza turística mas são acima de tudo uma catástrofe terrível. Uma catástrofe terrível hoje. Mas amanhã? Mas depois de amanhã se houver tempo?

Leio que os russos estão a estudar activamente a colocação de válvulas de segurança nos trinta vulcões-cobaia, em actividade, que possuem na península de Kamchatka, no extremo oriente da Sibéria. Objectivo em vista: impedir as erupções utilizando na vida corrente a energia e o calor libertados. A revista «Soviet Weekly», publicada em Londres, refere-se (diz-nos à France Press) a esta nova possível conquista do homem à natureza bruta e tantas vezes brutal. As experiências estariam a ser efectuadas desde 1967 e já teriam entrado em funcionamento, embora com carácter experimental, uma central electrica alimentada pelo vapor vulcânico, ruas aquecidas e até uma piscina ao ar livre.

Eis-me, tal como Raquel de Queiroz (seria mesmo Raquel de Queiroz?) a lamentar a ausência de um vulcãozito, mesmo modesto, aqui neste rectângulo onde moramos. E que — estão a ver? — electricidade barata, ruas aquecidas, piscinas de água quente, aquecimento fácil das nossas frias casas de inverno, sei lá.

Mas não. Na Europa pouquíssimos poderão ter amanhã — ou depois de amanhã se houver tempo — todos esses requintes principalmente reservados a extremo-orientais e centro e sul americanos (não brasileiros). Aqui estou pois a tiritar de frio e a lamentar também esta nossa irremediável pobreza vulcânica.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

O nosso mundo

PORTALEGRE

Também em Portalegre se continua a notar uma exagerada atribuição nas rendas de casa, não só nas de construção recente, mas também nas antigas, a maior parte das vezes sem as condições necessárias. Isto apesar de terem sido construídas muitas moradias mas que não são suficientes dado o afluxo de rurais à cidade, ao aumento dos quadros do funcionalismo e ao desenvolvimento do comércio e da indústria. Já se pede 2.000$00 pela renda de uma casa, às vezes longe de ser boa. O facto é de lastimar numa cidade cuja população é, na maioria, constituída por funcionários e operários. E assim há famílias que estão a viver acumuladas em habitações que não têm os necessários requisitos do ponto de vista de higiene ou de moral. («Diário do Alentejo»)

ÉVORA

Não sabemos se os funcionários encarregados de zelar pela conservação de quanto diz respeito aos serviços camarários já repararam naquela cova que o pavimento da Rua José Elias Garcia apresenta mesmo em frente da «Casa dos Tabelados» e que, quando chove, se transforma numa lagoa. É possível que ela tenha passado despercebida para eles, o que já não acontece com os transeuntes que, em dias de chuva, de vez em quando são atingidos pela água ali empoçada e impelida pelo trânsito dos automóveis. O mesmo acontece com a porta e montras do estabelecimento que ali se situa. Como se sabe está a ser reposta a calçada que foi levantada para colocação dos canos de abastecimento de água à cidade. Aproveitando esses trabalhos, não seria possível reparar essa cova, acabando, de vez, com os inconvenientes atrás apontados? E já que falamos em covas nas calçadas, fazemos também referência àqueloutra, na Rua João de Deus, mesmo á esquina da Rua da Ladeira, que há cerca de um ano espera ser eliminada. («Notícias d'Evora»).

SÃO ROMÃO (SEIA)

Poluição: esta palavra é hoje vulgar e nada há que não esteja poluido. Há poluição na terra, nos mares e no ar. O Homem procura resolver, científicamente, o problema da poluição e debruça-se nos laboratórios, ao estudo atento e cuidado para a evitar. Haverá possibilidades de tal quando os recursos naturais — a floresta — estão a faltar, e o próprio Homem a não evita? Sim, a própria Humanidade está poluída de vícios, de crimes, de falta de prudência, de exigências desmedidas, de senso, de equilíbrio moral, etc., etc... E como resolver estes problemas que tanto afligem a Humanidade? Seria o homem a primeira realidade a evitar que sofresse a poluição e o resto viria depois. Se houvesse possibilidade de tal se conseguir a vida na terra seria melhor e mais fácil. Tanto crime, tanta desgraça, motivados pela ambição desmedida do homem. A ruína está preparada pela própria Natureza. Lisboa em 1755, Agadir, Manágua e tantas outras cidades são bem o sinal do luto, da desgraça e da infelicidade. («Diário de Coimbra»)

FACTOS

TRABALHADORES DE MOÇAMBIQUE NAS MINAS DA ÁFRICA DO SUL

Milhares de trabalhadores moçambicanos continuam a emigrar para a Africa do Sul, «levados pelas fracas possibilidades de angariar a mínima subsistência na sua terra natal», segundo a expressão do deputado Max Fernandes, de Moçambique, na sua comunicação 31 de Janeiro passado na Assembleia Nacional.

Essa «multidão de trabalhadores simples e humildes», talvez a «mais vasta migração dos nossos dias» tem constituído, no dizer do deputado, uma enorme força de trabalho ao serviço da prosperidade daquele país. Desde o famoso acordo de 1928, milhões de trabalhadores foram «engajados» (sic) sem terem tido opinião nem voz nos termos da prestação de serviços, nem disporem de qualquer órgão ou representação oficial que se interesse pela solução de todos os problemas que eles vivem nas minas sul-africanas, em particular quanto ao regime de trabalho e quanto aos magríssimos salários que auferem. Os elementos dificilmente recolhidos pelo deputado levam-no a considerar que os ordenados destes trabalhadores constituem «uma das maiores injustiças sociais do nosso tempo».

Segundo as leis sul-africanas de «Reserva de Emprego», os negros não podem ascender à categoria de trabalhadores qualificados, mesmo que muitos deles exerçam de facto tarefas especializadas.

Quanto aos salários, o trabalhador negro em 1969 ganhava em média cerca de 6 965$00 por ano, 21,7 vezes menos do que ganha um trabalhador branco (140 210$00). A situação piorou desde 1911, altura em que a diferença era de 11,7 para 1. Acontece, ainda, que desde 1938 os ordenados dos brancos subiram 70 por cento, ao passo que os dos negros ou se mantiveram iguais ou são inferiores aos de 1911 apesar do surto infaccionário da Africa do Sul.

A dureza do trabalho da mina descreve-a o deputado socorrendo-se das indicações do economista sul-africano Francis Wilson, nestes termos: «Lembremo-nos dum trabalhador esburacando o passeio com uma broca pneumática. Agora imaginemos o que não será um homem a fazer esse trabalho a centenas de metros debaixo do solo, (ou a dois ou três mil metros) sob calor infernal (a temperatura da rocha atinge 40 a 50 graus centígrados), onde nem sequer pode ficar de pé, onde a broca não funciona com o auxílio da gravidade sobre o chão, antes é segurada em posição horizontal e guiada para a parede em frente... O barulho da broca, o pó, a possibilidade de o tecto da mina ceder de repente sob pressão ou de uma explosão provocada por uma faísca da broca que pode inflamar uma boca de gás metano — e teremos uma ideia do trabalho de um rapaz-máquina (machine boy). A ideia de um verdadeiro inferno, dizemos nós».

E continua o relatório negro: o trabalhador africano não tem direito a pensões; quando contrai tuberculose é mandado para casa ao fim de três ou quatro semanas, com um lote de remédios e a direcção de uma clínica; quando contrai pneumoconiose é mandado para a terra de procedência com uma pensão de 20 contos; vive habitualmente em camaratas por vezes com 90 companheiros (só homens).

«Que vergonha! Que lástima! — comenta Max Fernandes, ao recordar que assim os moçambicanos trabalham para empresas poderosas que alcançam lucros fabulosos ganhando apenas a «esmola» de 650$00 por mês. E continua: «Seria o salário razoável para uma toupeira, não para um homem».

Boa parte dos 724 mil mineiros da Africa do Sul são moçambicanos. Cerca de 13 por cento, dos mineiros são brancos e recebem de ordenados 71 por cento do total das folhas, ao passo que os 630 mil negros (87 por cento) recebem a ridicularia de 29 por cento.

Citando casos concretos, Max Fernandes refere a Anglo-American Corporation, a empresa que pratica melhores ordenados, e na qual é patente a discriminação: 16 contos para o branco e apenas um para o negro. E passa-se isto num sector privilegiado da indústria, onde algumas minas arrecadam um lucro mensal de 40 mil contos, (em 1971, a Anglo-American, só numa província, teve um lucro de 5 milhões e meio de contos) «quando em Lourenço Marques o vencimento mínimo da telefonista de um banco é de 4 750$00 mensais, não contando com o subsídio de renda de casa, abono de família, licenças, etc., a que tem direito».

E para completar o quadro, aponta-se a ganância dos comerciantes que tentam ardilosamente os trabalhadores a fazerem despesas supérfluas, regressando a casa sem vintém, no fim do seu período de prestação de serviço.

A conclusão única do deputado é esta: impõe-se a revisão imediata do Acordo de 1928, entre o governo português e o sul-africano, devendo caber-nos a iniciativa de «pedir» essa revisão.

ESCLARECIMENTO DO PRESIDENTE DO CONSELHO

A intervenção do deputado moçambicano provocou uma resposta do Presidente do Conselho de Ministros, que em 7 do corrente enviou à Assembleia Nacional um esclarecimento em que dizia:

«A chamada «Convenção de Moçambique» de 1928, que regulava o emprego da mão-de-obra portuguesa de Moçambique nas minas de oiro e de carvão do Transvaal na República da Africa do Sul, foi revista em 1934 e deixou de vigorar em 1964.

... Quando por conseguinte o sr. deputado Maximiliano Fernandes apela para que o Governo solicite a revisão do Acordo de 1928 — a chamada «Convenção de Moçambique» — verifica-se que essa revisão já foi efectuada.

Existem actualmente, nas chamadas minas do Rand, na República da Africa do Sul, cerca de 1,5 milhão de trabalhadores estrangeiros... Cerca de 100 000 são portugueses de Moçambique. Apenas os trabalhadores portugueses gozam da protecção que lhes é concedida pelo Acordo de Mão-de-Obra de 1964 e que nas suas linhas gerais é a seguinte:

— Existência, em Johannesburg, de uma delegação do Instituto do Trabalho Previdência e Acção Social de Moçambique, com diversas subdelegações que acompanham o cumprimento dos contratos de trabalho e visitam frequentemente as minas para fiscalização das condições de trabalho.

— Transferência para a terra da naturalidade do trabalhador português, em Moçambique, das economias que realizaram durante o seu contrato, que podem ir até 60 por cento dos salários recebidos.

— Fixação de um período de duração do contrato — 1 ano e em casos especiais 18 meses — que em caso algum pode ser excedido.

— Garantia de cobertura por um regime de seguro contra acidentes de trabalho e de doenças profissionais.

... O sr. deputado Maximiliano Fernandes, na sua intervenção, refere-se também à existência, na República da Africa do Sul, de legislação discriminatória no que se refere à mão-de-obra europeia e «bantu». A matéria é da competência interna da República da Africa do Sul e as autoridades portuguesas têm de, à luz das realidades, obter para os trabalhadores portugueses as melhores condições de trabalho. E esse objectivo foi largamente atingido com a celebração do Acordo de Mão-de-Obra de 1964.»

RÉPLICA DO DEPUTADO

Na sessão de 14 de Fevereiro o deputado comentou a resposta do Presidente do Conselho. Recorda-se o tom das suas palavras tal como o nosso jornal delas se fez eco na edição da passada quinta-feira:

«O orador informou que o seu desconhecimento de ter sido substituído o Acordo de 1928 (desconhecimento extensivo a todos os deputados, em sua suposição) se devia ao facto de o Instituto de Trabalho de Moçambique não lhe ter fornecido

Continua na pág. 4

MOÇAMBICANOS

Continuação da pág. 3

os elementos que, nos termos constitucionais, lhe pedira. Partiu portanto do convencimento de que se mantinha o Acordo de 1928, sobretudo pelos dados fornecidos por um livro («Trabalho nas Minas de Ouro da África do Sul — 1911/1969») do sul-africano dr. Francis Wilson, publicado em 1972. Nessa obra **«esse eminente economista analisa a estrutura do trabalho nas minas e demonstra como uma combinação dos grupos financeiros que os exploram tem permitido manter o nível do salário dos africanos quase mais baixo do que era em 1911»** — afirmou Max Fernandes. O deputado serve-se depois dos elementos colhidos no Ministério do Ultramar, por sugestão do Presidente do Conselho, para chegar às seguintes conclusões: **«o salário desses mineiros, mesmo depois do Acordo de 1964, orça em cerca de 800$00 mensais, ou seja menos de metade do que algumas empresas mineiras daquele país já estão pagando aos seus trabalhadores; a compensação para acidentes de trabalho e doenças profissionais tem um «plafond» de 11 000$00; o nosso trabalhador sofreu, com a desvalorização do rande, uma diminuição efectiva do seu salário de cerca de 10 por cento, por não estar defendido contra essa eventualidade. Isto significa, grosso modo, que se são 100 000 os nossos trabalhadores em «roulement» nas minas, serão aproximadamente 100 milhões de escudos que anualmente deixam de dar entrada em Moçambique!»**. Comentou o orador: **«Mesmo revogada a Convenção, subsiste, portanto, o gravame salarial que a extraordinária valorização do ouro torna ainda mais conspícua, e creio que o próprio Acordo de MãodeObra de 1964 não resistirá a uma análise à luz da doutrina do Estado Social de que Sua Excelência o Presidente do Conselho é enunciador e que perfilho de alma e coração.»**

REGIONAL

RUSGAS POLICIAIS NOS CAFÉS DE BRAGA

BRAGA — Alguns estudantes da Escola Técnica e da Escola Piloto foram identificados e mandados comparecer no comando da P.S.P., durante uma rusga, efectuada às 16,30 h., em cafés, bares e outras casas de comes e bebes.

O comandante da P.S.P., capitão Sotero da Costa, depois de os ter interrogado um por um, aconselhou-os a não frequentarem salas de jogos, e incitou-os a dedicarem-se ao estudo e à prática de actos que os dignifiquem.

Durante a mesma rusga, foram identificados e mandados comparecer na P.S.P. cerca de meia centena de operários, muitos deles electricistas e trolhas, que não trabalham há meses. O capitão Sotero da Costa interrogou-os pessoalmente e aconselhou-os a procurarem trabalho, ameaçando remetê-los a tribunal como vadios se persistirem em levar vida ociosa.

Esta rusga, como outras realizadas tanto de noite como de dia, foi motivada pelos últimos assaltos a estabelecimentos comerciais e industriais da cidade. A P.S.P. procura descobrir qual é a origem dos rendimentos dos indivíduos sem trabalho que passam horas seguidas em cafés bares e tabernas, como se fossem gente endinheirada.

REPRESSÃO NO FUNCHAL

FUNCHAL — As ruas do Funchal têm estado a ser batidas todas as noites, até de madrugada, por patrulhas a pé de agentes da Secção de Justiça da P.S.P.

A vigilância policial a que estão a ser submetidos os noctívagos permitiu já a descoberta dos autores de numerosos crimes e a identificação de indivíduos pertencentes às chamas minorias sexuais. A acção policial tem visado, em especial, os grupos que se formavam todas as noites em determinados pontos da cidade. Antes de iniciadas estas rusgas, eram frequentes os ataques e as desordens nas ruas da cidade, assim como os furtos. A acção das patrulhas a pé é apoiada e reforçada pela vigilância realizada por rádios-patrulhas.

O Mosteiro da Batalha ameaçado pela poluição

BATALHA — Durante séculos, a pedra do mosteiro da Batalha manteve a sua cor original, por o monumento estar situado num descampado, longe de qualquer fonte de poluição. Mas não tardará o dia em que o mosteiro, símbolo da independência nacional, não seja mais do que uma massa escurecida pelos gases libertados pelos automóveis e camiões.

Quando da rectificação da rodovia Lisboa-Porto, foi construído um troço de estrada na colina que domina o mosteiro. Durante o dia e a noite, os automóveis e camiões que sobem a colina libertam gases em grande quantidade, a trezentos ou quatrocentos metros do mosteiro. Os camiões a gasóleo deixam atrás de si densas nuvens de fumo negro. Receia-se que estes gases venham a enegrecer as paredes do mosteiro, fazendo-lhes perder a sua côr primitiva. Seria útil que a Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais procedesse a um estudo da poluição causada pelo tráfego rodoviário. Dentro de uns anos, poderá ser demasiado tarde.

Vem a propósito chamar a atenção para outra ameaça que pesa sobre o mosteiro da Batalha. Durante séculos, esteve envolvido por uma natureza quase selvagem, a solidão e o silêncio convidavam à meditação. Presentemente, está a ser envolvido por um centro comercial, com lojas de recordações, cafés, pensões e casas de comes e bebes, tudo num estilo falsamente regional. Especialmente durante as peregrinações a Fátima, os arredores do mosteiro são transformados em arraial, havendo, até, quem vá merendar para o interior do templo, a dois passos dos túmulos de D. João I, de D. Filipa e dos seus filhos. Um dos sítios mais belos de Portugal está em vias de ser inteiramente destruído pela subordinação de todos os valores aos lucros dos comerciantes que vivem do turismo.

A poluição do Zêzere arruina os agricultores

ABRANTES — O Zêzere encontra-se inteiramente poluído pelas águas vindas da barragem do Cabril e pelos detritos lançados no rio pelas minas da Panas queira.

A poluição do Zêzere está a provocar a ruína dos agricultores que possuem propriedades nas margens do Zêzere. Antes de haver começado a poluição pelas minas da Panasqueira, as cheias do Zêzere fertilizavam as terras marginais, tornando desnecessária a utilização de adubos. Actualmente, as cheias do Zêzere inquinam os terrenos, fazem baixar o rendimento. Muitos proprietários desistiram já de cultivar as suas terras, por as receitas que tiram da exploração não bastarem para cobrir as despesas com o combate à poluição causada pelas minas.

Às águas do Cabril e os detritos vindos das minas da Panasqueira causaram também a morte do peixe no Zêzere, numa extensão de mais de trinta quilómetros. Desde Porto de Vacas, onde entram no Zêzere as águas vindas da barragem de Santa Luzia, até à barragem das minas da Panasqueira, não se encontra um único peixe. Antes da poluição das águas, este troço do Zêzere era muito rico em pescado, graças às muitas fragas e refúgios que ali existem.

Nos últimos anos tornou-se moda falar dos perigos da poluição. É tempo de passar das palavras aos actos, impedindo que os nossos rios se transformem em canos de esgoto das indústrias e das minas.

Os jacintos invadem a lagoa de Alverca

GOLEGÃ — A lagoa de Alverca encontra-se infestada de jacintos aquáticos, numa extensão que não andará longe dos três quilómetros, o que prejudica a utilização das suas águas.

Durante o último Verão, a Direcção Hidráulica do Tejo retirou da lagoa de Alverca muitas toneladas de jacintos, operação em que despendeu algumas dezenas de contos. Por falta de verba, ou por qualquer outra razão que ignoramos, a limpeza não foi completa. Como os jacintos aquáticos se reproduzem muito ràpidamente, a lagoa já se encontra novamente infestada. As despesas feitas com a limpeza resultaram, assim, em pura perda.

Sublinhe-se que o município pediu à Direcção Hidráulica do Tejo para utilizar no combate aos jacintos aquáticos um produto químico que deu excelentes resultados nos Estados Unidos, pedido que não foi tomado em consideração.

MOURA SEM LEITE AO DOMICILIO

MOURA — A população de Moura deixou de beneficiar da distribuição de leite ao domicílio, o que poupava trabalhos e canseiras às donas de casa.

A distribuição era feita pelos proprietários das pequenas vacarias existentes nesta vila. Alegando que o preço do leite não era remunerador, requereram que fosse aumentado para cinco escudos o litro, pedido que foi indeferido. Com resposta, os proprietários das vacarias deixaram de fazer a distribuição ao domicílio e passaram a vender o leite a um posto de compra de uma empresa industrial, ao preço de quatro escudos o litro.

Segundo nos diz pessoa geralmente bem informada, aquela indústria vai passar a desnatar o leite, o que reduzirá o seu valor alimentar. Também nos diz que o leite passará a ser vendido em embalagens de plástico, nos estabelecimentos comerciais, a mais de cinco escudos o litro, ou seja, a um preço superior ao que era pedido pelos proprietários das vacarias.

Como a empresa que adquire o leite aos produtores possui o monopólio da comercialização, os consumidores terão de se resignar. É mais um exemplo de que a concentração comercial ou industrial nem sempre resulta em vantagens para os consumidores.

ambos são belos...
...ambos vão longe

Ambos são japoneses. Completam-se.
Crisântemo, símbolo imperial do Japão,
significa longevidade... e é belo.
O CORONA 1700 vai longe. Dura «longe»,
mesmo muito longe...
e também é belo.
Baixo, panorâmico, manejável.
Carro familiar. Motor 1700 c.c.
Total conforto e enorme facilidade a subir e a rolar.
Veja-o hoje mesmo.
É um estilista oriental

HÁ LONGO TEMPO EQUIPADO COM O SISTEMA ANTI-POLUIÇÃO.

AINDA "MAIS CARRO" PARA TODA A FAMÍLIA

TOYOTA CORONA 1700

IMPORTADORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S. A. R. L.
Concessionários em todo o País com Assistência de Serviço e Peças

senarte TOT.CN.4

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim M. Nunes, Rua Dr. António Martins — ROSSIO AO SUL DO TEJO — ABRANTES

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Ramalho e Madruga «Papelaria Simões». Praça da República, 72 — VENDAS NOVAS

JAPÃO: VIRAGEM À EUROPA

Um número recente da «Informação» da Comissão das Comunidades Europeias faz o ponto das relações entre o Japão e a Europa Ocidental. Estas têm crescido mais ràpidamente do que o próprio comércio no interior do Mercado Comum: mais que quadruplicaram na última década. No entanto, o seu valor absoluto é ainda baixo, representando apenas 2 por cento do comércio total da comunidade europeia e 15,6 do mércio japonês. Ainda em 1970, 30,7 por cento das exportações japonesas dirigiam-se aos Estados Unidos, contra 6,7 por cento em direcção ao Mercado Comum. Trata-se pois de um campo de trocas em expansão rápida, com razões para continuar a crescer: Entre 1958 e 1971, as exportações da comunidade europeia para o Japão aumentaram em 706 por cento rnquanto as exportações japonesas para a comunidade aumentavam em 941 por cento.

A ESTRUTURA DAS TROCAS

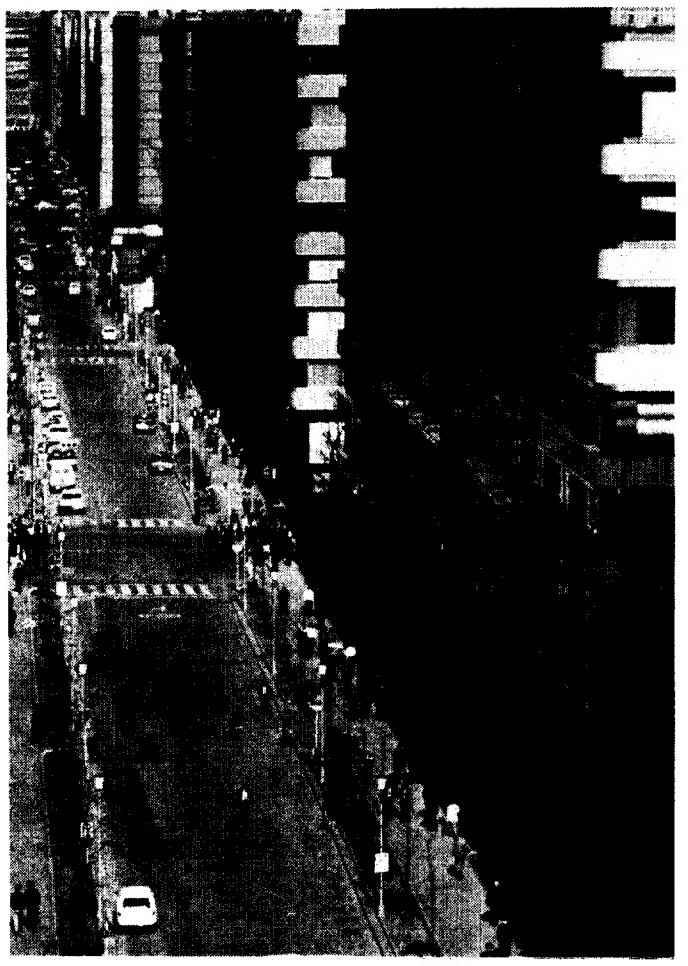
Mais de 80% das exportações japonesas são constituídas por produtos manufacturados. O sector de mais intenso crescimento é o das máquinas e do material de transporte (1000% entre 1958 e 1968), seguido pelo químico (852%),. Os produtos alimentares conheceram um importante aumento (318%), devido ao surto das conservas de peixe e de legumes. Metade das vendas japonesas é composta por aparelhos fotográficos e de precisão, produtos siderúrgicos, pérolas e produtos têxteis.

Por sua vez, os artigos industriais cobrem 85%das exportações do Mercado Comum para o Japão. São os produtos semimanufacturados e manufacturados excluindo produtos químicos, máquinas e automóveis) os que conheceram maior expansão. Mas, ainda que crescendo menos ràpidamente, são as máquinas e o material de transporte que constituem o principal grupo de exportação europeia.

Como resultado da mais rápida expansão das exportações japonesas, a balança comercial do Mercado Comum com o Japão, que foi excedentária até 1867, tornou-se deficitária: 150 milhões de dólares em 1969,605 em 1971. O desequilíbrio tendia a crescer em 1972, pois enquanto as exportações japonesas aumentavam em 30%, as europeias apenas aumentaram em 3% (dados referentes ao 1.º trimestre do ano).

DIFERENÇAS E CONTRADIÇÕES

O principal terreno de disputa entre a primeira e a terceira maiores potências comerciais é, de momento, o dos seus próprios mercados. Não porque seja negligenciável a sua concorrência no «terceiro mundo». Acontece que aí, antes da concorrência entre japoneses e europeus, surge como mais aguda a que opõe americanos a cada um dos outros blocos. E, se ultrapassarmos o terreno da luta entre as grandes potências, deparamos com a sua relativa solidariedade perante a guerras populares e perante a luta dos países dominados pela independência económica e política. Por outro lado, a crise «monetária» internacional tem agudizado a disputa em torno das balanças comerciais e de pagamento das grandes potências capitalistas, tendo diminuído a capacidade compensadora dos mercados do «terceiro mundo»: as trocas comerciais têm crescido muito mais ràpidamente entre os países industrializados, representando as trocas com os países dominados uma parte cada vez menor do comércio mundial. Os próprios mecanismos do mercado mundial capitalista contribuem para agravar as crises e a concorrência nas grandes metrópoles.



As relações entre o Japão e o Mercado Comum põem ainda um problema derivado das características de cada uma das partes. O Japão surge como a potência capitalista em mais rápida expansão, em acelerada conquista de mercados externos. Para lá do facto de haver conseguido realizar extraordinárias condições de acumulação, relacionadas com uma elevada taxa de exploração do trabalho, com uma estratégia de expansão em mercados externos e uma forte concentração do poder económico, o Japão conta com a sólida coordenação da política económica dos grandes grupos industriais e financeiros (Zaibatsu) e entre estes e o Estado. A Europa, dada a relativa diversidade das condições nacionais e as correspondentes contradições de interesses entre os grupos económicos e entre os Estados, tem maior dificuldade em apresentar uma política comercial e monetária de igual coerência. Por outro lado, as condições das lutas de classes são muito mais agudas na Europa ocidental, o que diminui a margem de manobra dos governos e os obriga a fazer mais concessões do que desejariam aos sindicatos e aos sectores não monopolistas.

IMPASSE NAS NEGOCIAÇÕES

A primeira tentativa de negociação global teve início em meados de 1970, antes do Japão haver sido forçado a revalorizar o yen: a paridade do yen (360 por dólar), em vigor desde 1949, favorecia a sua capacidade concorrencial, acumulando-se os excedentes da sua balança comercial sobretudo em relação aos Estados Unidos 3.200 milhões de dólares em 1971. Não tendo resultado, as negociações recomeçaram, sem melhor resultado, em Julho de 1971. Após a revalorização e as «flutuações» do yen, e após as medidas de liberalização das importações decididas por Tóquio em Novembro de 1972, que não evitaram a pressão sobre o yen durante a crise em curso, é provável que as negociações voltem á ordem do dia. É, no entanto, possível que os efeitos da crise actual tornem ainda mais difícil a uniformização das posições europeias.

O acordo esteve delineado. O Japão deveria suprimir, até ao fim de 1974, 75%das disposições alfandegárias que, em 1970, impunham restrições quantitativas às importações. As últimas a desaparecer seriam referentes à agricultura e produtoa de pesca. Por seu lado, o Mercado Comum deveria abandonar 75% das restrições quantitativas vigentes no início de 1970.

Onde falharam as negociações? A comunidade europeia punha como condição para a liberalização das importações a aceitação pelo Japão duma «cláusula de salvaguarda» equivalente às já existentes nos acordos bilaterais entre alguns Estados membros (França e Benelux) e o Japão. Este, por sua vez, apenas aceitava a «claúsula de salvaguarda» do art. 19 do GATT, que igualmente autoriza um Estado membro a não baixar os direitos ou a limitar as importações, sempre que a sua indústria estivesse ameaçada. O fracasso das negociações, relacionado com a protecção aos sectores críticos da indústria europeia, não têm impedido o desenvolvimento das trocas, e muito menos depois da entrada da Grã-Bretanha, o principal cliente europeu do Japão, no Mercado Comum. Para lá e apesar do desacordo entre os Estados Unidos, proliferam os acordos privados entre empresas japonesas e europeias.

MODELO 707

SURDOS

CASA SONOTONE

Chegaram as novas remessas de LARINGES ELECTRÓNICAS, assim como os aparelhos modelo 707 a 2.500$00 com garantia. Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos, sejam ou não vendidos por nós, de qualquer marca ou de quaisquer casas. Se tem dificuldade em perceber o que lhe dizem vá hoje mesmo fazer um exame e demonstração que é gratuita. Vendemos pilhas de todas as voltagens. Pedimos uma visita ficando felicíssimos e agradecidos em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33 S/L — Telef.: 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef.: 02-35602
LUANDA — Rua António Enes, 42-2.º — Apartamento 26

A CRISE MONETÁRIA

ANTECEDENTES

Os acontecimentos que se produziram de há semanas a esta parte sobre a cena monetária, modificaram completamente o falso clima de segurança que reinava desde o mês de Agosto do ano findo. O dólar, que se apresentava de novo como uma moeda forte, porque um movimento de regresso dos capitais flutuantes aos Estados Unidos tinha finalmente começado, foi novamente desvalorizado.

Em 19 de Janeiro, as autoridades de Roma desistiram parcialmente de combater a especulação no sentido da desvalorização da lira, deixando de apoiar o câmbio para as operações financeiras e despesas dos turistas. O franco suíço quebrou as amarras, a partir de 23 de Janeiro, com a paridade fixa. Flutua, em alta, desde essa data. Quanto à Alemanha, de novo colocada na primeira linha, decidiu empenhar-se, desta vez, francamente no caminho do controlo dos câmbios.

À primeira vista, a diferença entre as reacções de Berna, por um lado, e de Frankfurt e de Bonn, por outro, surpreende. A Suíça, ameaçada por um novo afluxo de capitais, cuja causa imediata era a fraqueza da moeda italiana, adoptou, sem demora, o partido que, por duas vezes, havia tomado (no Outono de 1969 e na Primavera de 1971) Karl Schiller, então ministro da Economia e das Finanças da República Federal da Alemanha. Empregou imediatamente os grandes meios, porque quis travar o início um desfraldar de velas que teria tornado impossível, durante longos meses, todo o controlo da massa monetária interna num país de seis milhões de habitantes. A Alemanha Ocidental, devido às suas dimensões, não foi obrigada a recorrer imediatamente às medidas extremas. O Bundesbank adquiriu um bilião de dólares em dois dias. De Agosto a Dezembro de 1972, havia podido desfazer-se de cerca de 1,5 biliões, o que tinha levado, no fim do último ano, as suas existências de divisas à soma ainda fantástica de 16,8 biliões de dólares.

O que surpreendeu nestas decisões, tomadas, noite alta, pelo gabinete alemão, foi completa ausência do dogmatismo que caracterizava a política de Schiller, cuja demissão remonta a Julho de 1972. Que caminho se percorreu desde então! O tímido reforço de algumas medidas em vigor para suster o caudal dos fundos estrangeiros deu lugar a um controlo dos câmbios em boa e devida forma.

A DESVALORIZAÇÃO DO DÓLAR

A crise monetária foi oficialmente «solucionada» pela decisão tornada pública por Georges Schultz, secretário do Tesouro dos E.U.A. de desvalorizar o dólar em 10 por cento. Consequência necessária do sistema, ou mera «manifestação de superfície», ela afectou sèriamente os países ocidentais, nomeadamente os do Mercado Comum. Mas a crise está por resolver. «Encontrou-se, com alguma rapidez, uma solução para um momento mais agudo da crise, com particulares e evidentes reflexos no sistema monetário. Aliás desde 1971, Dezembro, é reconhecido que o sistema construído em Bretton-Woods, no após guerra, deixou de funcionar em Agosto desse ano, por decisão unilateral de Nixon a 15 desse mês, e a «cimeira» de Washington (de Dezembro) não criou outra relação mais ou menos estável, mas sim condições para precárias e pragmáticas decisões».

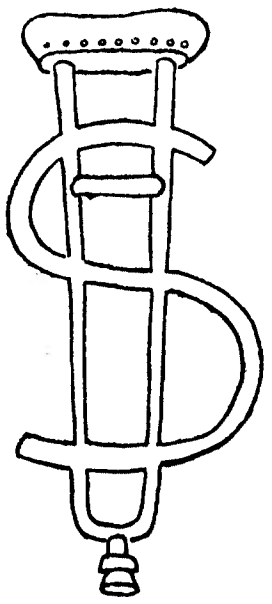
E O ESCUDO

O Governo estabeleceu uma nova paridade para o escudo: 1 dólar igual a 25$50, «tomando em devida conta a situação da economia portuguesa», como se afirma no comunicado do Banco de Portugal. O escudo fica valorizado em relação à moeda americana em 6,4 por cento; tendo esta sofrido uma desvalorização de 10 por cento em relação ao ouro, a moeda nacional que apresentará uma margem de desvalorização de 3,5 por cento face ao metal precioso. O escudo desvalorizou-se também em relação às moedas europeias que mantiveram a sua paridade com o ouro — o franco e o marco, por exemplo.

REACÇÃO POSITIVA DA BOLSA DE LISBOA

A Bolsa de Valores de Lisboa reagiu positivamente à desvalorização do dólar e à nova paridade do escudo. Segundo o índice de cotações do Banco Borges e Irmão (base 100, Dezembro de 1965), as acções transaccionadas na Bolsa de Lisboa sofreram uma valorização de 2,5 por cento, durante a última semana. As acções das empresas metropolitanas subiram 2,7 por cento. Os principais aumentos verificaram-se nas acções industriais, 6,3 pot cento, e nas acções bancárias, 3,6 por cento. As acções das companhias eléctricas subiram apenas 0,1 por cento. As acções diversas baixaram 8,7 por cento.

Pelo que toca às acções ultramarinas, beneficiaram de menor valorização, apenas 0,9 por cento. As acções das empresas de Angola subiram 1 por cento. Ao contrário, as acções das sociedades de Moçambique desceram 1,6 por cento.



CHENEZ

O DÓLAR DE MULETAS
Desenho de Chenez

Embora as variações dos valores na bolsa tenham sido influenciadas também por outros factores, em especial pelos anúncios dos dividendos distribuídos, é importante verificar que a crise monetária não provocou uma descida das acções transaccionadas. Ao contrário.

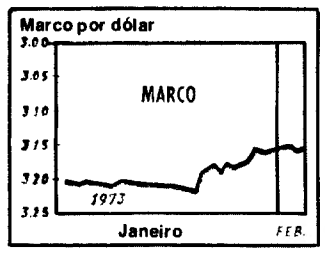
O DÓLAR ESTÁ A SUBIR EM LISBOA

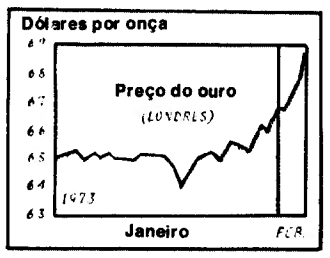
As novas cotações do escudo foram anunciadas na quarta-feira, à tarde. Dada a incerteza que reina no mercado internacional, as casas de câmbio foram autorizadas a praticar uma diferença de um escudo nas operações de compra e venda de notas de 50 e 100 dólares, diferença que anteriormente não ultrapassava os 30 centavos. Também se procurou, ao aumentar a margem entre a compra e a venda, acautelar os interesses das casas de câmbio que possuiam grandes reservas de moeda estrangeira.

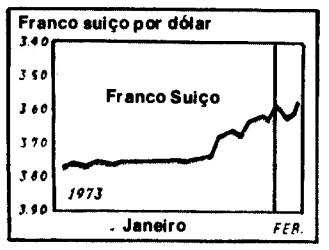
Na quinta e sexta-feira, verificou-se, de resto, uma valorização do dólar em relação ao escudo, tanto nas cotações do Banco de Portugal, para pagamentos internacionais por cheque, como nas cotações praticadas pelas casas de câmbio. Assim, na sexta-feira, à tarde, o dólar era cotado pelo Banco de Portugal a 25$81,4-26$05,8, contra 25$38,2-25$61,8 na quinta-feira. No mercado livre, o dólar de 50 a 100 passou de 25$00-28$00, na quinta-feira, para 25$00-26$20 na sexta-feira. Verifica-se assim, tendência para a valorização do dólar, na praça de Lisboa, portanto uma relativa desvalorização do escudo.

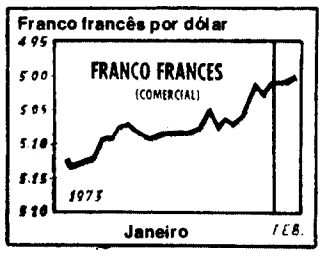
Equanto o Dolar baixa

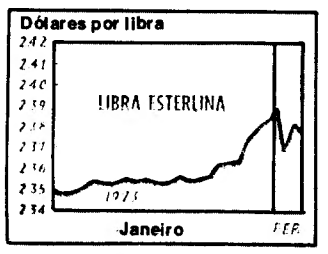
SOBEM O OURO E AS PRINCIPAIS MOEDAS ESTRANGEIRAS

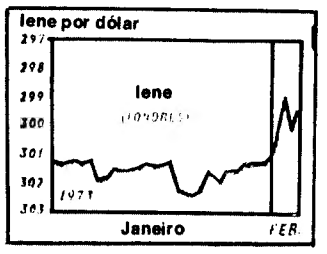












A SEMANA

CIGANOS NO LICEU

Um grupo de ciganos ocupou as instalações do Liceu de Beja, numa das últimas noites desta semana em que a chuva e o vento foram mais intensas, intempérie a que as suas pobres barracas não resistiram. Na manhã do dia seguinte a original ocupação do edifício, que só por meio de soluções de ocasião ainda vai servindo para as necessidades escolares dos tempos actuais, era o tema dominante de todas as conversas.

A A.N.P. EM «DEFESA DA FAMÍLIA»

Os principais dirigentes da A.N.P., agrupamento político presidido pelo prof. Marcelo Caetano, encontraram-se com o chefe do governo dando-lhe conhecimento dos resultados do encontro da Foz do Arelho e dos preparativos para o I Congresso da A.N.P., a realizar-se em Tomar, um mês depois do Congresso da Oposição Democrática, em Aveiro. Durante o encontro, não deixou o presidente do conselho de indicar a orientação a seguir pelos dirigentes na acção doutrinária em que estão empenhados. Neste momento a comissão do concelho de Lisboa está empenhada na realização do seminário sobre a «Defesa da Família» que se prolonga até dia 26.

UM SENTIDO DO CONCRETO

Não marginalizar os jovens, «situação que conduz ao protesto e à contestação global», segundo palavras do ministro Almeida Costa, é uma preocupação do Ministério da Justiça expressa na tomada de posse do novo director-geral dos Serviços Tutelares de Menores, desembargador António Miguel Caeiro. Orientado pelo zelo da ordem, o discurso do ministro deu azo a afirmações como estas: «O que salientemente caracteriza as concepções da actual juventude e os parâmetros em que se move a sua filosofia prática e teórica é sobretudo um sentido do concreto, uma acomodação funcional à realidade imediata. Descrente dos dogmas das ideologias, dos programas dos falsos profetas, dos sistemas do pensamento ou mesmo das correntes estéticas — pois tudo se lhe revela até mais efémero e transitório do que a fatal condição dos indivíduos — é pelo referido caminho de ligação ao positivo que a geração que vai despontando procura a segurança voltada para a vida quotidiana. Assim definidas as causas do «imediatismo» da «juventude», passa-se a um esboço de programa que preencha o que parecem ser as lacunas ético-culturais do sector jovem: o da pedagogia do exemplo. Uma pedagogia que se pretende não paternalista mas que é, apesar de tudo, uma pedagogia de autoridade:»... na ordem política que a autoridade se prestigie sempre cada vez mais, pela defesa dos direitos do espírito e da pessoa humana, culto da legalidade e rejeição do arbítrio aperfeiçoamento da justiça social, preocupação da eficiência...»

O PESO DE UM LONGO ATRASO

A actualização da nossa profundamente desactualizada rede ferroviária é o objectivo fundamental dum diploma do Ministério das Comunicações, aprovado no último Conselho de Ministros. Aí se reconhece o que já muitos tinham, durante muito tempo, verificado: «entre nós não foi possível ir realizando ao ritmo desejável, as modificações estruturais e a renovação do material que as circunstâncias aconselhavam daí tendo resultado uma profunda descapitalização da empresa concessionária acompanhada de envelhecimento acentuado e generalizado da exploração ferroviária, o que levou a uma substancial inadequação do caminho de ferro às necessidades presentes do País».

Os considerados do texto legal, repetem assim as conclusões principais de um relatório da C.P., publicado o ano passado, onde se afirmavam as desastrosas consequências da falta de investimentos durante mais de 30 anos — pràticamente nulos até 1963 — que obrigaram as restrições inaceitáveis dos serviços. Aí se reconhece igualmente que até nos itinerários principais a degradação da rede é evidente. As relações entre a concessionária e o Estado é também um dos pontos que merece atenção ao diploma, nomeadamente no que se refere à assistência financeira a prestar à empresa pelos poderes públicos. Este assunto merecera já a atenção da companhia que, entre outras medidas para a solução do problema, havia proposto a revisão do Contrato de Concessão.

Caso assim se justifique, serão suprimidas novas linhas ou ramais secundários, a par de permanente actualização dos serviços, no que entrará em linha de conta o progresso técnico, as necessidades comerciais da empresa e o interesse das colectividades. Apesar de tudo, e segundo a C.P., circunstâncias há que «tornam francamente inadequada uma considerável parte da rede hoje explorada pelo caminho de ferro — mesmo que este fosse inteiramente modernizado».

LISBOA É UMA CIDADE

Nos arredores da cidade há prédios. Nos prédios há pessoas. Pessoas com pressa de chegarem à cidade e prédios feitos à pressa onde a água não chega, por falta de canalizações. E por isso, «vai-se à água» como numa aldeia distante onde a bica é um ponto de encontro e o regato o local das lavagens. Para muitos, Lisboa é uma aldeia perdida nos mapas das urbanizações.

VINHO

PROBLEMAS EM ANGOLA

Uma conferência de Imprensa, promovida por algumas dezenas de exportadores de vinho e pela direcção do respectivo Grémio, vem informar a opinião pública das suas dificuldades em Angola: os serviços de saúde daquele Estado, têm recusado a entrada de grandes contingentes de vinhos a granel, declarando-os «impróprios para consumo e nocivos à saúde pública», por conterem um excessivo teor de cobre, ferro e chumbo. Os exportadores respondem que, não só não é excessivo esse teor (mais de 0,3 mg de cobre e de 15 mg de ferro por litro), como também não é legal o critério adoptado: o conteúdo em ferro, cobre e chumbo não figura entre os requisitos de sanidade determinados pela legislação portuguesa.

Os exportadores sublinham a acumulação de dificuldades, pois sendo difícil a conservação dos mercados estrangeiros, assistem à restrição dos mercados que nas últimas décadas absorveram os excedentes da produção metropolitana: Angola e Moçambique. Com efeito, a exportação com esse destino diminuiu sensìvelmente desde 1970, e sobretudo após as medidas de regularização das balanças de pagamentos de Angola e Moçambique adoptadas no fim de 1971. A exportação para Angola, por exemplo, passou de mais de 100 milhões de litros, em 1966, para menos de 47 milhões, em 1972. Os exportadores referem ainda a acumulação de cerca de 600 mil contos por transferir, em Angola e Moçambique, bem o levantamento de «um auto por crime de açambarcamento» às empresas suas subsidiárias que, em Angola, importam e engarrafam os vinhos. Ora, para os exportadores, não é acidental a acumulação desses factos.

Aliás, ainda há cerca de um ano, o mesmo problema foi levantado no Conselho legislativo de Angola, pelo prisma contrário. Punha-se em questão não só as características do produto e da sua comercialização, mas sobretudo os efeitos da sua importação na economia local. E possível que estas posições se relacionem com outros dois pontos levantados pelos exportadores. O primeiro refere um acentuado aumento do consumo de cerveja e outras bebidas fermentadas (de frutos diversos), em detrimento do vinho. O segundo, a existência duma campanha antivinho «persistente e insidiosamente alimentada por interesses inconfessáveis»: «E evidente que essa campanha de difamação terá de ser reprimida pelos próprios meios que aLei prevê. E dados os termos dessa campanha, que assenta em falsas premissas e é eivada de intenção dolosa, nem sequer é possível estabelecer qualquer diálogo ou réplica de esclarecimento».

JUVENTUDE

SOMOS PORTUGUESES

«O Círculo de Estudos Ultramarinos é um movimento essencialmente juvenil, reconhecido formalmente pela Portaria n.º 766/71 de 31 de Dezembro, emanada conjuntamente pelos ministros da Educação Nacional e do Ultramar e que se propõe promover o estudo e a divulgação, essencialmente no âmbito da juventude das diversas culturas que integram a Nação Portuguesa, tal como é definida no art.º 1 da Constituição Política,» — **lê-se num comunicado da instituição, que tem por lema «Pensar Portugal Novo»**

«Somos contra os imperialistas e colonialistas, contra os que atentam por qualquer forma contra a dignidade humana, contra os Velhos do Restelo, contra os cobardes, contra dos desertores», **diz-se no início do documento, que foi distribuído á imprensa.**

O C.E.U. enuncia depois o seu ideário, que apresenta sob a forma de acróstico: cada um dos doze parágrafos do texto, depois da palavra «SOMOS», começa por uma letra da palavra «PORTUGUESES».

Na letra P: «Pertencemos a uma nação sujeita a condicionalismos muito especiais, mormente no que respeita à composição das suas gentes e descontinuidade do território por onde se distribuem».

Na letra U: «Um Estado Unitário, como forma mais consentânea com a integração das diferentes regiões que o compõem». A seguir, letra G: «Garantindo, não obstante a crescente autonomia administrativa, legislativa e financeira, ou seja, a complexidade progressiva dos órgãos legislativos e executivos de cada região do território nacional no próprio local e mediante a participação das populações».

A penúltima letra S: «subscrevemos, do ponto de vista económico, a industrialização e a especialização progressiva das zonas mais aptas, conduzindo à formação dum mercado único português, constituído por economias solidárias e ligadas por sólidos laços de complementaridade».

O C.E.U. — que teve recentemente uma reunião magna, a cujo encerramento assistiu o Ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha — pretende «um espaço geo-político português... com fisionomia própria e independente dos grandes espaços político-ideológicos que compõem o mundo contemporâneo»

«Agrupamento de estudantes na maioria universitários», **o Círculo tem por** «objectivo fundamental permitir que, em diálogo franco e aberto, se confrontem opiniões e se esbocem as linhas gerais de pensamento e acção, ao nível da opinião pública, sobre os complexos e delicados problemas que surgem a respeito das realidades do Ultramar».

cergal

a copo! finalmente!

Desejo expresso pelos nossos consumidores,
realidade que continuamos a concretizar.
Cergal a Copo!
Cergal, a única cerveja independente, agora também a copo.
Peça um copo de Cergal, beba Cergal a copo.
Agora também nos pontos de venda aqui mencionados;
em breve, em muitos mais.

LISBOA — Cervejaria Nova América - Cervejaria Portugal - Restaurante-Bar do Sport Lisboa e Benfica - Cervejaria Águia de Ouro - Restaurante Alvalade - Cervejaria e Restaurante Leão d'Ouro - Restaurante Galão - Bar Istambul - Cervejaria Solmar - Restaurante Galeto - Confeitaria Nova Lisboa - Cervejaria Brilha Mar - Marisqueira Central de Alcântara - Cervejaria Choupal - Cervejaria Comial
ALCABIDECHE — Casa do Victor - Casa Tirano
ALFRAGIDE — Restaurante «O Pioneiro»
ALGÉS — Marisqueira de Algés - Cervejaria Relento
ALMADA — Bar da Sede da Incrível Almadense - Café Ponte - Cervejaria Tarro
AMORA — Café Amorense
CACÉM — Casa Adão
CASAL DO MARCO — José Guerreiro Luz
CASCAIS — Café Brisa - Pastelaria e Snack Bar Cidadela
COINA — Restaurante Quinta do Conde
COSTA DA CAPARICA — Cervejaria «A Pérola da Costa» - Cervejaria Lobo do Mar Paulino & Fernandes, Lda.
CRUZ DE PAU — Cervejaria Aroma
PAÇO D'ARCOS — Centro Comercial do Espargal
PALHAIS — Café Stop
PALMELA — Café S. João
PÓVOA DE S. ADRIÃO — Casa Eurico Baptista
S. DOMINGOS DE RANA — A Petisqueira
SESIMBRA — Café Maritimo - O nosso Café

CERVEJA cergal

a cerveja independente... a copo.

para a Império marketing quer dizer segurança

A Companhia de Seguros Império é hoje uma grande organização que estuda e oferece formas cada vez mais evoluídas de seguro no espaço português.
Para isso investiu durante anos em modernização; inova e amplia a sua dimensão.
Se os gabinetes de estudo criam novas modalidades de seguro e a publicidade torna mais conscientes certas necessidades do consumidor, só humanizando o estudo dos problemas e personalizando os contactos, pudemos chegar onde estamos hoje.
Desde há muito que o **homem da Império** é alvo de uma atenção especial.
Temos **Serviços de Apoio** e **Centros de Formação** em actuação permanente.
Sabemos que a **segurança se tornou um dever social** e trabalhamos para nos integrarmos na nossa sociedade do futuro. Por isso aperfeiçoamos ainda mais a formação dos nossos colaboradores, transformando-os em verdadeiros **Consultores de segurança.** A sua missão: estudar, conhecer o seu problema, aconselhar.

PENTA - CSI - M2

EGIPTO

INTELECTUAIS EXCLUÍDOS DO PARTIDO ÚNICO

Após uma interrupção de um mês, as aulas recomeçaram em 3 de Fevereiro na Universidade do Cairo. O regresso efectuou-se calmamente. Todavia, cartazes criticando o regime apareceram de novo nas instalações universitárias alguns minutos após a abertura dos portos reclamando a libertação dos estudantes detidos antes e durante a agitação estudantil do começo de Janeiro, que levara o Presidente Sadate a encerrar os estabelecimentos universitários em todo o território egípcio. Os autores dos cartazes reclamam igualmente processos públicos para as pessoas detidas, a recusa de uma solução política de crise do Próximo-Oriente e criticam a ausência de democracia no Egípto. Um novo regulamento imposto pelas autoridades com vista a garantir a manutenção da ordem nas universidades prevê a utilização de vigias e a interdição de reuniões fora dos locais reservados às organizações legalmente reconhecidas. A afixação de cartazes só é permitida depois de obtida prèviamente autorização e apenas para as questões puramente universitárias.

O recomeço das aulas universitárias coincidiu com uma «depuração» severa dos elementos da esquerda no seio da União Soviética Arabe, partido egípto único. Esta «depuração» porá termo à breve era de liberalização, que, em Novembro do ano passado, permitira a deputados criticar o Governo e reclamar a liberdade da Imprensa no Egipto?

. CAIRO — O medo instala-se no Egipto. Após a detenção de cerca de cento e vinte estudantes e vinte e um intelectuais, no decurso das prisões em massa de 28 de Dezembro, e, seguidamente, na noite de 9 a 10 de Janeiro na Universidade de Ein-Chams, e cuja próxima inculpação já não oferece dúvidas, uma primeira lista de sessenta e quatro pessoas «depostas da sua qualidade de membro da União Soviética Arabe» foi publicada na manhã de 4 de Fevereiro. Estas sessenta e quatro pessoas, jornalistas, actores, poetas, escritores e dramaturgos, pertencem exclusivamente aos meios da esquerda ou da extrema-esquerda.

Assim, as ameaças feitas pelo sr. Sadate no seu grande discurso de 31 de Janeiro contra os egípcios que metiam a ridículo os princípios da União Socialista Arabe ou que forneciam á imprensa estrangeira «informações deformadas» foram concretizadas mais ràpidamente do que geralmente se esperava. Na quinta-feira anterior anunciava-se oficialmente que «os desviacionistas políticos teriam de prestar contas dos abusos por eles cometidos em todos os postos de chefia política e nas diversas organizações sindicais, profissionais e populares».

No mesmo dia, a comissão dos secretários da União Socialista Arabe, animado pelo dr. Sayed Marel, homem de confiança do Presidente Sadate no partido único, realizava conferência sobre conferência «acerca dos casos de desvio político fora dos princípios adoptados pela aliança das forças populares». No sábado, o conselho dos secretários elaborava uma primeira «lista negra» que foi submetida no mesmo dia à apreciação da comissão de disciplina do partido reunido sob a direcção do sr. Hafez Badaoui, homem de confiança do sr. Sadate no Parlamento, e ratificada imediatamente. Nos seus considerandos a comissão de disciplina precisou «ter tomado em consideração o facto de um certo número de pessoas que se desviaram da linha nacional desempenhavam funções delicadas em postos importantes de responsabilidade particularmente nos estabelecimentos de informação como a imprensa, a rádio, a televisão ou as agências de informação. Outras pessoas, prosseguia a comissão, eram membros de sindicatos profissionais, e teriam tentado explorar estes sindicatos, a fim de propagar a perturbação e a dúvida. Os membros da organização política e das organizações auxiliares vão ser também passados ao crivo e uma segunda «lista negra» será em breve publicada.

NOMES CONHECIDOS

Uma «notícia explicativa», publicada no domingo de manhã, esclarece que a expulsão da U. S. A. implica ipso facto para os jornalistas a perda da sua situação e a sua aposentação antecipada. Ora, se encontrarmos entre os jornalistas expulsos do partido pessoas com uma já longa carreira como o escritor Louis Awad, do «Al Ahram», existem outros, muitos outros, que são afectados em plena actividade profissional. Entre eles figuram jornalistas tão conhecidos como Philippe Gallab (Al Akhbar); Mohamed Oda (Al Goumhouriya): Hussein Abdel Razek (Al Goumhouriya) e sua mulher: Farida El Nakkache: Youssef Idriss (Al Ahram), que ensina igualmente na universidade americana; Makram Mohamed (Al Ahram), que publicara a resolução dos jornalistas de 15 de Dezembro reclamando o fim da censura à Imprensa egípcia: Safinaz Kazem (Al Moussawar), jornalista que se fechara com os estudantes de Ein-Chamas nas instalações da universidade, e seu marido, Fouad Negm, autor das letras das canções do famoso cançonetista cego Cheik Imam (1): Nabil Zaki (Al Ahram); Chawki Mustafa (Al Ahram). A lista compreende também actrizes como Mohsena Tewfik; actores como Salah El Saadani; poetas como Ahmed Hegazi, Mahmoud Amin El Alem ou Ahmed Dukol; dramaturgos como Alfred Farag, do qual se exibe actualmente uma peça no Teatro Nacional, ou o doutor Ali El Rai cineastas como Ali Abdel Khabk, autor de um filme sobre a guerra de 1967, «Canção no desfiladeiro». O advogado dos estudantes detidos, Sra. Nabil Hilali, bem entendido, presa em 28 de Dezembro ao mesmo tempo que muitos dos seus clientes e amigos, e o jornalista Samir Tadros, detido mais tarde, figuram igualmente na lista.

A despeito das alusões do sr. Sadate, no seu discurso de 31 de Janeiro, à «direita reaccionária», são a esquerda estudantil e os intelectuais da esquerda os primeiros a serem atingidos. Não hesita em expulsar jornalistas do seu jornal, excluindo-os mesmo da sua profissão. Porém é lícito perguntar em que base assenta a acusação de desvio político, dado que todos os jornalistas egípcios, quer sejam da esquerda ou da direita, trabalham sob o estrito controlo da censura. Na realidade, a sua expulsão da U.S.A. constitui uma condenação política pronunciada em nome de uma ideologia, a «aliança das forças laboriosas», cujos contornos é muito difícil definir.

ROLAND DELCOUR

(1) O Xeque Imam, o sr. Negm e a sra. Safinaz Kazem encontram-se igualmente detidos.

MOCIDADE PORTUGUESA

A importância e a necessidade de revitalização da Mocidade Portuguesa tem sido, ùltimamente, sublinhada quer por elementos superiores da organização quer por um ou outro deputado, como seja o caso do parlamentar setubalense que recentemente manifestou o seu desagrado pelas sucessivas restrições feitas à actuação da M.P., no Continente, e o correspondente regozijo pela sua manutenção em Africa.

O deputado teria, provàvelmente, pensado nos decs.-leis de 1966, de 25/10/1971 e de 8/11/1971 que reflectiram, sobretudo os dois últimos, uma preocupação de modernizar o que no ano de 1936, por força de condicionalismos não estranhos à situação internacional, havia sido criado, abrangendo obrigatòriamente toda a juventude escolar.

Segundo parece, a existência da M.P. nos territórios africanos seria plenamente justificável, não por razões passadistas mas pela sua acção de «integração étnica» entre europeus e africanos, factor de «fortalecimento do todo nacional».

ADMINISTRADORES DA C.C.D. ASSISTIRAM À PROJECÇÃO DUM FILME SOBRE POUPANÇA

Deslocaram-se à sede da Ciesa-NCK, para ali assistirem à projecção dum filme publicitário sobre o tema «poupança», o Administrador-Geral da Caixa Geral de Depósitos, Senhor Doutor Notta Veiga, e vários Administradores daquele Instituto de Crédito, que foram recebidos pelo Administrador-Delegado da referida agência de publicidade.

O filme projectado obteve recentemente o primeiro lugar num concurso promovido pela Caixa Geral de Depósitos, entre agências de publicidade e produtores cinematográficos. Entretanto, iniciou-se já a sua exibição na RTP e em diversos cinemas, por intermédio da Ciesa-NCK. O mesmo filme será apresentado pela Caixa Geral de Depósitos no Festival de Filmes, integrado no 6.º Congresso Mundial de Relações Públicas, que se realizará em Genebra de 15 a 19 de Abril do ano corrente.

ASSUNTO EXPORTAÇÃO

uma oportunidade para a sua empresa

missão comercial a Londres

de 17 a 24·6·1973

inscricoes ate 17·3

O Reino Unido é potência económica de projecção. Na Europa e no Mundo. Muitos dos nossos produtos encontram no mercado britânico excelentes perspectivas de expansão. Essa, a razão da presente Missão Comercial. O Fundo de Fomento de Exportação está empenhado em reunir, em Londres, importadores britânicos de especial envergadura e exportadores portugueses firmemente decididos a progredir. Queremos que a sua empresa participe também neste intercâmbio. É urgente crescer. Contacte-nos!

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Informações e inscrições:
Departamento de Relações Públicas e Missões Comerciais - R. Camilo Castelo Branco, 2-3.º - Tel. 47928/59156 - Lisboa 1;
Delegação no Norte:
R. Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq.º - Tel. 380214 - Porto.

LINTAS 73-FFE-15

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

COMO NÃO FUI DRAMATURGO

. Nos meus últimos anos de Lisboa, usando uma expressão brasileira; eu só mexia em cinema. E isso não era perdoado pelo meu amigo e jornalista Artur Inez, ao dizer-me:

. — Você está traindo o teatro. Nosso teatro é pobre de autores. Ajude a fazê-lo rico.

E eu, por gostar de o ver irritado, dizia-lhe que o teatro morrera pois desde que as imagens moventes do cinema passaram a falar, tinhamos obrigação de fazer força para criar um cinema no nosso idioma, com anseios e problemas da nossa gente.

E assim fui indo, alinhado entre meia dúzia de pioneiros.

Conseguimos criar um grande estúdio. Vieram câmaras e aparelhos de luz e de som da Alemanha. E apareceram finalmente os primeiros filmes falados em português. O sonho realizava-se...

Mas uma tarde, anos depois, já eu tinha resolvido vir para o Brasil, fiquei uma tarde, debaixo das árvores da avenida da Liberdade, com Augusto Fraga, que aí está com vocês na sua qualidade de cronista do Século, — discutindo com ele o futuro do cinema em Portugal. O Augusto acreditava. Eu, no entanto, começava a duvidar:

. — Fraga, não temos mercado. Quem fez o êxito do cinema americano não foi Hollywood. Foi o interesse do público. A curiosidade. Chaplin fazendo rir, nas cinco partes do mundo, estabeleceu a indústria. A nós, em cinema só nos resta o caminho do cinema de autor, do cineasta homem de génio. E por fatalidade, nós, ao darmos os primeiros passos, começamos erradamente fazendo o que considerávamos como comercial...

— Desculpas, você quer é ir para o Brasil!

. — E de aí? Isso que importa? Ficam vocês. Mas, quer um conselho? Façam teatro. Precisa apenas de um espaço rodeado de bancos. O resto está no talento dos que escrevem, e dos que representam. E grandes actores nunca faltaram em Portugal.

Bem, leitor. Ainda hoje acredito nisto. Mesmo no Brasil. E no entanto nunca fiz outra coisa senão trilhar por caminhos errados.

Vocês permitem que conte mais uma das minhas histórias?

CONFISSÃO 1

Conheci ao chegar ao Rio de Janeiro um homem gordo, de cabelos ruivos, mãos muito pequenas e brancas, voz anasalada, de raça judaica, mas daquele judaísmo rebelde que se encontra por vezes nos contos de Isaac Singer, e que me procurou uma noite depois de assistir á exibição da Aldeia da Roupa Branca.

— Nunca pensou em fazer teatro?

. — Já. Porquê? Eu comecei mesmo por tentar ser autor dramático.

— E porque desistiu?

. — Fui atraído pelo cinema.

— De que género eram as suas peças?

. — Amargas, crueis, desesperadas.

— Onde estão?

. — Sei lá. Ninguém as quis representar.

— Conte então uma delas.

CONFISSÃO 2

A noite era amena. Estávamos sentados num banco, no velho Passeio Público, entre árvores creio do tempo de D. João VI, e então, para me divertir, comecei a improvisar...

— Sabe, tenho uma peça verdadeiramente revolucionária...

— Conte.

— Difícil. Contá-la é contar a história da humanidade...

— Que título tem?

. Hesitei. Mas inventei ao acaso: «A condição animal»

. — Como é mesmo? Repita.

Repeti. Quis que eu explicasse direitinho. Então inventei:

. — Nesta peça, meu caro, eu quero demonstrar que o ser humano, apesar de todas as suas religiões, tendo dentro de si os mais variados farrapos de crença, é apenas um ser demoníaco. E é isso mesmo que tento demonstrar na minha peça. O ser humano acaba sempre revertendo à condição animal. E provo-o mostrando-o em momentos de ambição, de ódio, de cobiça, de vaidade, e até de amor, como se estivesse perante o Juízo Final.

— A peça está pronta?

. — Pronta não está. Mas o primeiro acto vai bem adiantado...

— Pode concluí-lo quando?

. — Sei lá. Comecei escrevendo nas horas vagas. Mas hoje em dia não sobra muito tempo para defender aquilo que eu reputo, desculpe, a minha filosofia...

— Gostei de você. Senti por você, de repente, uma viva atracção intelectual. Você nem sabe o meu nome, não é? Sou Oyser Trisker. Nascido na Polónia. Já sofri muito na vida. Minha paixão, porém, é o teatro. Quer fechar negócio comigo? Eu vou montar a sua peça. Está vendo, ali, à esquerda, o teatro Alhambra?

. Sou amigo do dono. Estamos em Setembro. Que tal estrearmos a peça em Março do ano que vem? Topa?

. — Topo.

E fomos festejar num bar ali defronte, bem perto do Cine Metro, que anunciava a Garbo no filme Ninotchka...

E claro, leitor, que a peça não existia. Mas nós somos assim. Eu próprio, inconscientemente, me deixei arrastar pelo entusiasmo daquele gordo judeu foragido de Varsóvia. E ele:

. — Só o título, amigo! Isso é peça para ser representada na Broadway, em Londres em Paris, no mundo...

CONFISSÃO 4

Então não me largou mais Conseguiu de facto, o teatro para a data marcada. Queria logo contratar o elenco. E a cenografia? Você acha que serve o Hipólito Colombo?

. — Serve. Sou amigo dele.

— Então mãos à obra. O Colombo que faça as maquetes.

— Okay!

E o Colombo que adorava perder-se em abstracções iniciou logo o esboço dos cenários para a peça que não existia.

CONFISSÃO 5

Em Janeiro, Oyser Trisker, já tinha o teatro contratado. Já estava apalavrado o elenco:

. — Homem, você me entrega, amanhã, no duro todo o primeiro acto?

. — No duro. Juro.

No dia seguinte, de manhã, a empregada traz-me os jornais. E que vejo enchendo as primeiras páginas em letras enormes: «Um grande incêndio reduziu ontem a cinzas o Teatro Alhambra.»

CONFISSÃO 6

Da peça, na verdade, eu tinha escrito apenas alguns diálogos episódicos. No entanto sofri como se a própria peça, apesar de não escrita, tivesse sido também devorada pelo fogo. Justiça de Deus? Não sei.

CONFISSÃO 7

Mas como lhes disse a vida é dura, e é preciso ganhá-la com o nosso esforço diário. Esqueci Oyser Trisker, e as contigências da vida levaram-me a trabalhar no então ainda débil e desorganizado cinema brasileiro. Fiz dois filmes. Dois fracassos. O acaso colocou-me, depois, no palco do teatro República. Ia dirigir uma companhia de revistas. Aí, sim, tive sorte. O negócio agradou em cheio...

CONFISSÃO 8

Uma noite, como vindo de um outro mundo, quem surge diante de mim? Oyser Trisker:

. — Homem, que é feito de você?

. — O que você está vendo.

— Esqueçamos isso. Eu sou teimoso. Estou aqui porque tenho um teatro na mão. Aluguei o Fénix. E lá que vamos montar a «Condição animal». O seu lugar não é aqui, entende?

. — Eu sei. Mas a vida é assim...

— Onde está a peça?

. — Mas você não se lembra que o texto ardeu no incêndio do Alhambra?

. — Não, você não me entregou a peça...

E eu, descarado:

. — Como não? Deixei os originais em cima da sua mesa, pois quando lá fui você já tinha saído...

— E não tem cópia?...

— Uns vagos rascunhos...

— Pois refaça a peça. E fique sabendo. Escrevi a Piscator, que é meu amigo e ele, aqui, nesta carta, pede-me com urgência uma cópia. E o futuro, meu caro, é a glória!

CONFISSÃO 9

Recomeçaram as ilusões. Saltar das coplas de uma cançoneta picante para a tragédia da impiedade do ser humano, não era tarefa fácil. Mas dessa vez salvou-me um outro imprevisto. Os proprietários do teatro Fénix, gente rica e de grande prestígio, resolve, de uma hora para a outra, demolir o teatro para em seu lugar erguer na avidez imobiliária, um edifício comercial de vinte e quatro andares.

CONFISSÃO 10

. Por sorte fui contratado para dirigir o Casino da Urca. O oposto exactamente dos meus inconsistentes sonhos. Sessenta mulheres, bonitas, loiras, altas, esguias, carregadas de pedrarias, em cenários de luxo e riqueza, enquanto na sala de jogo funcionavam dezenas de roletas...

CONFISSÃO 11

Dois anos depois reaparece Oyser Trisker:

. — Meu caro, devemos ser superiores aos azares da vida. Aluguei o teatro Glória, em plena Cinelândia. Agora de ali ninguém nos tira...

CONFISSÃO 12

Recomeça a força de que eu era protagonista: o dramaturgo «malgré-lui». Porque, no fundo, mantinha intacta a esperança de que, de repente, surgisse a inspiração de um fôlego só, e nascessa «A confissão animal».

Surgiram complicações.

— Meu caro, disse Oyser Trisker, aquele palco não tem capacidade para a sua obra. Ali ela resultaria pobre e mesquinha. Tenho outra ideia. Vamos montá-la num circo. Um circo com capacidade para vinte mil pessoas. Quinhentos artistas em cena. Aí, sim, nós revelaremos aos olhos do mundo a verdade de que, no homem, só uma realidade comanda, a sua condição animal. Certo? — Certo, respondi, contando com novo contratempo. Que logo veio. Pois o circo também pegou fogo.

CONFISSÃO 13

Mas nessa altura eu já fora contratado para dirigir em Salvador, com desfile histórico, e uma peça de grande espectáculo, — as comemorações dos quatro séculos de Bahia de todos os Santos. Parti. Deixando Oyser Trisker de relações cortadas comigo.

CONFISSÃO 14

Reatou-as, porém, vários anos depois. Tinha envelhecido.

— Você é um triste exemplo da natureza humana. Entre a Virtude e o Pecado, você escolhe sempre o Pecado...

— Condição animal, respondi-lhe a rir.

— Que diz você à ideia de montarmos a sua peça no Maracanãzinho?

. — Ali? Onde há aquela brincadeira dos concursos de misses, e do festival da canção?

. — Sim, mas isso que importa. Eu sou amigo da mulher do governador. O estádio eu arranjo. Se você garante que me entrega a peça, agora, ainda antes do Carnaval, eu juro que acabaremos vencendo. Sim, o mundo inteiro aclamará você e a sua «Condição animal». Será um dos maiores dramaturgos do nosso tempo. Pode crer. Eu tenho confiança em você. Eu sei o que é teatro.

CONFISSÃO 15

Isto passou-se nas vésperas do Natal. Depois disso nunca mais nos vimos. Ontem, porém, fui assistir ao seu sepultamento no cemitério israelita. Pobre Oyser Trisker, que tendo perdido por completo a sua confiança em Deus, acreditava no entanto numa peça que nunca existiu, e que, na verdade, eu nunca saberia escrever...

AGRADECIMENTO

Os trinta anos de presença no Rio de Janeiro de António Pedro á frente de «Livros de Portugal», marcaram, por vezes, momentos de grande importância para a cultura lusíada no Brasil. Foram três decénios de luta, de espaço, de maus e bons momentos, de que ele por fim se desprendeu, deixando um vácuo irrecuperável. Desconheço, é certo, as razões de desencanto de António Pedro. Mas posso dizer que ele já era um pouco do Rio de Janeiro.

Agora, de surpresa, cai nas minhas mãos uma bem elaborada história carioca, contada em português de Portugal, mas escrita com saudade de quem viveu trinta anos. A história é linda. Intitula-se «Ocultações». O nome do autor é Gerson Morais. A dedicatória é de António Pedro. O tema, é aquela chama que persiste no mistério racial de existirem pretos e brancos. Obrigada.

PARA CORRESPONDÊNCIA: Rua Fernando Mendes, 28 — Apartamento 908 — G.B. — BRASIL

7 DIAS

Henry Kissinger em Hong-Kong, à partida para mais uma viagem até Pequim

1 DOMINGO

Os Estado s Unidos triplicaram, durante a década de 1961-1971, a venda de armas convencionais a outros países. Um relatório publicado em Washington revelou que, nesse período, o montante das vendas de armas dos EUA aos países em vias de desenvolvimento e mesmo a alguns já desenvolvidos subiu de um bilião de dólares para três biliões e 400 milhões de dólares. Outros países exportadores de armas são a União Soviética, a China Popular, e os países ricos da Europa Ocidental. Esta permanente corrida aos armamentos é para muitos injustificada, tanto mais que hoje já se não põem, de uma maneira geral, questões de fronteiras. Exceptua-se o caso do Médio Oriente, onde as armas vão quase todas para Israel e os países limítrofes e onde existe um problema de fronteiras, sendo possível e até, para alguns, provável um conflito entre Israel e os países árabes mais chegados. O enorme consumo de armas por parte de países subdesenvolvidos da Africa e da América Latina tem muito mais que ver com as condições internas em cada país do que com algum perigo externo. Quem ganha com isso são os fabricantes de armas e algunds dos últimos abencerragens dessa classe sinistra que são os traficantes de armas. Toda a gente, posta friamente ante o problema, compreende que é, de facto insensato, gastar assim tanto dinheiro com esta mercadoria perfeitamente inútil. Mas infelizmente, não basta compreender nem fazer declarações de boa vontade. Tentando lidar com este problema dos nossos dias, fala-se já em muitos círculos internacionais na convocação de uma conferência mundial para o desarmamento. Essa convocação tem encontrado muitas resistências um pouco por toda a parte. Pensa-se, contudo, que também a Conferência Europeia para a Segurança e Cooperação, encontrou dificuldades, mas está agora bem encaminhada.

2 SEGUNDA

A campanha eleitoral para o escrutínio que decidirá a composição da próxima Assembleia Nacional francesa começou oficialmente. E uma data que tem que ver mais com a burocracia eleitoral do que com a campanha pròpriamente dita. Os eleitores franceses terão de escolher, se quiserem escolher, entre 3.140 candidatos. O escrutínio far-se-á em duas voltas, tal como acontece, desde que, em 1968, o general de Gaulle conseguiu obter a alteração da Constituição, num sentido que, previa-se, daria maiores garantias de estabilidade. No primeiro escrutínio, a 4 de Março, ficam eleitos apenas os candidatos que obtiverem mais de 50 por cento dos votos. Na segunda volta, uma semana depois no dia 11 de Março, ficam eleitos os que tiveram uma maioria relativa, isto é, os que forem mais votados em cada círculo. Assim se pode compreender que, entre as duas votações, os diversos partidos têm oportunidade de ceder uns em favor de outros melhor colocados e que defendam posições semelhantes. Esse jogo processar-se-á dentro da coligação actualmente no poder e que compreende os gaullistas, os republicanos independentes e um outro grupo de centristas; e dentro da coligação das esquerdas que compreende comunistas, socialistas e radicais de esquerda. O centro reformador manterá, provàvelmente os seus candidatos no segundo escrutínio, ou «ballotage» como se diz em França. Contudo, segundo muitas sondagens os eleitores centristas, em grande parte, só votarão no seu candidato na segunda volta, caso ele tenha francas probabilidades de ganhar. Caso contrário, 52 por cento preferirão um socialista e 7 por cento vai ao ponto de votar num comunista. Dentro da coligação da União Popular, está estabelecido que o candidato melhor colocado beneficiará da desistência dos outros da mesma coligação. As sondagens têm dado, quanto ao primeiro escrutínio, à volta de 47 por cento dos votos à esquerda, 37 à actual maioria e o resto para os reformadores de Jean Lecanuet e Jean-Jacques Servan-Schreiber. Tais números fazem com que o mundo ponha os olhos na velha França. E que muito pode acontecer.

3 TERÇA

Os militares uruguaios, ao que parece, conseguiram impor ao presidente Juan Bordaberry uma linha «peruana» para o país. Por linha «peruana», a que em tempos se chamou erradamente «nasserismo» entende-se uma política de austeridade pelo combate à corrupção; um nacionalismo que não é apenas político mas sobretudo económico, com a consequente luta contra os capitais estrangeiros; uma política antimonopolista; a tentativa para redestribuir melhor o rendimento nacional; e a defesa dos que trabalham. Esta linha «peruana» implica também o repúdio por soluções radicais de inspiração directamente marxistas. No Perú, porém, algumas medidas têm sido tomadas que não repugnam aos marxistas locais. Essa é, ao que parece, também a situação no Uruguai, onde o presidente Bordaberry não obteve o apoio de qualquer formação política na sua tentativa de se opor às reivindicações dos militares. O próprio Partido Comunista fez publicar uma declaração em que afirmava não se opor ao golpe militar pois nada via nele que deixasse os trabalhadores em pior situação. Os Tupamaros, aliás bastante parados nos últimos tempos, ainda se não manifestaram. Parece, contudo, que parte dos militares que participaram no golpe o fizeram por terem compreendido que era preciso fazer muito mais do que reprimir para acabar com as actividades dos tupamaros. Pensam eles que reprimir não serve mesmo de nada.

4 QUARTA

O governo italiano foi colocado em minoria na Câmara de Deputados. O incidente não levou à queda do gabinete de Giulio Andreotti pois não se tratava de uma moção de confiança. Contudo, segundo os observadores e até alguns dos intervenientes, o episódio é significativo pois só se tornou possível devido à «rebelião» da esquerda do Partido Democrata-Cristão. Dois deputados deste partido foram por ele punidos. Um deles, o antigo ministro do Trabalho Donat-Cattin, afirmou claramente que «o governo cairá fatalmente no princípio do Verão. Muito provàvelmente em Julho». Donat-Cattin não é pròpriamente um irresponsável. Por isso, a sua previsão deve ser tida em conta. Na verdade, pensam ainda muitos observadores, o governo de Andreotti está em maus lençois, pois a esquerda da democracia-cristã quer o regresso do centro-esquerda, isto é, a saída dos liberais (partido de direita) do governo para dar lugar aos socialistas. Essa é evidentemente também a posição dos socialistas, os quais, contudo continuam a fazer muito empenho numa aliança tactica com os comunistas. Esse empenho pode sair reforçado por uma eventual vitória da esquerda em França. De qualquer forma, a instabilidade em Itália continua. Esta votação veio colocar a nu a origem dessa instabilidade: as divergências dentro do Partido Democrata-Cristão.

5 QUINTA

Henry Kissinger chegou a Pequim para, mais uma vez, se encontrar com os dirigentes chineses e com eles discutir o contencioso entre a China Popular e os Estados Unidos da América. Como de costume, os assuntos das discussões do conselheiro presidencial permanecem no segredo dos deuses. Naturalmente, Kissinger debaterá com os seus interlocutores a situação no Sueste Asiático, agora que os Estados Unidos começam a desenvencilhar-se do atoleiro em que estiveram enterrados tantos anos. Outras questões a abordar serão as relações entre os dois países, e, possìvelmente, as posições de ambos em relação à URSS. Uma eventual conferência para o desarmamento será também possìvelmente debatida, uma vez que chineses e americanos têm sobre ela uma posição muito semelhante.

6 SEXTA

A campanha eleitoral em França parece estar a centrar-se sobre as consequências institucionais de uma eventual vitória da coligação da esquerda. Alain Peyrefitte explicou claramente que, nesse caso, não se devia contar com o presidente da República, Georges Pompidou, para caucionar um Governo de esquerda. Assim, ficam abertas apenas duas possibilidades: ou Pompidou se demite, ou dissolve a Assembleia Nacional e convoca novas eleições, na esperança de que o eleitorado lhe venha a ser mais favorável. Qualquer destas atitudes criaria um precedente, fazendo depender a presidência da República de eleições legislativas. Georges Marchais, por seu lado, anunciou que o seu partido, o Comunista, não ficaria quieto em face de uma manobra deste género, dando claramente a entender que convocaria manifestações de rua e, provàvelmente, uma greve geral. De qualquer forma, pensam os observadores que a actual maioria gaullista está a cometer um erro táctico ao deixar que a discussão descambe para o debate em volta de uma situação na qual eles são os derrotados. Na verdade, a esquerda, que ainda só mostrou ter o apoio de 46 a 47 por cento (segundo as sondagens) do eleitorado, conseguiu que só se fala da sua vitória. A derrota gaulista e, pois, aceite por toda a gente. Esses observadores creem que para os gaullistas este tipo de debate só pode ser prejudicial, pois cria no eleitorado a noção de uma inevitabilidade da vitória da esquerda, atenuando o ardor da resistência. Entretanto, Giscard D'Estaing e François Miterrand debateram aos microfones de uma estação de rádio os grandes problemas que se põem aos franceses. Giscard falou do perigo comunista e dos «inconvenientes» da união dos socialistas com o partido de Marchais. O ministro das Finanças foi de opinião de que Pompidou nunca poderia admitir os comunistas no Governo. Miterrand replicou que, em 1945, os comunistas fizeram parte do Governo, chefiado por de Gaulle, e que não via qualquer razão, pelo contrário, para que isso lhes fosse impedido em 1973.

7 SÁBADO

O coronel Francisco Caamano — desaparecido, por curiosa coincidência, 15 dias depois da morte de Ernesto «Che» Guevara — reapareceu no seu país, a República Dominicana. Caamano reapareceu sob a forma de cadáver depois de um recontro com os soldados do presidente Joaquim Balaguer. O coronel tornou-se conhecido do mundo quando, em 1965, encabeçou o movimento que se opôs a um golpe de Estado cujo objectivo era derrubar o presidente eleito Juan Bosch.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

O dólar desvalorizado

O dólar desvalorizou-se pela segunda vez em 14 meses. Para uma moeda reconhecida internacional e oficialmente como padrão para as trocas entre os diversos países esta instabilidade é aparentemente contraditória. Ela revela, pelo menos, a fragilidade de todo o sistema monetário acordado em Bretton Woods e que ainda justifica a hegemonia do dólar sobre as outras moedas.

Passando a valer oficialmente 42,22 dólares por cada onça de ouro fino, o dólar manteve uma situação cada vez mais artificial e da qual só os EUA podem tirar benefícios. Este valor oficial do dólar é tão artificial que a moeda americana continua a ser inconvertível, e o valor do ouro nos mercados internacionais não pára de subir.

O que se passou, no fundo, foi o seguinte: Os Estados Unidos, em face da pressão sobre a sua moeda, puseram os seus mais próximos «parceiros» comerciais ante o dilema de auxiliarem o dólar e admitirem uma desvalorização em termos que só os pode prejudicar, ou, pelo contrário, sujeitarem-se às represálias económicas e até político-militares por parte dos Estados Unidos. Mesmo aceitando as condições americanas, os países da Europa Ocidental e o Japão têm ante si o espectro de novas barreiras às suas exportações para os EUA, além da enorme muralha que representa já o aumento de 10 por cento dos seus produtos no mercado americano. Para o Japão, obrigado a deixar fluturar o iene, essa muralha era na quinta-feira já 16 por cento mais alta que antes da desvalorização do dólar.

A justiça da actual situação monetária não existe. Ela só se mantém como está em virtude do enorme potencial económico, político e militar americano. Esse potencial permite, por enquanto, a chantagem que até agora se tem feito e tem resultado. O dólar não vale o que oficialmente se diz. Toda a gente o sabe. Mas os que, em condições de liberdade rejeitariam as notas americanas, não o podem fazer porque as pressões são enormes e os perigos da desobediência tremendos.

Esta situação vai permitindo às grandes empresas americanas investir e comprar na Europa e no mundo com uma moeda que não vale o que se diz e que, além disso, está em permanente risco de desvalorização. Quando o general de Gaulle defendia, com grande tristeza dos americanos, o regresso ao padrão ouro, era o combate à hegemonia americana, através do artifício do dólar, que se pretendia atingir.

Na verdade, o regresso ao sistema em que o ouro era o padrão — além de, imediatamente, trazer grandes lucros à Africa do Sul e à União Soviética, os maiores produtores mundiais do metal amarelo — permitiria reatribuir ao dólar o seu real valor e retirar-lhe-ia a possibilidade de se apresentar com um falso valor, baseado num poder que não é monetário, comprando tudo e todos por esse mundo fora.

Mas a fraqueza do dólar tem a sua origem em reais dificuldades por que passa a economia dos Estados Unidos, sobretudo, devido ao enorme «deficit» na balança comercial que aquele país — a maior potência industrial do mundo — anualmente apresenta. As dificuldades têm sido resolvidas amiúde através de um novo proteccionismo, contrário à tão apregoada livre concorrência. Desse novo proteccionismo, a maior vítima tem sido o Japão, mas também os países desenvolvidos do ocidente europeu têm de que se queixar, bem como o «terceiro mundo» e o próprio consumidor americano.

A. VILLAVERDE CABRAL

RELIGIÃO E CIÊNCIA NAS ESCOLAS CALIFORNIANAS

Por
JACK McDURBY

A Califórnia tornou-se alvo das atenções mundiais ao fazer renascer uma controvérsia clássica que se julgava ter terminado há anos: o ensino da evolução nas escolas. «Parece quase incrível», observou o biólogo William Mayer, «que a antiga controvérsia evolução contra religião, **que tanto agitou os meados do século XIX, tenha sido ressuscitada».**

A mais famosa confrontação entre os dois campos, nos Estados Unidos, verificou-se há 50 anos, por ocasião do julgamento que opôs Clarence Darrow a William Jennings Bryan no drama vivido numa sala de tribunal para se saber se a teoria da evolução de Darwin podia ser ensinada numa escola do Tenessee.

O recomeço da luta ficou a dever-se à atitude assumida, em meados de Dezembro, pelo Conselho de Educação do Estado, em consequência da qual faltou apenas um voto para que a Califórnia voltasse a pôr a teoria religiosa da criação em pé de igualdade com a teoria da evolução nas escolas públicas.

..Após esta derrota por margem escassa, os adeptos do criacionismo não perderam as esperanças. O Conselho abordará novamente o assunto na sua reunião de meados de Janeiro, sendo possível que mude de opinião.

Pela primeira vez também, os membros do Conselho contribuiram pessoalmente para o texto dos livros de ensino, a fim de que as passagens sobre a evolução nos manuais estivessem de acordo com os seus desejos.

Esta atitude sem precedentes foi criticada por cientistas e educadores como uma intrusão injustificada de leigos num campo de conhecimento altamente especializado.

Todavia, o recomeço da controvérsia sobre a evolução não deve ser motivo de grande surpresa.

A ciência e a religião fundamentativa nunca resolveram, na realidade, as profundas divergências que surgiram depois de Charles Darwin ter apresentado o seu tratado sobre a evolução através da selecção natural, há mais de um século.

A ideia da evolução é, por vezes, subestimada. O zoólogo Ernst Mayr, referindo-se ao desenvolvimento do pensamento científico, manifesta a opinião de que a evolução está a caminho de ser considerada «talvez a mais fundamental de todas as revoluções intelectuais na história do género humano».

As hipóteses sobre a origem da vida baseadas na religião têm sido seriamente postas em causa à medida que «o conceito de um mundo criado instantâneamente foi substituído pelo de um mundo em lenta evolução, sendo o homem parte da corrente evolucionária».

Dentre os livros apresentados ao tribunal californiano, destaca-se um publicado por Harcout Brace.

«Sabe-se que a vida começou nos mares», podia-se ler. «Provas de vida primitiva encontram-se nas camadas rochosas da Terra, que preserva como fósseis as formas de muitas espécies de plantas e animais. As rochas mais antigas não contêm quaisquer fósseis. Estas rochas são de períodos antes de a vida ter principiado ou de períodos em que as únicas formas de vida eram minúsculas e de corpo macio e não deixavam quaisquer restos fissilizados. As rochas menos antigas fornecem provas, sob a forma de fósseis, de uma abundância de vida vegetal e animal nos mares pré-históricos.»

..Os adeptos do criacionismo afirmam que estes capítulos apresentam a evolução de uma maneira dogmática. Eis a versão revista, que os cientistas aceitaram:

..«Muitos cientistas crêem que a vida pode ter principiado no mar. Provas de vida primitiva encontram-se nas camadas rochosas da Terra, que preservam como fósseis as formas de muitas espécies de plantas e animais. As rochas mais antigas não contêm quaisquer fósseis. Estas rochas são de períodos antes de a vida ter começado ou de períodos em que as únicas formas de vida não deixavam quaisquer restos fossilizados. Deste modo, os cientistas apenas podem especular sobre o carácter destas formas de vida primitivas. As rochas menos antigas fornecem provas, sob a forma de fósseis, de uma abundância de vida vegetal e animal.»

..Eis uma passagem extraída de um livro aprovado pelos adeptos do criacionismo que não foi adoptado:

..«Em contraste com a teoria da evolução, muitas são as pessoas que acreditam na doutrina de criação especial. A expressão mais familiar, para muitos de nós, da criação divina está contida na Bíblia. No livro da Génesis narra-se como Deus criou os Céus e a Terra em seis dias.»

..Os cientistas afirmam que este género de explicação não tem lugar num estudo científico. Os adeptos do criacionismo, porém, dizem que não é diferente daquilo a que chamam filosofia especulativa em que a ciência se envolve quando ultrapassa os seus limites.

..Os adeptos do criacionismo apresentam dois argumentos:

..— As provas científicas não têm o apoio da evolução como única teoria de como a natureza opera e o mundo surgiu.

..— Se a evolução for ensinada como teoria científica, então a teoria da criação deverá ser incluída como uma alternativa plausível.

..Os adeptos do criacionismo, tais como o dr. John Ford, vice-presidente do Conselho de Educação da Califórnia, estão dispostos a admitir que se verificou uma mudança evolucionária. Porém, negam que ela explique a origem da vida ou a sua progressão de formas simples a formas complexas através de um processo gradual e natural de adaptação ao meio ambiente.

..Segundo eles, há «princípios distintos» de formas de vida através da história. O seu principal desafio às provas científicas da evolução têm sido registos fósseis que forneceram alguns dos mais antigos laços evolucionários entre classes de animais.

..Noutros dois estados, Michigan e Colorado, foram apresentados, o ano passado, diversos projectos de lei, com vista a conseguir «tempo igual» para a teoria religiosa quando a evolução fosse discutida nas escolas.

..A Câmara dos Representantes do Michigan aprovou as leis, mas os objectivos acabaram por não ser alcançados em ambos os estados.

..Em Washington, William Willoughby, responsável pelas notícias religiosas do «Washington Star-News», intentou um processo baseado na acusação de que são utilizados fundos federais para a preparação de manuais de biologia que se limitam a apresentar a teoria da evolução quando abordam a origem da vida.

..Um porta-voz do «Creation Science Research Center», de San Diego, declarou que estão a ser elaborados planos para levar a teoria da criação a alguns outros estados.

..A sr.ª Nell Segraves afirmou que uma vitória na Califórnia apoiaria os esforços feitos noutras partes da América. Segundo ela, a teoria da criação é divulgada por grupos locais e não é apresentada através de qualquer campanha coordenada à escala nacional.

..Todavia, o biólogo William Mayer atribuiu a energia dos adeptos do criacionismo a um grupo de fundamentalistas religiosos muito pequeno, muito activo, muito dedicado e bem financiado.»

..A sr.ª Segraves declarou que a «Creation Research Society», de Ann Arbor, Michigan, conta com mais de 400 membros com direito de voto, todos eles com formação científica. Existe para publicar a «investigação» dos membros.

..O «Creation Science Research Center», de São Diego, disse ainda, publicar manuais e estudos baseados na teoria da criação e investigação dos membros da Sociedade.

..A «Bible Science Association» publicou o trabalho dos grupos de Ann Arbor e San Diego, disse ainda, e apoia, sempre que possível, as iniciativas entre estados com vista a promover a teoria da criação.

..No Texas, os livros que expunham a teoria da evolução depararam com forte oposição por parte de um grupo local de cidadãos, em 1971, mas foram finalmente adoptados pelo Conselho de Estado. Todavia, este ordenou que a evolução fosse apresentada nos manuais como teoria, e não como um facto.

Tour Estados Unidos

Tenha um "new look" dos Estados Unidos

MARCA TP T4 73

num tour de costa a costa!

Uma **viagem acompanhada,**
de LISBOA - ESTADOS UNIDOS - LISBOA,
visitando aquele grande país de costa
a costa.
Além das importantes cidades atlânticas
de NEW YORK a WASHINGTON,
este TOUR inclui ainda a visita às cidades
da costa ocidental: LOS ANGELES
e S. FRANCISCO, debruçadas sobre
o Pacífico; PHOENIX, erguida no
verdejante «Vale do Sol»; LAS VEGAS
com a sua atraente vida nocturna,
e a esmagadora paisagem do GRANDE
CANYON, no sudoeste americano.
Os pontos mais característicos
e significativos de cada região, serão
objecto de visitas dirigidas, para que
se possa apreciar os múltiplos aspectos
paisagísticos, históricos e urbanísticos
dum grande sub-continente.

De 15 a 26 de Março – todo este panorama dos ESTADOS UNIDOS – numa surpreendente viagem por Esc. 23 200$00, de Lisboa, inclui instalações em excelentes hotéis e a economia e comodidade do pequeno almoço e jantar no respectivo hotel ou restaurante.

viaje na sua companhia

ESTA É A SUA OPORTUNIDADE.
NÃO ADIE.
Reserve já a sua viagem. Viajará
na ida e na volta a bordo do 747-B.
Procure o seu Agente de Viagens
e peça programa detalhado.

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

UMA COMPANHIA QUE CRESCE EM TERMOS DE FUTURO

SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Belga	1800$00
Balanças - Casa de banho	150$00
Torradeiras	180$00
Frigoríficos 140, L.	1790$00
T. V. 2 canais	3390$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

COPÉRNICO: NO QUINTO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

Passam amanhã cinco séculos que, algures na Pomerânia, nasceu N. Copérnico. Clérigo, dividiu o seu tempo entre a meditação, o exercício da Medicina, o estudo da reforma da moeda na Prússia polaca, o doutoramento em Direito Canónico e a Astronomia.

J. TIAGO DE OLIVEIRA

Estudou em Bolonha e Pádua de 1496 a 1505, com interrupções, e neste período, ensinou Matemática em Roma. Nas aulas de Novara, da Universidade de Bolonha, ouviu críticas ao modelo ptolomaico do sistema solar, quer do ponto de vista matemático quer duma perspectiva mística da harmonia matemática, críticas correntes nos meios científicos da época.

O que fez é simples e não completamente original. Pode, até hoje, considerar-se menor! Formulou, em contraposição à teoria geocêntrica de Ptolomeu, o modelo heliocêntrico dos movimentos planetários, antes já proposta por Aristarco de Samos, no tumultuar desse cadinho que foi a civilização helénica. A teoria geocêntrica explicava os movimentos relativos observados dos planetas pelo jogo de um sistema de 79 epiciclos (epiciclo é a curva descrita por um ponto de um círculo pequeno que roda uniformemente e cujo centro roda, uniformemente também, sobre um círculo maior). A explicação, embora complexa, era eficaz e, complicando-a um pouco mais, poderia obter-se maior precisão, como se fez ainda depois.

Ora Copérnico, fortemente preso do geometrismo dos gregos — e B. Russell (História da Filosofia Ocidental) tem razão ao dizer que a sua obra poderia ser realizada 20 séculos antes — centrou o movimento dos planetas no Sol. O modelo planetário copernicano tem a marca pitagórica da importância do círculo. É uma série de 7 circunferências, como as da figura, tirada da sua obra «De Revolutionibus orbium coelestium», que representam sucessivamente os planetas de então (Mercúrio, Vénus, Terra com a Lua, Marte, Júpiter, Saturno) e, por último a esfera das estrelas fixas. Todavia esta bela simetria é ilusória; para explicar razoàvelmente os movimentos havia que recorrer ainda a 34 epiciclos! A simplicidade na descrição eficaz, que os copernicanos brandiram contra os ptolomaicos — argumento já usado por Ptolomeu, 20 séculos atrás, em defesa fundada do geocentrismo — não era pois muito maior. Visto à luz de hoje o modelo é quase irrisório. Todos sabem desde Kepler (posterior a Copérnico) que as órbitas são aproximadamente elípticas, os seus planos médios não coincidem, existem outros planetas, alguns planetas tem satélites, etc.

Qual é pois o sentido profundo da obra de Copérnico, daquilo a que se chamou a revolução copernicana, se tantos condicionais se podem apresentar? De que modo contribuiu esse clérigo distante para a História da Humanidade, pela acção cultural?

. Era o fim do século XV, princípio do século XVI. Pela Europa vivia-se o Renascimento; portugueses e espanhóis estavam lançados na empresa das Descobertas; a estrutura comercial dos pequenos estados da Itália partilhada, tão poderosos alguns, ia evoluir; a Reforma espalhava-se pelos países onde ia desenvolver-se o capitalismo; a Contra-Reforma estava em marcha. A noite milenária medieva atingia o fim; alguns dos seus esquemas, notáveis aquando da sua origem, na civilização grega, tinham-se esclerosado; uma teoria do mundo vacilava e ia soçobrar.

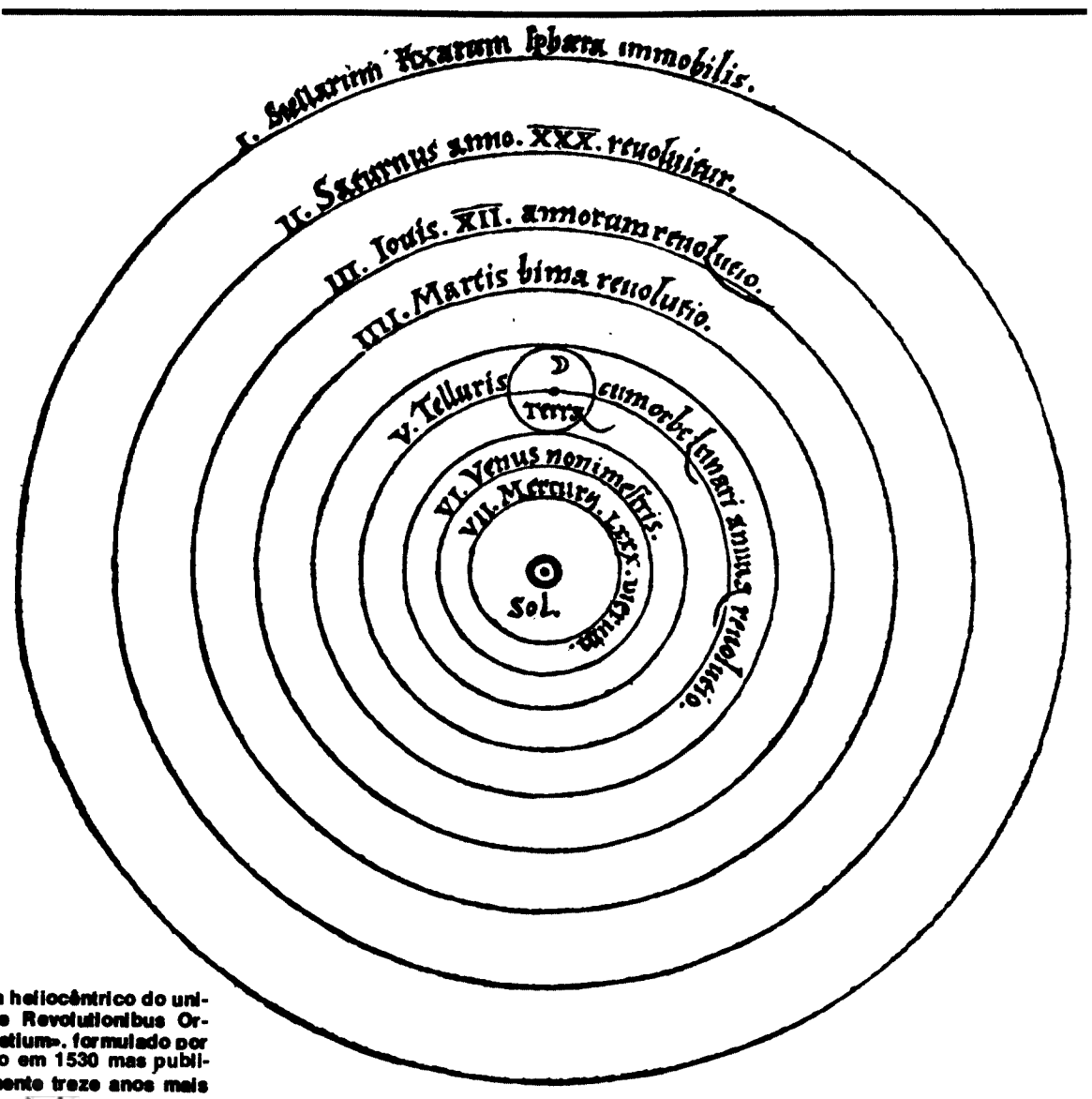
Surgem então os obreiros do século de rebeldia intelectual. E Copérnico não é dos mais corajosos. Concebendo o modelo heliocêntrico de 1506 a 1512, do que dá notícia a alguns estudiosos (luteranos e católicos), só em 1530 termina o «De Revolutionibus» onde descreva o sistema e o justifica. Dele escreve um resumo, o «Commentariolus», com certa difusão. O «De Revolurionibus» só é publicado em 1543, ano da sua morte, com um prefácio, não assinado, de um amigo, prefácio discutido e discutível, onde se declara ser tudo mera hipótese, com uma carta-pedido do cardeal de Cápua que o apoiava e uma longa carta ao Papa Paulo III reinante. Desta última eis um passo: «E para que os sábios e os ignorantes vejam deste modo que eu não quero evitar, de modo algum, o juízo de qualquer pessoa, eu quis dedicar as minhas pesquisas à Tua Santidade em vez do que a qualquer outro, porque, mesmo deste canto distante da terra onde vivo, tu és considerado a o heliocentrismo tinha tanto na ordem da dignidade como pelo amor das letras e mesmo das matemáticas; a fim de que, pela tua dignidade e juízo tu possas reprimir o morder dos caluniadores...» e, mais adiante, este outro: «As coisas matetáticas escrevem-se para os matemáticos, aos quais, se me não engano, os meus trabalhos parecerão contribuir para a glória da República Eclesiástica de que a Tua Santidade ocupa agora o principado».

Porquê toda esta timidez, toda esta insegurança, se um cardial e o bispo de Kulm o apoiavam? Se o assunto era discutido nos primeiros tempos do século XVI e o helicocentrismo tinha apoios eclesiásticos elevados, conquanto Lutero e Calvino o tivessem logo rejeitado?

. Eis um pouco de cronologia. Em 1553 M. Servet, descobridor da pequena circulação, foi mandado queimar por Calvino por discordâncias sobre a natureza da Trindade; em 1600 Giordano Bruno é queimado pela Santa Inquisição pela sua discordância sobre os mistérios da religião católica e seu proselitismo; em 1616, o Papado, que em 1530 mostrara certo interesse liberal na ideia heliocêntrica, condena-a por «falsa e definitivamente oposta à Sagrada Escritura» como o tinham dito, antes, Lutero e Calvino; Galileu, esperançado no novo Papa Urbano VIII, vai publicar em 1632 os seus «Diálogos» onde são discutidos os sistemas ptolomaico e copernicano, e é condenado a abjurar no ano seguinte; a observação por telescópios dos satélites doutros planetas, das crateras da Lua e das manchas solares, conspurcando a perfeição celeste, vai levantar ferozes protestos por perturbar as ideias estabelecidas; Melanchton (séc. XVI) e Coménio (séc. XVII) logo viram os riscos do heliocentrismo e atacaram-no; em 1634, aterrado pela condenação da doutrina heliocêntrica, Descartes declara no não publicado «Tratado do Mundo»: «Quando um corpo sólido é arrastado do modo que acabo de descrever por um fluído, não se pode dizer pròpriamente que se move». E só em 1822, teve o Sol autorização papal para funcionar como centro do sistema planetário, pela eliminação do heliocentrismo do Index.

Compreende-se pois a timidez de Copérnico na difusão das suas ideias bem como a sua importância. Face a uma visão esclerosada, ele tirou o homem do centro do Universo ao passar a Terra a simples planeta. O destroçar do antropogeocentrismo tradicional foi o apear do homem de um pedestal onde fora colocado para adoração do Criador. As fórmulas estabelecidas entenderam isso como um aviltar do humano, comprometendo elas sim a sua dignidade. E, todavia, o «De Revolutionibus» é essencialmente técnico, ao plano da época. Da dezena de consequências apresentadas por G. Bruno só talvez uma possa, para os que aprenderam o heliocentrismo e viram o homem passear na Lua, ser relevante: a pluralidade possível dos Universos.

Duas implicações da nova Astronomia foram porém fortemente sentidas ou intuidas e, daí, os protestos e condenações: a verificação de que o que foi acreditado verdadeiro desde tempos antigos pode ser falso bem como a compreensão de que a verdade científica resulta da observação dos factos e a procura das leis que os descrevam, sem submissões. E essas ideias ingénuas, simples, caminharam além, na esteira de Copérnico.



O sistema heliocêntrico do universo «De Revolutionibus Orbium Coestium», formulado por Copérnico em 1530 mas publicado sòmente treze anos mais tarde.

●Por ANTÓNIO M. BAPTISTA

COPÉRNICO

UMA SETA QUE APO
PARA A CIÊNCIA M

Copérnico baliza a entrada na Ciência Moderna depois de um interregno de dezenas de séculos após o relativo esplendor da especulação crítica sobre a natureza na Antiguidade Clássica. Perante certos sinais dos tempos que estamos vivendo, convém lembrar que a História se pode repetir e o curso progressivo da ciência ser interrompido. O fenómeno das «duas culturas» — a humanista literária e a científica — que se ignoram, pode conduzir-nos ràpidamente às culturas que se opõem. O pensamento anticientífico é, em verdade, radicalmente, um movimento anti-intelectual análogo ao que terminou, com o êxito que se conhece, e que poderia ter sido a Primeira Idade da Ciência na Antiguidade Clássica. Assim, Copérnico, é chamado aqui como um símbolo que desejamos se mantenha vivo, para aviso de todos.

As três obras-primas clássicas da Astronomia Moderna são o tratado de Copérnico, «De Revolutionibus Orbium Coelestium» (Acerca da Revolução dos Corpos Celestes) de 1543, o «Dialogo dei due massimi sistemi del mondo, Telemaico e Copertinicano» de Galileu (1632) e os «Philosophiae Naturalis Principia Mathematica (Princípios Matemáticos da Filosofia Natural), publicado em 1687 por Isaac Newton.

Nicolaus Copernicus, nome latinizado de Nildas Koppernigs nasceu em 19 de Fevereiro em Torun na Polónia ou, como alguns alemães preferirão dizer, em Thorn, cidade ocupada pelos polacos há alguns anos quando Niklas nasceu. Copérnico parece que se considerava mais alemão do que polaco e Giordano Bruno, que haveria de desempenhar um papel tão trágico no drama copernicano, no seu livro La Cena de la Ceneri «O Jantar das Cinzas» escreveu que «não havia palavras para louvar suficientemente este alemão». Copérnico forma-se na Universidade de Cracóvia mas é na Itália que continua, como nós diríamos hoje, os seus estudos pós-graduado. Mas neste jogo de trazermos ao peito as glórias nacionais de prestígio internacional para consolo e afago do ego, será bom recordarmos, a propósito, o humor cáustico e amargo de Alberto Einstein numa carta que escreveu ao «Times» de Londres em Novembro de 1919. Uma expedição chefiada por Eddington, acabara de verificar, durante o eclipse do Sol de Março desse ano, observado na nossa Ilha do Príncipe que, de acordo com as previsões da Teoria da Relatividade Generalizada, os raios luminosos eram desviados no campo da gravidade do Sol. Nessa hora de glória, escrevia Einstein:

. «A descrição que de mim faz o «Times» mostra uma jocosa imaginação da parte do escritor. Por uma simples aplicação da Teoria da Relatividade ao gosto dos leitores, sou hoje na Alemanha apresentado como um homem de ciência alemão e, na Inglaterra, como um judeu suiço. Se algum dia chegasse a ser considerado como uma «bête noire», inverter-se-iam os termos e seria um judeu para os alemães e um alemão para os ingleses».

Mal ele pensava então que um dia, não muitos anos depois, a sua qualidade de judeu chegaria para apagar o brilho do seu prestígio de cientista, tais os abortos ideológicos que os homens provocam, aceitam e defendem.

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

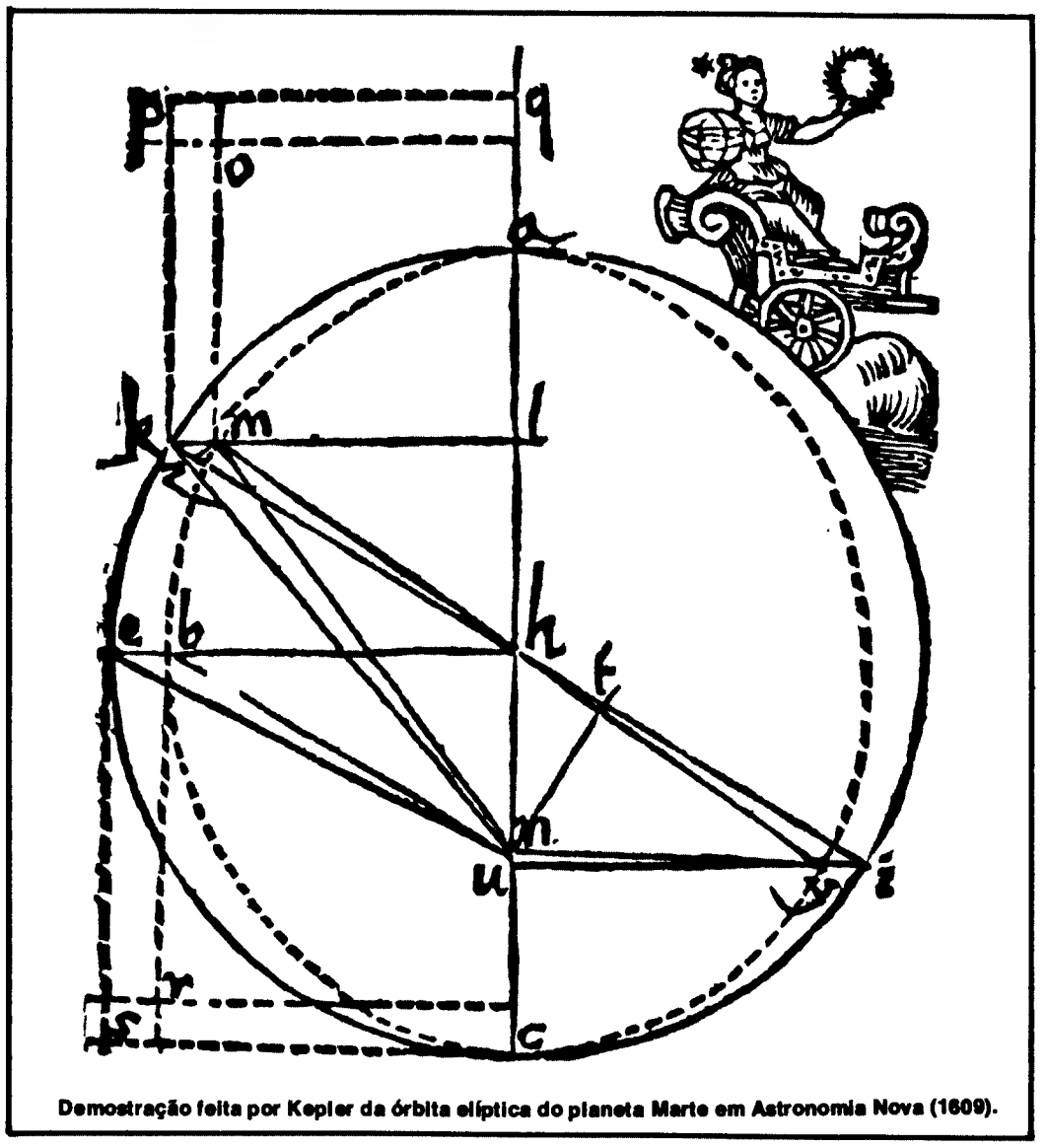
De Copérnico chega-nos o retrato de homem avisado e muito prudente, pesando cuidadosamente os riscos de pisar o risco. Forma-se em Medicina, em Itália, ao mesmo tempo que estudava Astronomia com Domenico Novara, na Universidade de Bolonha. Sabe-se que Novara não aceitava o sistema de Ptolomeu mas cuidava bem de não manifestar em público o seu desacordo, pagando com o silêncio o preço da tranquilidade. Copérnico também aprendeu esta lição assim como a língua grega o que lhe deve ter permitido, segundo observação maliciosa de um comentador, conhecer uma lei promulgada por um tal Diofeítes, sacerdote ateniense, político muito poderoso, onde se pedia «o castigo imediato de todos aqueles que descrêem da religião estabelecida ou sustentam teorias impróprias sobre certas coisas divinas». Se acrescentasse a **religião, e regimen político**, e a **divinas, políticas**, Diofeítes, teria conseguido uma fórmula válida para a eternidade... Mas já lhe chegou essa lei dos recto-pensantes de todos os tempos e lugares, para castigar o ilustre filósofo Anaxágoras.

Assim, o prudente Copérnico passa a sua vida como cónego da pequena cidade de Fraunburg, ocupando-se das almas dos fieis e dos seus corpos

Harlow Shapley, o Copérnico nosso contemporâneo. Jornalista profissional, depois do astrónomo famoso. Determinou as dimensões da nossa galáxia e nesta localizou o nosso sistema solar animado de movimento de revolução em torno do seu centro.

(tem uma grande reputação como médico) nunca abandonando os seus estudos astronómicos instalando mesmo um pequeno observatório na torre da muralha onde habitava. Publica muito pouco mas pensa muito. Aos poucos vai elaborando o seu sistema do Mundo mas baseando-o, principalmente, nas observações de outros. Nas palavras do Professor Crombie, Copérnico «é o exemplo supremo dum homem que revolucionou a ciência a partir de factos velhos encarados de forma nova».

Em 1512 escreve um «Commentariolus» (Pequeno Comentário) que distribuiu apenas entre os amigos, sem o mandar imprimir. Nele aparece, em forma não matemática, o fundamental da teoria heliocêntrica



Demostração feita por Kepler da órbita elíptica do planeta Marte em Astronomia Nova (1609).

(dos planetas com movimento de revolução em torno do Sol). O Papa Clemente VII parece ter tomado conhecimento deste opúsculo e tão favoràvelmente impressionado ficou que teria pedido o desenvolvimento completo das ideias apresentadas. Sabe-se que o manuscrito da «De Revolutionibus Orbium Coelestium» estava completo em 1532 mas só no seu leito de morte, em 1543, Copérnico viu o seu livro impresso. Mas antes de passarmos a um comentário sobre esta obra fundamental há que recordar Ptolomeu cujo sistema Copérnico se propõe substituir.

O «ALMAGESTO» DE PTOLOMEU

Ptolomeu, nas histórias populares que se contam sobre Copérnico ou Galileu quase que faz figura dum tonto que não via um palmo à frente do nariz, quanto mais ser capaz de descrever o que se passa no céu. Na verdade, a obra de Ptolomeu é dos maiores monumentos do espírito do homem, talvez o livro mais importante do mundo antigo e medieval, mesmo aceitando que muitas das ideias expostas no «Almagesto», muitos dos dados nele recolhidos, muitos dos métodos nele descritos, pertençam a muitos filósofos naturais, como convirá chamar-lhes. Como se sabe, a palavra cientista só aparece no século XIX. Em particular, Ptolomeu confessa-se muito devedor de Hipparchos de Nicaia, que viveu três séculos antes dele Ptolomeu teria nascido provàvelmente no primeiro século depois de Cristo vivendo ainda sob Marco Aurélio, gozando, pois, da chamada Pax Romana, essa época áurea da história da humanidade onde, com os imperadores Antoninus e Marco Aurélio, segundo o historiador Gibbon, se conheceu «possìvelmente o único período da história em que a felicidade dum grande povo era o único objectivo do Governo».

O «Almagesto», além do seu valor científico, é um livro notável do ponto de vista didáctico e isto explica, em parte, a sua influência durante 14 séculos. Os árabes, os herdeiros da grande tradição científica greco-latina, traduzem-no e criticam-no, pois já é notório que muitas observações se não ajustam bem a este sistema onde a Terra ocupa o centro do Mundo (teoria geocêntrica) tendo Ptolomeu mostrado a esfericidade do nosso planeta. Os movimentos dos planetas são complexamente descritos por métodos trigonométricos e para os contemporâneos o livro seria de leitura tão difícil como para nós os escritos dum Einstein, dum Hoyle ou dum Sachs.

Importa notar que Ptolomeu tinha conhecimento da teoria heliocêntrica de Aristarco de Samos, um dos que se antecipou Copérnico. No entanto se Ptolomeu recusa adoptá-la, e pelo melhor dos motivos: não estava em tão bom acordo com as observações como a sua.

Como dissemos, os árabes traduzem e comentam o sistema de Ptolomeu e a tradição recolhe o nome com que designaram o tratado de Ptolomeu que, originalmente, se chamava Síntaxe ou Síntese Matemática. Por vezes chamam-lhe Megale Syntaxis (Síntese Grande) ou ainda (Megele Syntaxis (A Síntese Muito Grande). É a partir deste último nome que se forma com o artigo árabe al, o híbrido «al-megiste» que daria «Almagesto», nome que haveria de permanecer.

PTOLOMEU E COPÉRNICO

Como dissémos, os árabes, além de traduzirem o «Almagesto», comentam-no e propõem já correcções em certos pontos onde o desacordo entre a teoria e as observações é mais evidente. Mas a teoria ptolomaica resiste a tudo. O descontentamento que provoca não é suficientemente forte para que, durante a Idade Média, alguém se atreva a propor a correcção de algo que pertence já aos hábitos do pensar quotidiano e à ortodoxia do «estabelecimento» religioso e político do tempo. Acrescentem-se, ainda, que a teoria era também muito satisfatória do ponto de vista prático. E agora, entra Copérnico.

Como se vai impondo o sistema copernicanó?... Porque as observações de Copérnico são mais precisas?... Temos sérias dúvidas de que os instrumentos de Copérnico sejam mais aperfeiçoados do que os que usaram Hipparco ou Ptolomeu. Copérnico, quanto muito, poderia apreciar diferenças na posição dos astros de cerca de 10 minutos de arco. Este é um ângulo segundo o qual, da distância de cerca de 8,5 metros, se pode ver uma moeda actual de um escudo. Tycho Brahe que vem a seguir a Copérnico e foi mestre de Kepler, consegue já cerca de meio minuto de arco, o ângulo segundo o qual se pode observar a mesma moeda à distância de 170 metros. Isso a que se chama progresso científico, permite que, hoje, se alcance uma precisão que corresponde ao ângulo segundo o qual se pode ver a moeda referida à distância de cerca de 500 quilómetros.

É espantoso salientar que os cálculos de Copérnico não levavam a um melhor acordo entre os resultados da observação e a teoria, excepto, talvez, no caso do movimento da

	Sistema Ptolomaico
Mercúrio	0,3708
Vénus	0,7194
Terra	1
Marte	1,5206
Júpiter	5,2167
Saturno	9,2336

Como se vê, nesta base, não há razões para escolher entre os dois sistemas (o ptolomaico é, até, o mais adequado) e isto explica muita coisa.

Explica porque, por exemplo, Tycho Brahe se não tenha contentado com o sistema de Copérnico e tenha procurado, dentro da melhor tradição diplomática, um compromisso entre os dois sistemas do Mundo: a Terra estava fixa no centro do Universo enquanto a Lua e o Sol girava em sua volta. Os outros planetas, no entanto, tinham um movimento de revolução em torno do Sol. Era a teoria geo-heliocêntrica de que também foi possível descobrir ter sido proposta já por Heracleides de Samos que viveu na segunda metade do século quarto, antes de Cristo.

Mas Tycho contribuiria decisivamente para lançar um golpe mortal nas ideias ortodoxas quando descrevesse o aparecimento duma nova estrela, o que se chama agora uma super nova, em 1572, e, em 1577 é de um cometa. Final a esfera celeste não era imutável nem, como também diziam os aristotélicos, constituída por esferas sólidas concêntricas tendo fixadas sobre elas os planetas e as estrêlas. Um cometa pudera atravessá-las, fàcilmente...

A teoria de Copérnico sofria, até de algumas deficiências, reconhecidas pelo seu autor. Por exemplo, movendo-se Vénus em torno do Sol, numa órbita situada entre a da Terra e o Sol, dever-se-iam observar fases de Vénus, exactamente como existem as fases da Lua. Mas não se conseguiam ver as fases de Vénus... Aqui nos recordamos do que escrevia recentemente o famoso biólogo, Prémio Nobel, André Lwoff: «se a cautela é sempre necessária para se interpretar o que se vê, maior prudência se necessita ainda quando não vemos nada»...

Então o que levou a cada vez maior aceitação do sistema de Copérnico?

. Na Introdução à sua Teoria da Electricidade e Magnetismo, o grande físico e professor

ONTA NOVA

a em torno da Terra situação m que afinal continuava fiel o sistema geocêntrico de Pto-omeu. Convém ainda afirmar ue, essencialmente, Copérni-o utilizava os métodos mate-náticos de Ptolomeu.

Recordemos que, fundamen-almente, o sistema copernica-o colocava o Sol no centro, , em sua volta, movimenta-am-se os planetas em órbitas irculares. A Terra, além deste ovimento em torno do Sol, gi-ava em torno dum seu eixo. e tomarmos como unidade a istância média da Terra ao ol, a distância dos diversos lanetas ao Sol é-nos dada pe-a teoria ptolomaica e pela teo-a copernicana, na seguinte abela, onde se registam valo-es modernos.

Sistema Copernicano	Valor moderno
0,3763	0,3871
0,7193	0,7233
1	1
1,5198	1,5237
5,2192	5,2028
9,1743	9,5389

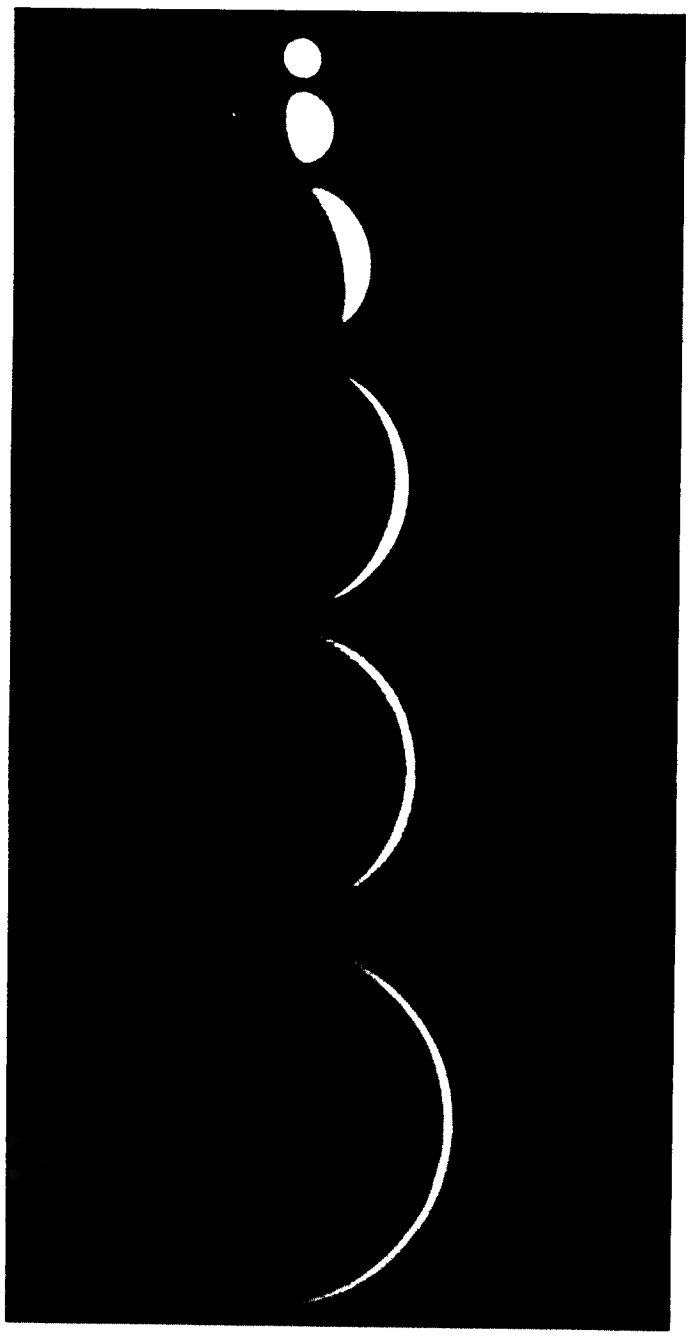
ue foi Max Planck escreveu: «...temos várias teorias dife-entes de acção a distância em lectrodinâmica, mas apenas ma de acção contígua, no-eadamente a de Maxwell. Es-teoria deve, pois, a sua po-ção soberana relativamente a das as outras não devido ao cto de ser mais «correcta», as antes devido à sua maior laresa e simplicidade».

A teoria de Copérnico impu-ha-se aos espíritos do tempo or estas características que uase poderíamos dizer estéti-as. Satisfazia mais do que a Ptolomeu. Advinhava-se ue até deveria ser mais cor-cta, modificada nalguns pon-s sem perder as suas carac-rísticas fundamentais. Esta-os a recordar-nos do que di-a há pouco o grande físico órico Paul Dirac:

«Se as equações da física o são matemáticamente be-s, isso denota uma imper-ição e significa que a teoria m defeitos e necessita de ser elhorada. **Há ocasiões em ue a beleza matemática deve r prioridade sobre um acordo emporário) com a experiência** ublinhado nosso). A beleza atemática atrai as nossas roções e a sua necessidade aceite como um artigo de fé; o há razão lógica atraz dela. arece que Deus construiu o niverso baseado numa mate-ática bela e nós temos en-ntrado que a suposição de ideias básicas deverem ser xpressas em termos duma ma-mática bela é uma suposição e é proveitoso fazer.»

Ainda que aceitemos com rias reservas este juízo de rac, não há dúvida que a teo-de Copérnico era mais bela que a de Ptolomeu e, daí, uito da força, da sua acção.

No entanto ela só se impo-, verdadeiramente, quando pler, a partir dos dados mais orosos do seu mestre Tycho dos seus próprios de obser-dor preserverante e conscien-oso, é levado às suas três mosas leis onde nos apare-em as órbitas planetárias co-o eclipse de que o Sol ocupa um dos focos. O telescópio de Galileu, finalmente, desata convincentemente os últimos nós das dúvidas que ainda poderiam existir.



As fases de Venus que Copérnico previu teoricamente que deveriam existir mas que nunca conseguiu observar. Foram pela primeira vez observadas por Galileu.

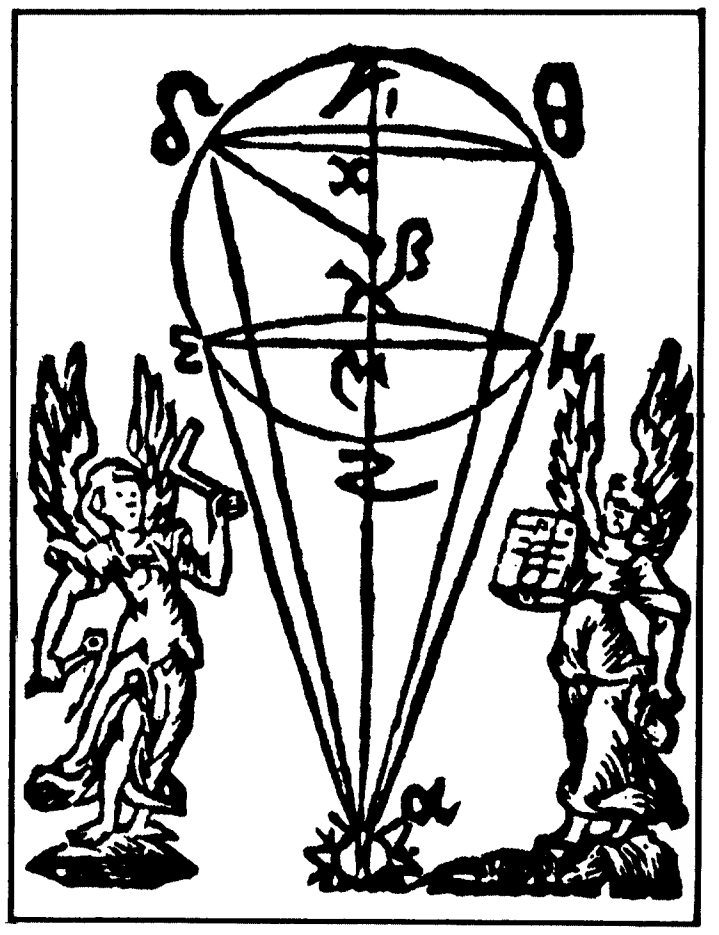
COPÉRNICO, GIORDANO BRUNO E OUTROS

Giordano Bruno é um copernicano da primeira hora ainda que no seu livro La Cena de le Ceneri, já referido, censurasse Copérnico por este estar mais interessado no estudo da matemática do que no da natureza o que não o teria levado às últimas consequências da sua teoria. Bruno desempenha um papel importante na difusão, e nas dificuldades, com que se enfrentaria a teoria copernicana. É ele que, polèmicamente, acentua aquele afastamento do homem do centro do Universo, posição tão cara à doutrina tradicional judaico-cristã, imposta pelo sistema de Copérnico. Em Bruno não encontramos o cientista expondo as suas teorias pelo que são com o apoio que os factos experimentais lhe fornecem. Não. Bruno é um místico que procura interpretar as teorias científicas como sinais de Deus deixados para indicar a relação dos homens com a divindade. A teoria copernicana é, para ele, a prova da insignificância do homem no esquema da criação. Outros mundos haverá idênticos ao nosso, com outras criaturas. O seu temperamento exaltado e a sua coragem moral e física levam-no à fogueira onde é consumido. J.D. Bernal diz no seu famoso livro «A Ciência na História» que, «por cada católico que a sua execução assustou, foi encorajado um protestante». «Mesmo para um simples curioso destes assuntos, uma tal afirmação é um disparate. Na verdade, Bruno era pelo menos tão odiado pelos protestantes, qualquer que fosse a sua facção, como pelos católicos ortodoxos. E quanto à teoria copernicana basta saber o que diria Martin Lutero de Copérnico: «O tonto vira do avesso toda a ciência da astronomia». E quando, em 1543, o «De Revolutionum Orbium Coelestium» se imprime e o primeiro exemplar é levado junto de Copérnico, moribundo, este, felizmente, não chega a tomar conhecimento do prefácio que o protestante Andreas Osiander escreveu para o livro e onde se previne, o leitor, contràriamente ao que Copérnico pensava, que as teorias expostas deveriam ser consideradas apenas como hipóteses. Hoje diríamos **como modelos** que nos permitiriam tirar conclusões válidas sem que, necessàriamente, correspondessem à verdade. Se alguma coisa podemos dizer é que os católicos, então, manifestaram mais simpatia para com a teoria de Copérnico do que os protestantes. O livro aliás, com a prudência habitual de Copérnico, é dedicado ao Papa Paulo III. Na célebre carta à Grande Duquesa Cristina, Galileu começa por defender-se dizendo exactamente que o autor da doutrina que agora expunha era Nicolau Copérnico, «não só um católico mas um padre e cónego tão estimado pela Igreja que, quando o Concílio Latrano, sob Leão X, decidiu reformar o Calendário da Igreja, Copérnico foi chamado a Roma das partes mais remotas da Alemanha, para efectuar essa reforma... O seu livro foi aceite pela Igreja sem qualquer objecção contra as suas doutrinas». Isto escreve Galileu mas depois de Bruno ter chamado a atenção para os significados teológicos da teoria de Copérnico, e não apenas científicos, como vimos.

Esta acção de Bruno lembra-nos a de Voltaire relativamente às teorias de Newton Voltaire situa-se como um divulgador científico apenas e, sem dúvida, com o maior êxito pois não há dúvidas de que foi ele que chamou a atenção de toda a Europa para a obra de Newton sobre a qual, ao tempo, comtemporâneos ilustres como Robert Hooke e Christian Huyghens manifestavam as mais sérias reservas. Mas os tempos eram outros e as discussões, se nem sempre se desenvolveram naquele plano de dignidade desejável, situavam-se já dentro das regras fundamentais do exercício da actividade científica. Corriam perigo as reputações, sem se arriscarem as cabeças...

COPÉRNICO E GALILEU

Galileu é o homem que impõe cientificamente o sistema copernicano. É certo que foi muito ajudado por Kepler, como dissemos. Quando, porém, vemos Kepler perseguindo aquela sua visão duma harmonia celestial, tentanto tornar compreensível a silenciosa «Música das esferas», percebemos que entramos pelas mãos de Galileu numa nova idade do homem. A consciencioso colectânea de dados por Tycho e Kepler vai ser utilizada mas o que definitivamente resolve o problema é o uso do telescópio por Galileu, aparelho que re-inventou quando teve umas notícias vagas de que um instrumento para ver ao longe tinha sido construído na Holanda. Com o telescópio mostra que, efectivamente, como previa o sistema de Copérnico o planeta Venus, tal como a Lua, tem fases. E os argumentos contra a teoria de Ptolomeu multiplicam-se dia a dia. Galileu admirava muito Copérnico por não ter mostrado qualquer hesitação quanto à integridade da sua teoria, apesar de, como dissemos, não ter conseguido observar as fases da Vénus. Mas isto é também lição que recebemos ao longo da história da ciência. Não se pode esperar, para elaborar uma teoria, até se dispor de todos os dados. Nunca ninguém teve dados completos sobre algo. A Ciência não é a Arte mas sem dúvida existe uma arte da investigação científica com a sua parte oficial, as suas normas, preceitos e regras. Há que aprender a reconhecer quando um dado está suficientemente estabelecido para que possa ser incluído numa teoria ou simplesmente exposto como tal, com a força que tem o adjectivo científico. Muitos cientistas, por força do que poderíamos considerar uma espécie de instinto, estão tão certos da existência real de algumas criaturas da sua imaginação criadora que quase dispensariam as provas experimentais. Sabe-se hoje que Pasteur, por exemplo, chegou a ter trabalhos completamente redatados antes de realizar as experiências que os fundamentavam. Mas realizava-as sempre...

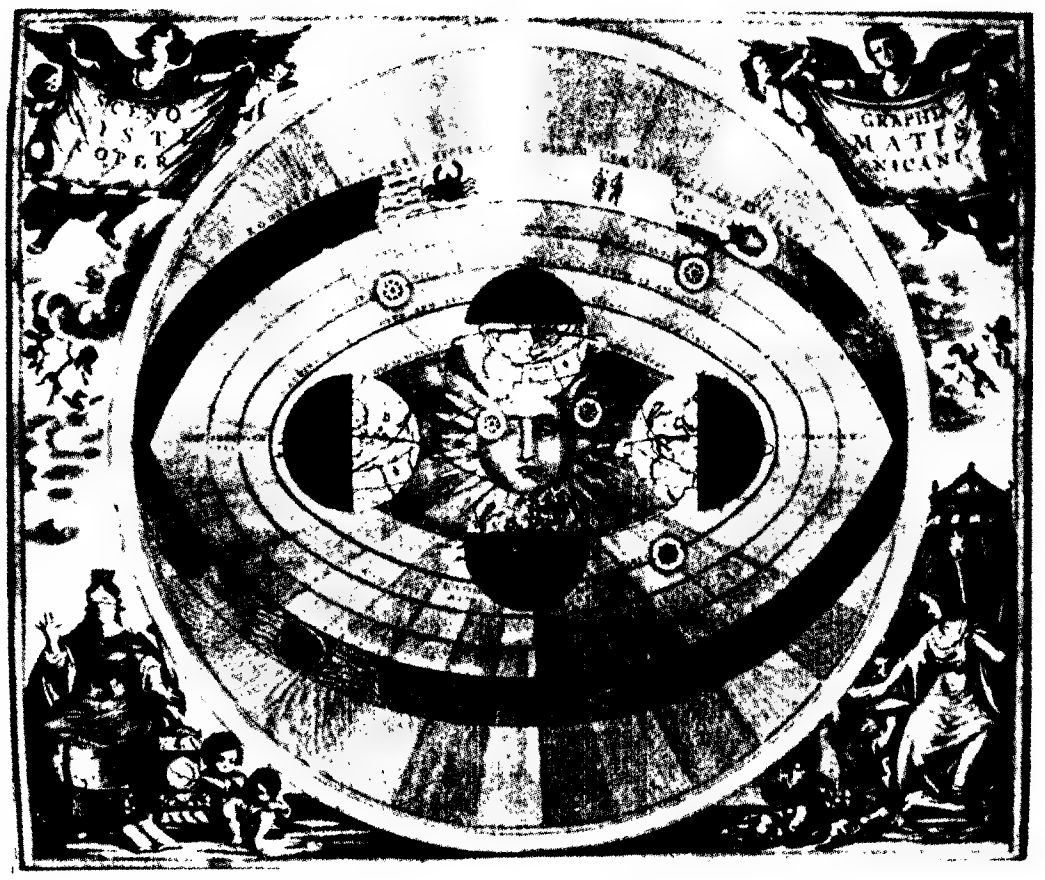


O SOL EXULTA EM SEGUIR, COMO UM HOMEM FORTE, O SEU CURSO

Esta passagem dum salmo bíblico foi um dos obstáculos levantados contra a aceitação da doutrina de Copérnico. Não queremos terminar este artigo que lembra Copérnico num centenário do seu nascimento, sem lembrar Harlow Shapley falecido em Outubro passado com 87 anos de idade. A astronomia do século XIX «quebra a barreira dos céus». É Shapley, um jornalista profissional, que se resolve um dia dedicar à Astronomia que, em 1918, descobre qual a posição do nosso pequeno sistema solar numa galáxia de que determina as dimensões mostrando que ela é, pelo menos, dez vezes maiores do que supunham astrónomos como Herschel e Kapteyn. O nosso Sol encontra-se a uma distância de cerca de 33 mil ano-luz do centro da galáxia, deslocando-se a uma velocidade de 250 quilómetros por segundo, suficientemente grande para que o salmista pudesse falar da sua exultação em seguir o seu caminho, levando mesmo assim cerca de 200 milhões de anos a dar uma volta a toda a galáxia. Bem mais modesta é a velocidade da nossa Terra em torno do Sol: uns lentos 30 quilómetros por segundo. De tudo isto, muitos tirarão motivos de modéstia, o que só lhes fará bem, por não estarem no centro do mundo, se é que tem centro; outros, motivos de orgulho por tanta inteligência e coragem manifestada por irmãos, com fraquezas que não desmentem essa fraternidade; outros, finalmente, não tirarão coisa nenhuma e continuarão a viver, sem perceber que tudo isto lhes toca de perto e os afecta.

É preciso insistir, no entanto, no facto do homem ser, por definição, o único animal com História e que o tecido desta, onde é mais forte, é por onde passam os fios da fiação da Ciência e da Tecnologia. E um péssimo sintoma o de se não distinguirem, na fábrica desse tecido, esses fios, mas é por onde anda o ensino da História que é uma história de generais e políticos, principalmente.

Lembremos pois e sempre os homens que como Copérnico alteraram a imagem do mundo que habitamos.



A KAVERNA

HOJE — REABERTURA

(terminadas as férias do pessoal)

GRANDIOSO ELENCO

Serviço de JANTARES e CEIAS

Travessa Fiéis de Deus, 34 (Bairro Alto)

Tel.: 35593 — Grupo D - 18 anos

F. N. A. T.

CONCURSO PARA O FORNECIMENTO DE MATERIAL DESPORTIVO, EQUIPAMENTOS PARA A PRÁTICA DE FUTEBOL, BASQUETEBOL, VOLEIBOL, ANDEBOL, TÉNIS DE MESA E ATLETISMO

Até às 18 horas do dia 15 de Março aceitam-se propostas para o fornecimento em epígrafe.

As respectivas condições serão facultadas na Secção de Abastecimentos — Calçada de Santana, 180 — em qualquer dia útil das 10 às 12,30 e das 14 às 18 horas, exceptuando os sábados a partir das 13 horas.

A abertura das propostas terá lugar na Sede deste Organismo no dia 16 do mesmo mês pelas 15 horas.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1973

O SECRETÁRIO GERAL ADJUNTO

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

AEROPORTO DE LISBOA

Concurso público para a concessão de licença de ocupação de dois gabinetes com vista ao exercício da actividade de agente transitário de carga aérea no terminal de carga do Aeroporto de Lisboa

Faz-se público que perante o Conselho Administrativo do Aeroporto de Lisboa se encontra aberto o concurso acima identificado.

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 16 h do dia 20 de Março p. f.º, na Sala de Reuniões do Aeroporto de Lisboa.

As propostas poderão ser entregues na Secretaria até às 12 h do dia fixado para a realização do concurso.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar um depósito provisório ou apresentar garantia bancária devidamente aceite, no valor de esc.: 600$00.

Local da consulta do processo: Secção de Expediente da Secretaria do Aeroporto de Lisboa onde, em todos os dias úteis e nas horas de expediente podem os concorrentes solicitar cópias do programa de concurso e caderno de encargos.

Aeroporto de Lisboa, 9 de Fevereiro de 1973.

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

CONDESSA DE BOBONE

CONFORTADA COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Conde de Bobone, Carlos Francisco Ferreira Pinto Basto Bobone, sua mulher e filhos; Eugénia Maria Ferreira Pinto Basto Bobone de Oliveira (Tojal); João Bruno Ferreira Pinto Basto Bobone, sua mulher e filhos; Margarida Rita Pinto Basto Bobone Ressano Garcia, seu marido e filhos; Nuno Ferreira Pinto Basto, sua mulher, irmãs, irmãos e cunhado, Álvaro de Lancastre Araújo Bobone, suas irmãs, irmãos e cunhadas, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença, no passado dia 12 do corrente, a sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, irmã e cunhada, celebrando-se na próxima 2.ª feira, dia 19, Missa pelo seu eterno descanso, na Igreja das Mercês, em Lisboa, pelas 12 horas e trinta minutos.

MÚSICA

FESTIVAL DA CANÇÃO: A GUERRA JÁ COMEÇOU

Começou o Festival da Canção. Nos programas de rádio, nos intervalos dos programas de televisão, em tudo o que seja meio de comunicação, se anuncia este intérprete, se fala de um outro autor, se adjectiva aquele compositor. Desde «cócktails» a jantares, de cartazes a «spots» publicitários, todos os trunfos estão a ser jogados. Pela nossa parte, limitamo-nos a perguntar aos mais directamente implicados no Grande Prémio TV da Canção o que mais interessa aos nossos leitores. E fazêmo-lo por igual, a uns e a outros, dando, a cada um deles, a mesma importância. Consideramos que se trata, por regulamento, de um festival de canções e não de editoras ou intérpretes, embora saibamos muito bem como estas coisas são. Mas não queremos deixar de lembrar a todos esta verdade: são as canções, apenas, que devem estar em jogo. Só a elas devemos atender, sem partidarismos, sem lugar aos nomes que as defendem, julgando-as, ùnicamente, pelo que elas são e pela maneira como vão ser interpretadas.

Continuando a série de entrevista que iniciámos há algum tempo, publicamos hoje as conversas que tivemos com Tonicha, com alguns elementos do «Improviso» e com o autor de «Cantiga», a canção que estes últimos vão interpretar no dia 26 deste mês, no Teatro Maria Matos.

TONICHA: EM BUSCA DA EUROVISÃO

«Acima de tudo, participo neste Festival porque a Eurovisão me interessa.»

. Tonicha, 17 discos gravados, vencedora de um Festival da Canção, 8.º lugar no Eurofestival de 1971 (a melhor classificação portuguesa até essa altura), presença nos festivais de Split (prémio de interpretação), Atenas (4.º lugar e 2.º prémio de interpretação), Rio de Janeiro, Torremolinos, Taça da Europa de Intérpretes e, ainda recentemente, no I Festival da OTI, novamente num Festival TV: O Grande Prémio TV da Canção Portuguesa, o décimo da dinastia. Para além do interesse confessado pela Eurovisão, que mais justifica a sua participação no X Grande Prémio das cantigas?

«O Festival é, indiscutivelmente, o maior «show», do ano, em Portugal. O que reúne maior audiência».

. 26 anos. 15 países percorridos a cantar. As fronteiras abertas desde a sua participação no Festival da Eurovisão que se realizou em Dublin em 1971. É a noção de tudo o que rodeia «esta coisa de festivais»:

. **«Refiro-me, para já, à Eurovisão. Sei que o festival é de canções e não de intérpretes, mas quem canta tem, de facto, um papel muito importante. Seja como fôr, tenho uma noção exacta de engrenagem que condiciona estas coisas. Sei muito bem a quem servimos, quando servimos, e conheço quem se serve de nós. Mas falo como profissional que procura não ceder e que procura, também a abertura da música portuguesa aqui e no resto do mundo. Não se pode falar, só, da «jovem música portuguesa». Falar é muito pouco, para quem canta.»**

«ACREDITO NESTE FESTIVAL»

A conversa, nesta altura, tinha já viajado bastante. E Tonicha, neste momento, é notícia porque participa no Festival da TV. Falemos, portanto, do Festival.

«Falando do Grande Prémio TV da Canção, creio bem que vai ter interesse, pois participam nele artistas com provas dadas, bons compositores e bons autores.»

Depois de, em 1971, ter cantado a canção «Menina», com música de Nuno da Nazareth Fernandes e letra de José Carlos Ary dos Santos, depois de saber, por experiência própria, «como estas coisas são», Tonicha fala das condições em que decorrerá este festival, sabido de todos, como é, que não foram as melhores (longe disso) as dos festivais passados:

«Acredito que, este ano, as condições de trabalho vão ser melhores do que as que nos deram nos anos anteriores»

«A RAPARIGA E O POETA»

«A canção foi feita para o fim a que se destina. É uma música muito forte, bem construída, que «entra» fàcilmente.»

Sobre José Calvário, autor da música, e José Niza, autor da letra, diz Tonicha:

«O José Calvário é muito jovem mas, apesar disso, tem já uma bagagem apreciável e tem aprendido muito nos contactos internacionais que manteve. Quanto ao dr. José Niza, considero-o um letrista de eleição. Ele encontrou a medida exacta das palavras que devem servir uma melodia como a que eu vou cantar»

Tonicha, que já nos disse até que ponto lhe interessava ganhar o festival, como é evidente, visto tratar-se de uma profissional (quem, de entre os profissionais que vão estar no Maria Matos no dia 26, não pensa do mesmo modo?) mantém-se serena.

«A canção foi escrita propositadamente para mim. Por isso me decidi por ela.»

«Decidir por»: uma opção, portanto. Logo, houve mais canções que lhe foram propostas...

«Sim, houve mais uma, a «Semente», de Fernando Guerra e Ary dos Santos.»

PROJECTOS

«A vitória (ou a derrota) não alterará a minha vida profissional. Tenho já o meu plano de trabalho para 1973.»

Contratos para o estrangeiro?

«Irei a Espanha, à América do Norte, a África, a Hong-Kong e a Tóquio.»

E para cá?

«Vou apresentar muito em breve um «show» em Lisboa, com música de jovens compositores portugueses, canções com certo conteúdo poético. Cantarei noutras línguas apenas com o propósito de fazer uma amostragem do que vou fazer, pois lá fora não tenho possibilidade de cantar, apenas, canções na minha própria língua. De qualquer modo procurarei cantar noutras línguas canções de compositores portugueses, que as há e de qualidade.»

IMPROVISO: A DEFESA DA «CANTIGA»

Com sorrisos improvisados, a defesa da «Cantiga»

Para os elementos do «Improviso», João Rafael é, para além de autor da canção (da «Cantiga») que vão interpretar no X Grande Prémio TV da Canção Portuguesa, e até por ter acompanhado o trabalho do quarteto desde o primeiro momento, mais um amigo. Musicalmente...

«Só conheço duas canções dele», disse-nos Carlos Moniz, **«as que gravámos no disco do Festival. O que é pouco para fazer juízos sobre o valor musical do João Rafael. Para já, agradam-me muito, quer a canção do festival, quer o lado B do disco.»**

. Atento, Manuel José Soares acrescenta: **«Acho que isso carecia de uma resposta mais objectiva. O João Rafael é um rapaz puro na maneira como faz as coisas, as músicas, neste caso. É, no bom sentido da palavra, um ingénuo: não tem vícios musicais. Talvez seja por isso que o nosso trabalho está a ser realmente fresco, jovial. Espero que o João continue assim, de certa maneira.»**

. A Maria do Amparo está no continente há muito pouco tempo. Natural dos Açores, Terceira, ela entrou de pronto no mundo das cantigas e, logo no primeiro ano da sua estadia por cá, vai participar no certame máximo das cantigas portuguesas. Que pensa disso?

. **«Acho muito giro. Acho divertida esta coisa de andarmos a ensaiar, todo este trabalho que estamos a fazer. Digo divertido porque me agrada. É, contudo, um trabalho sério.»**

A AVENTURA COMEÇOU EM 1970

«É a terceira vez que participo no festival», dizia o Carlos. Será a melhor?

. **«Talvez apareça outra de que venha a gostar mais. Digo isto porque gostaria, e espero que isso aconteça um dia, de ver uma canção minha no festival. Mas estou a gostar muito desta, claro.»**

E acrescentava: **No fundo, continuo a dizer: o Festival é um dia, o ano tem 365 e eu canto todos os dias...»**

Quanto a Manuel José Soares, participa no festival pela segunda vez. A primeira...

«...Foi como elemento do duo «Orfeu». Cantámos «Adeus Velha Amada» no Festival de 1970».

Uma grande diferença?

«Claro. Éramos, no festival de 70, muito inexperientes. Além disso, meteram-nos na cabeça que iamos interpretar uma canção de uma dupla que já tinha ganho o festival, pois a canção era de José Alberto Diogo e Pedro Osório, autores do «Verão», que Carlos Mendes interpretou em 1968. De qualquer modo foi giro, como experiência, pelo menos.»

TEM A PALAVRA O AUTOR

João Rafael concorreu pela primeira vez ao Festival, mandou uma única canção, e viu-a incluída na lista das dez apuradas. Porquê o Festival?

. **«Em primeiro lugar já estava farto de tocar entre quatro paredes. E, na medida em que tenho um treino grande de guitarra clássica, isto abre-me perspectivas para entrar em gravações, para fazer coisas, no futuro, que ultrapassam em muito o âmbito do Festival.»**

E, já agora, porquê o «Improviso»?

«Um grupo vocal era uma necessidade da música que fiz. Cheguei a pensar em vários intérpretes, mas tive agora a confirmação do que pensava inicialmente: se tivesse enveredado por um intérprete faria uma grande asneira. A ideia inicial era a de entregar a canção a um grupo. E foi o que fiz.»

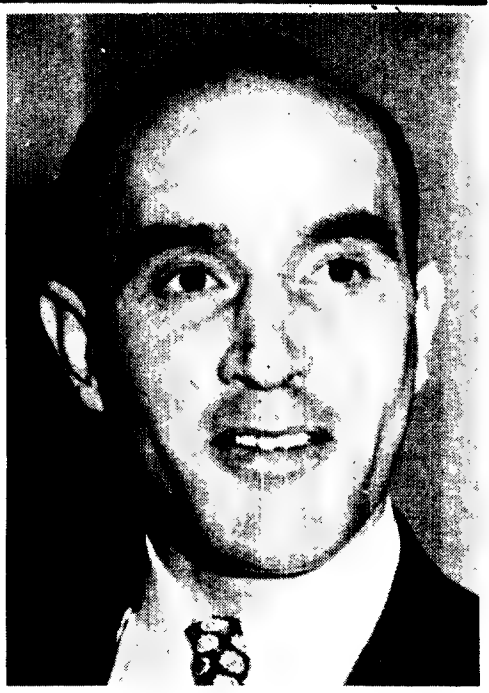
Satisfeito com este grupo?

«Sim. Tive várias hipóteses, para além das que não consegui e, se enveredei por esta (o «Improviso»), foi porque gostei de os ouvir.»

Terá João Rafael posto, alguma vez, a hipótese de ganhar?

«Sinceramente, devo dizer que pus a hipótese. Mas, na verdade, eu sei que, publicitàriamente, é impossível. Eu vou lá por gosto mas, mesmo que eu não quisesse, tinha que ir lá, apenas, por gosto.»

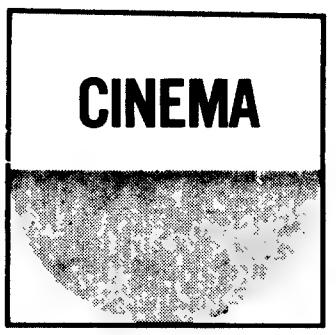
Os verdadeiros assassinos



Irá aparecer nos «écrans» de Lisboa um filme norte-americano reconstituíndo a existência real e a morte em Sing-Sing de um casal de «gangsters» que se entregava a especulações com a solidão e o desespero da mulher americana, a grande maioria, que responde a anúncios de «correio sentimental». Um solitário «caçador de corações» e uma enfermeira, puritana e apaixonada, com quem vive, e se faz passar por sua irmã, subsistem explorando velhas senhoras que matam, depois de lhes roubarem o prémio (prenda?) de casamento. Tony lo Bianco e Shirley Stoler são os protagonistas desta trágica história de «gangsters» que é, simultâneamente (conforme Marguerite Duras o declarou) «uma das mais belas histórias de amor».

Como autor do argumento e realizador do filme aparece Leonard Kastle, um homem de formação musical, encenador de várias óperas e, ele próprio, commpositor, que assim se estreia no cinema, com «The Honeymoon Killers». «Lua de Mel de Assassinos», rodado nos próprios locais em que decorreu, efectivamente, a acção de Martha Beck e Ray Fernandez é uma obra importantíssima da nova cinematografia americana. Preparando a sua estreia em Lisboa, aqui fica transcrita uma elucidativa entrevista com Leonard Kastle, aparecida no número 131 da revista «Positif».

L.A.



FALA LEONARD KASTLE

— **Como nasceu a ideia de rodar «The Honeymoon Killers»?**

— Warren Steibel, produtor na NBC TV, queria fazer um filme para cinema. Tínhamos almoçado uma vez com um amigo seu, um financeiro rico, presidente da Fundação Oppenheim. Steibel conhecia este caso judiciário que queria tratar da maneira menos romântica possível. Precisava de 150.000 dólares para a montagem do filme e pediu-os ao amigo que lhos emprestou. Warren Steibel tinha, em 1961, sido o produtor de uma ópera para a qual eu fizera a música e uma parte do libreto: **Desirate** (a propósito de Brigham Young, chefe dos Mormons, no século XIX). Eu escrevera já uma outra ópera: **The Parias**. Nesta altura **Desirate** ia ser lançado em Los Angeles e eu tinha o meu tempo livre. Warren Steibel pediu-me para lhe fazer umas investigações sobre este caso judiciário. Durante quinze dias li tudo o que dizia respeito a este caso: processos verbais, testemunhas, etc... era uma história incrível. Pouco a pouco fui-me deixando prender pela engrenagem. Duas possibilidades se ofereciam a Steibel: primeiramente ir a Hollywood procurar um argumentista, mas isso nunca daria o filme que ele queria fazer. Na segunda hipótese, seria eu mesmo a escrever o argumento. Era arriscar-me muito, mas estava entusiasmado e cheio de ideias. Entretanto, como estava um bocado desamparado, Steibel trouxe-me uma série de argumentos de Truffaut, Antonioni, Pasolini, argumentos americanos também, e disse-me: «Estuda-os.» Estávamos, portanto, de acordo para começar, e, no caso de isso ser impossível, teríamos então de apelar para um argumentista, durante o processo de elaboração. Qualquer um pode escrever o que quizer, essa é a minha opinião. Não conhecia nada da realização cinematográfica. Aceitei fazer o filme na condição de o rodarmos cronològicamente. Progressivamente, os problemas de rodagem foram desaparecendo. Não era demasiado difícil, porque só havia duas personagens principais, e as secundárias, as vítimas, apareciam e desapareciam definitivamente. Se não tivesse feito a filmagem cronològicamente, estaria perdido. Acredito que o filme se torna nìtidamente melhor, porque comecei a controlar melhor a realização, a partir do momento em que aparece a rapariga do Sul, na sequência do lago. Agrada-me verdadeiramente o grande plano onde ela lê a carta... e depois...

— **Viu muitos filmes anteriormente?**

— Cresci numa pequena cidade fora de Nova Yorque, onde havia apenas dois cinemas. Não tinha até então visto muitos filmes. Por volta dos 12, 13 anos entusiasmei-me com os filmes de Jean Cocteau, especialmente com **L'Eternel Retour**, que era uma verdadeira obra de imaginação muito próxima da ópera. **Théorème**, de Pasolini, é, entre os filmes mais recentes, um dos melhores que pude ver. Gosto igualmente dos de Bergman. Nos filmes americanos, foi sobretudo **A Place in the Sun** de George Stevans o que mais me interessou, tanto mais apaixonante quanto foi mesmo feito em Hollywood. Gosto também muito dos filmes interpretados por Joan Crawford e Ida Lupino, mas não gostaria de fazer nada semelhante. Mas aqueles que me influenciaram mais foram, não simples argumentistas, mas pessoas como Hector Berlioz. Berlioz teve grandes dificuldades, não obtendo qualquer sucesso, ao contrário de Wagner, mas seguiu sempre em frente. Todas as suas obras foram feitas etapa por etapa, bocado por bocado, e ele sabia o que poderia tirar de cada uma dessas partes. Por exemplo **Romeu e Julieta** ou **As Troianas**: ele explicava o que cada uma das sequências queria dizer, e isso era extraordinário. De qualquer maneira, se se tiver qualquer coisa a dizer, pode-se fazê-lo pelo meio de expressão que se preferir. Apenas o conteúdo é importante, não a aparência. Nunca tinha composto senão música que, actualmente parece fora de moda, porque é melódica, romântica, como a que compuseram Richard Strauss ou Berlioz e me influenciaram. Creio que era Jean Cocteau que dizia que era precisa uma certa coragem para não se ser contemporâneo. Trabalhei durante cinco anos para uma ópera que não chegou a ser apresentada. Gostaria muito de tirar dela um filme. A ópera perdeu público e, de certa maneira, nunca foi adoptada.

— **Não acha que a ópera seria mais popular se estivesse de uma forma menos estrita?**

— Sim, porque parece que se entra num museu. Mas aí não há lei. Nada mais importa senão o que é bom.

— **Não será necessário destruir essa moldura tradicional?**

— Em Pesaro, alguns jovens revolucionários passavam o tempo a discutir questões ideológicas. Eu disse-lhes: «Eu sou um verdadeiro revolucionário. Vocês não fazem mais do que falar como crianças. Eu, pelo menos, faço coisas em vez de falar. Façam um exame honesto e obterão um resultado positivo». Estava furioso. Não basta dizer «Tenho de crer em alguma coisa», é preciso agir. Em vez de meditar sobre a sua velhice, Beethovan escreveu sinfonias até morrer. Não deve haver ideologia antes da criação, e a natureza do filme cria o seu próprio estilo.

— **Você adoptou uma narrativa documental, referindo-se a documentos, filmando nos lugares onde a acção se desenrolou realmente?**

— Claro. Nós rodámos quase tudo nos próprios locais: hoteis, restaurantes, etc... Não quis fazer um documentário, mas um drama. Em Pesaro, Marguerite Duras defendeu o filme dizendo: «É uma das mais belas histórias de amor que conheci». Decidimos encontrar um **género** reconhecível, identificável por todos, como ponto de partida, depois inverter as regras deste **género** hollywoodesco, a fim de que não ficassem atitudes românticas para com os assassinos e as vítimas. Por exemplo, em **Bonnie and Clyde** há romantismo, porque Arthur Penn embelezou os seus actos. Por outro lado, no meu filme, o assassinato da velhota é realmente brutal. Não é apenas um cadáver em papelão. Tentando estabelecer uma relação com o público, dissemos: «Vocês querem um assassino? Pois bem! Aí o têm! Gostam dele?». Esta é a pergunta que se faz ao espectador. Na Grã-Bretanha, os distribuidores fizeram cortes, com o pretexto de que o filme era imoral. Não, ao cortarem a sequência do assassinato, eram eles que o tornavam imoral. Nós conseguimos que as sequências cortadas fossem reintegradas no filme, mas na Alemanha os cortes foram mantidos.

— **Viu «In Cold Blood», (A Sangue Frio) de Richard Brooks, que, como ponto de partida, reconstituia a acção, tal e qual ela se desenrolara na realidade, mas que não provocava reacção muito profunda no espectador, contràriamente ao seu filme?**

— Sim, vi-o. Em **In Cold Blood** o problema era não se conhecer nada das vítimas, por isso não tinha interesse. Na sequência do enforcamento, acabava-se por se ter piedade dos assassinos, o que não era completamente honesto.

— **Quem é Oliver Wood, o seu chefe-operador?**

— Oliver Wood, que escolheu também os enquadramentos, é muito jovem. Tem vinte e quatro anos. Vem da TV comercial. Foi o seu primeiro filme. Tudo foi filmado sem iluminação artificial, sòmente com a luz existente nos lugares onde filmámos. Não tínhamos nada preparado. O filme foi deliberadamente feito a preto e branco: não queria fazê-lo a cores.

— **Qual é a origem dos actores?**

— São essencialmente actores de teatro. Shirley Stoler, que faz o papel de Martha Beck, trabalhou no Café-Mama, em Greenwich-Village. Viveu durante vários anos em França. Trabalhou numa companhia que representou entre outros, **The Skin of our Teeth** de Thornton Wilder, onde tinha um dos principais papeis. A actriz foi muito difícil de encontrar, por ser necessária uma certa semelhança. Tony Lo Bianco, que faz o papel de Ray, vem da TV, onde participou em séries policiais. Os actores que fazem de vítimas vêm do teatro **off-Broadway**, excepto a que faz de velha. Há cerca de trinta anos era uma das vozes mais populares da rádio, onde era especialista em folhetins, os chamados «soap-operas». Retirou-se depois dessa profissão. Reencontrei-a em casa de um amigo e fiquei logo fascinado com a sua voz. Ela não tenta representar o seu papel numa perspectiva psicológica, nem se preocupa com isso.

Cada uma das vítimas, representa um tipo especial da mulher americana: a do Norte, a do Sul, a velhota, a jovem, a rapariga do Oeste que milita na «John Birch Society», etc.. Quis fazer uma crítica da América estando dentro deste país. Fiz esta crítica, no meu próprio país. Em Pesaro, quando me interrogaram, eu respondi-lhes: «Não me perguntem mais nada sobre isso, porque eu estou aqui, fora dos USA. As minhas críticas estão contidas no meu filme». Não quero fazer parte dos intelectuais que vivem fora dos USA e passam o seu tempo a criticar. É mais revolucionário criticar o seu país, quando se está lá, do que quando se está fora dele. O verdadeiro revolucionário é aquele que age e que vai parar à prisão.

— **Como é que os USA acolheram o seu filme?**

Todos os críticos gostaram do filme. Para o público, foi uma grande surpresa, porque infelizmente foi distribuído num circuito de filmes violentos ou eróticos, o que foi um contra-senso. Não era esse o circuito em que ele devia sair.

Foi um sucesso crítico, excepto por **Newsweek**, que não gostou, assim como o **Chicago Tribune**, cujo crítico saiu ao fim de metade da projecção. Escreveu que era um espectáculo tão vergonoso que não o pudera suportar... e um mês depois escreveu o argumento de **Valley of Dolls** (O Vale das Bonecas) realizado por Russ Meyer. Financeiramente, no total, o sucesso foi modesto. Mas, em função do seu pequeno orçamento, o filme teve bastante lucro. Devo dizer que, por vezes, as pessoas abandonaram as salas. Criou problemas terríveis para alguns espectadores. Recebi cartas insultuosas. Perdi amigos, que não me dirigiram mais palavra, porque nunca pensaram que eu pudesse fazer um filme deste género.

— **Tomou algumas liberdades com o desenrolar deste caso?**

— Sòmente quando ela se denuncia à polícia pelo que se passava em casa. Na verdade ele tinha-lhe dito: «Faz as malas e vamos embora». Os vizinhos começaram a bater à porta da casa deles, inquietos com o que se podia estar a passar em casa. Uma mulher preveniu a polícia: Martha ou uma outra. No filme escolhi Martha por razões dramáticas. É a única liberdade que tomei.

Com efeito, a realidade ultrapassa a ficção. Dois oficiais do palácio da justiça, onde teve lugar o processo, contaram-me que durante o prossesso, assim que Martha e Ray confessaram os seus crimes e se reconheceram culpados e que a descrição dos seus crimes tinha aparecido nos jornais, Ray recebeu não centenas, mas milhões de cartas de mulheres, que lhe enviavam a morada, o número de telefone, fotografias suas... e escreviam: «Quando estiver livre, venha ver-me». A frustração das mulheres americanas chegava a este ponto. Isto parece incrível, mas é verdade. Se algumas pessoas não acreditarem, as velhotas, essas acreditam, Em 1949, a situação era idêntica à de hoje. A condição humana é sempre a mesma. É uma história que não pode acontecer senão nos USA. É muito americana.

— **A sequência cheia de humor, do restaurante, é verdadeira? Aquela velhota que se vende por 10.000 dólares e que olha para o preço dos pratos, que andam à volta de 1 dólar, e os discute?...**

— Absolutamente autêntica. Depois do restaurante, foram ao cinema onde ela se queixou do preço dos bilhetes. Estava tão aborrecida, que os espectadores vizinhos saíram da sala.

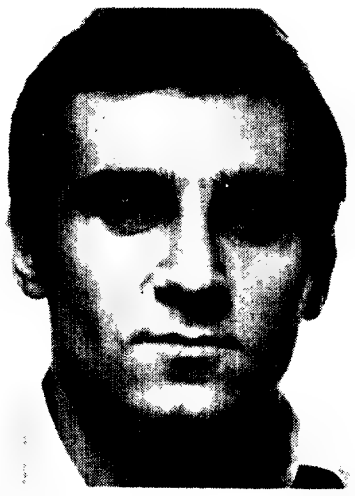
— **Quais são os seus projectos?**

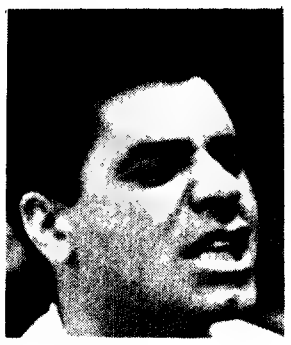
— Sempre com Warren Steibel, vou fazer **«The Wedding of Cana»** do qual o argumento está quase pronto a ser rodado. Passa-se numa igreja católica de New-Jersey que está sob o controle da mafia.

— **Tem algum segundo projecto?**

— Sim, **«Aloha»** que está em elaboração. É uma obra totalmente imaginária. Dois astronautas na lua. Um deles morre. O outro regressa à terra e julga-se culpado pela morte do amigo. Chora em frente às câmaras da TV e põe em questão a política do espaço, o que nenhum bom americano deve fazer. Para o distanciar dos jornalistas, a NASA envia-o para Hawai. Mas, pouco a pouco, solicitado por toda a parte, ele torna-se um herói nacional, Apaixona-se pelo golfinho de uma piscina de hotel. Tem encontros secretos com ele. Por fim, chamado a Washington, afoga-se no oceano com o golfinho, com o qual se põe a falar, enquanto que as pessoas o olham e lhe gritam: «Volte!».

Os assassinos no cinema





Jerry Lewis: o palhaço quer a paz

Howard Schneider
Exclusivo
"Newsday"/DL

NEW YORK — Penso que devemos ter sempre presente o que aconteceu na Alemanha há trinta ou trinta e tal anos, começa Jerry Lewis. **É a única maneira de as coisas não voltarem a repetir-se. Não falo em vingança. Penso que devemos seguir em frente e esquecer, sem admitir, no entanto, que devemos esquecer tudo. Há coisas que se não devem olvidar. É que a ideia de que tudo se pode repetir me enche de calafrios.**

Jerry Lewis interrompe-se neste ponto, e fecha os olhos. Estamos num fim de tarde, na «suite» dois do hotel, ocupada pelo actor, e, lá fora, cai uma forte bátega de água. Jerry Lewis, entretanto, volta a falar do seu novo filme, um filme que irá inquietar e surpreender muita gente.

Na verdade, há dois anos, muita gente se sentiu surpreendida quando o actor anunciou, depois de Gary, seu filho mais velho, ter regressado do Vietname, que abandonaria a América, levando a família consigo. Ora, comentaram alguns, coisas de Jerry Lewis, o tipo «chalado» de andar desengonçado e esgares idiotas. E também houve quem se sentisse surpreendido por tais declarações virem de um homem com a fama de apenas se preocupar com o êxito, como se prova com a sua casa de 31 quartos (com 14 casas de banho), o avião a jacto particular, a tendência para os fatos de 250 dólares, de que se desfaz depois de os ter vestido uma única vez, alegando que é alérgico aos produtos utilizados na limpeza a seco.

Com 46 anos de idade, levado, em parte, pela preocupação pelos filhos, Jerry Lewis abandonou o género cómico, e fez o seu primeiro filme sério, **O dia em que o palhaço chorou**, a história de um «clown» na Alemanha nazi, atirado para um campo de concentração, e aí utilizado a conduzir as crianças judias para a câmara de gás.

Para preparar o filme, que dirigiu e de que é o protagonista, e cuja exibição se iniciará na Primavera, Jerry Lewis dedicou-se, durante perto de um ano, a estudar o III Reich.

A história não nos conta que o maior medo de Hitler foram as crianças, afirma Jerry Lewis. **Fiz investigações sobre a vida de Hitler. Toda a gente tem notícia dos seis milhões de judeus mortos nos campos de concentração.**

O filme decorre na Alemanha, em 1939. Trata-se da história de um palhaço, que chegara a ser famoso em todo o mundo: Helmut, o Grande. Helmut Doork, de seu verdadeiro nome. Vêmo-lo, no princípio do filme, aos 55 anos, a cair de bêbado. Um homem frustrado, só, que deixara de ser uma grande figura de artista, para se transformar num farrapo, despedido do circo, incapaz de fazer fosse o que fosse.

Embebeda-se numa taberna e começa a falar mal do «Fuehrer». Ouvido pela Gestapo, é detido. É condenado à prisão, depois de um duro interrogatório por aquela polícia nazi. Enviado para um «campo de trabalho», acaba por ser utilizado pelos nazis para manter as crianças em sossego...

Jerry Lewis cala-se e encaminha-se para uma mala arrumada a um canto. **O filme está todo cá dentro, fechado desde que saí de Estocolmo.**

A mala tem sempre estado debaixo da vista de Jerry Lewis, desde que, há meses, regressou dos estúdios de Estocolmo, onde realizou o filme com os actores suecos Marriet Anderson e Ulf Palme.

Abre a mala e tira algumas fotografias. **Reconhece este homem?**, pergunta-me.

Trata-se de um indivíduo magro, descarnado, metido na farda do campo de concentração. O homem tem os cabelos cortados rente e a barba hirsuta. Está sentado a um canto do que parece ser uma caserna, fitando, com um olhar cheio de ternura, as crianças que se apinham à sua volta. Um rapazinho, de ar triste, encosta-lhe a cabeça ao peito.

Jerry Lewis teve a oportunidade de realizar **o dia em que o palhaço chorou há dez anos, quando, pela primeira vez, o argumento lhe foi parar às mãos. Pô-lo de parte. Teve três outras oportunidades, mas rejeitou-o, por diversas razões.**

Eu ainda não estava preparado, afirma.

Porque é que o está agora? **Talvez porque tenha amadurecido, por muito ter aprendido nos últimos dez anos. Tinha medo de o fazer. Sabia do que seria capaz como realizador, mas receava que Jerry Lewis, o actor, não conseguisse ser o intérprete que se impunha. Aos 45 anos sentia-me muito diferente do que fora aos 35, e isso contou muito. Depois, havia o amor pelos meus filhos... Quando nos tornamos pais, fornecemos uma imagem de nós próprios, esperando, talvez, dar ao mundo um futuro melhor, através dos nossos filhos. Penso que somos responsáveis por todas as crianças, que nos devemos preocupar com elas, a fim de tornar os pais conscientes das suas responsabilidades, porque há muitos que o não são. As crianças são umas coisas frágeis, inocentes, humanas.**

Perguntou-me se eu achava que tudo poderia vir a acontecer de novo. Olhe bem à sua volta. O que é que vê? Pode a sua mulher sair à noite? Pode deixá-la sair à noite, com as crianças? Em certa medida, não está tudo a repetir-se?

Não pense que o que estou aqui a dizer seja apenas que não deixemos que se repitam os fornos crematórios da Alemanha. O que devemos fazer que as pessoas compreendam, afirma Jery Lewis, com emoção na voz, **é que tem cada um de nós o direito a viver feliz a sua vida, rodeado daqueles que ama.**

Jerry: «Esperei a maturidade para fazer este filme»

Veja a História. Sabe quantos dias de paz autêntica houve no mundo, nos últimos 5.000 anos? Quinhentos e cinquenta e quatro, em 5.000 anos. Falo de paz em todo o mundo. O que é que isto lhe diz a si?, e acalma-se, depois de se ter exaltado.

A face despreocupada da juventude

EM VISITA OFICIAL

O ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício visitará, nos dias 4 a 8 de Março, a República da Africa do Sul a convite oficial do seu colega dr. Hildgard Muller, segundo foi anunciado em Lisboa e na Cidade do Cabo.

GIL VICENTE
CASCAIS
HOJE, só às 17 horas
AMANHÃ - DESCANSO
AS CRIADAS
de GENET
SÓ ATÉ AO DIA 25
Telef. 280919 — M/ 18

PRECISA-SE
Apartamento, bem situado e exposto gr. living, 2 q. c. banho, cozinha.
Resposta a este jornal ao n.º 727.

Sociedade «ESTORIL»
Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais
CONCURSO PARA A EXPLORAÇÃO DO PAVILHÃO DE VENDAS NA ESTAÇÃO DE ESTORIL E LOJA B DE CASCAIS
1 — Até às 16 horas de 20 de Fevereiro de 1973, aceitam-se propostas para a exploração durante o período de 1 de Abril de 1973 a 30 de Dezembro de 1976 do Pavilhão de Vendas na estação do Estoril e da charcutaria na estação de Cascais.
2 A adjudicação será feita por contrato cuja minuta estará patente nos escritórios centrais, estação do Cais do Sodré-1.º andar, todos os dias úteis das 9-30 às 12 h e das 14-30 às 18 h, excepto aos sábados.
Lisboa, 12 de Fevereiro de 1973.
O DIRECTOR-GERAL
A. Bual

CINEMA

UM GRÃO DE AREIA NO CRONÓMETRO SUÍÇO

Paul, sente-te infeliz?
— Não.
— Tens a certeza? Pensa bem.
— Não. Não sou infeliz. E tu,és infeliz?
— Podia ser pior. A esperança morre docemente.

(excerto de um diálogo do filme)

O filme «Charles Mort Ou Vif», estreou-se em Lisboa com o título «O último a Rir...» na semana passada. Trata-se de uma obra de Alain Tanner, com música de Jacques Olivier e com François Simon. Marcel Robert e Marie-Claire Dufour nos principais papéis. A fotografia é de Renato Berta. Classificado para maiores de 18 anos, «O último a rir» foi Grande Prémio do Festival de Locarno e seleccionado para a Semana da Crítica do Festival de Cannes. Entretanto, mereceu de Jean Collet (in «Télérama», 24-1-70) os seguintes comentários:

. «Os suiços não conheceram a guerra durante séculos. E o que é que eles inventaram durante todo esse tempo em que gozaram a paz? Um relógio que faz cucu».

Orson Welles foi bem injusto quando disse esta piada no «Terceiro Homem». A Suiça não se contentou em ensinar-nos a regular o tempo. Ensinou-nos também a regular as nossas contas. A Suiça é a pátria silenciosa dos bancos e do capital.

Eis, de repente, um filme que introduz um grão de areia nessa maravilhosa máquina social calculada sobre o princípio dos cronómetros. Charles (François Simon) é a Suiça, relojoeiro e industrial.

Alain Tanner apanha-o sem mais. Como deviam fazer os jornalistas de televisão «Quem é o senhor Charles?» Charles hesita, diverte-se, perde-se, liberta-se finalmente. Eis um despertar que não estava previsto. Descobre-se o que sempre esteve bem escondido: que um certo triunfo é triste e vão. Sem interesse. Um homem que se descobre atrás da sua máscara. «Hoje não puseste os óculos», diz-lhe o filho surpreendido. Com uma voz doce,um pouco quebrada, o pai responde-lhe: «Não tinha necessidade de usar óculos. Punha-os há vinte anos para esconder o que devia ter visto».

As reflexões do senhor Dé

. A partir de então Charles deixa de viver segundo o sistema dos cronómetros. Deixar de andar às voltas e de fazer andar os outros. Parte sòzinho, sempre em frente. À procura da verdade.

. Sei que me vão dizer que tudo isto é demasiado bonito, demasiado poético. Que não se pode viver destas coisas. ... Concordo, e seria mesmo desonesto ou idiota da minha parte fazer passar o filme por um conto ingénuo.

Charles não é um modelo, é uma referência. E o interesse do filme consiste em analisar todas as nossas referências sociais, humanas, económicas. Charles não se tornará um revolucionário. Nem um reformista. Nem um hippie. Charles será pròpriamente irrecuperável.

Porque o princípio do filme é realizar uma experiência. Portanto ir contra os nossos preconceitos. Aqui é o filho que é conservador. E o pai é o contestatário. Paul e Adeline (casal com quem Charles passa a viver) são de quem se deve ter pena. Julgam ser livres porque vivemà margem da sociedade. É tudo.

A filha de Charles encara a aventura do seu pai com surpresa e ternura. Ela não faz grandes sermões. Diz alguns provérbios que lançam um pouco de luz e de música no coração das pessoas. É tudo.

Para acabar com Orson Welles, dizia ele ainda: «É dever de todo o artista criticar a sociedade na qual vive». Este é já um facto para o cinema suiço.

"GUERRA E PAZ" NA TELEVISÃO

Ian Culross

A sangrenta batalha de Borodino em 1812, filmada na Jugoslávia em 1971 com 1.000 soldados jugoslavos, para a nova série da BBC, em 20 episódios da «Guerra e Paz» de Tolstoy.

As limitações impostas por um écran pequeno como o da televisão favorecem muitas vezes os produtores que têm de sujeitar-se a determinado orçamento, ainda que este seja por vezes bastante generoso.

Uma das preocupações da equipa de produção da «Guerra e Paz», adaptação em 20 episódios da obra-prima de Tolstoy que a BBC agora oferece aos seus telespectadores, era fazer com que 1.000 soldados parecessem ser os 10.000 que tomam parte na batalha de Borodino, em 1812. Os soldados eram 1.000 homens do exército territorial jugoslavo contratados a 6 dólares cada um por dia e, ainda que a «Guerra e Paz» fosse aceite como o filme de televisão mais caro, havia que contar os limites orçamentais. O produtor do filme, David Conroy, afirmava a propósito: «O que de facto descobrimos foi que para um écran de televisão a escala em que trabalhávamos era mais que suficiente. Não poderíamos ter utilizado mais homens».

E não deixa de modo algum de ser uma epopeia em grande escala, em que só o número de papéis falados é de duzentos. Diz-se ter custado 300 mil libras, o que, considerando o tempo total de duração da série, 15 horas, em episódios de 45 minutos, vem a dar 20 mil libras por hora, comparado com o custo médio das produções dramáticas da BBC de cerca de 6.000 libras por hora.

Dois anos de preparação e mais um ano de produção vêm colocar sem dúvida a série no caminho dos êxitos anteriores da BBC, como «As Seis Mulheres de Henrique VIII», vendido a 40 países, a série que se seguiu, «Isabel I», vendida a 20 países e a «Família Forsyte», talvez a mais célebre, que incluiu a União Soviética entre os seus 50 clientes.

Quando a «Guerra e Paz» foi publicada, um crítico contemporâneo classificava-a como «uma imagem perfeita da vida humana, uma imagem perfeita da Rússia desse tempo, de tudo aquilo em que as pessoas colocam a sua felicidade e a sua grandeza, a sua dor e a sua humilhação».

Desenrolando-se a acção entre 1805 e 1820, abrange duas das campanhas europeias de Napoleão e retrata as principais personagens nas batalhas de Austerlitz e Borodino e a retirada de Moscovo. Apesar da iminência da guerra, a sociedade russa comporta-se como habitualmente, continuando a realizar os seus bailes, os homens a formularem as suas intrigas pelo poder, os jovens e apaixonarem-se. A obra vai seguindo, através dos anos tumultuosos, as venturas e desventuras das famílias Rostov e Bolkonsky e três histórias de amor entrelaçadas.

O autor do argumento, Jack Pulman, ao ser abordado, manifestou as suas dúvidas em relação a que qualquer dramaturgo conseguisse escrever durante 12 meses, como seria necessário, e concordou-se que ele passaria o trabalho a outro escritor após ter completado dez episódios. Mas quando chegou a meio, Pulman sentiu-se horrorizado com a ideia de outra pessoa continuar o seu trabalho. Escolheu-se a Jugoslávia para as cenas de batalhas depois de Conroy, o produtor, ter visitado vários países europeus. As filmagens foram feitas em Bela Crkva, uma pequena cidade perto da fronteira da Roménia cuja temperatura média era de 35 graus ns meses de Junho e Julho de 1971. Quando o argumento exigia que se vissem cavalos mortos, o realizador John Davis manteve-se firme e opôs-se terminantemente a anestesiar os cavalos, como é habitual fazer-se neste caso, pelo facto de desconhecer quais seriam os efeitos sobre os animais estendidos a dormir sob o calor do sol, utilizando-se então homens para fazerem de cavalos.

A equipa de produção voltou à Jugoslávia em Janeiro de 1972 para filmar a retirada de Napoleão de Moscovo. Apesar da quantidade de roupa interior adequada à temperatura, das malhas, dos anoraks, luvas e gorros «passe-montagne», trabalhar a 10 graus negativos não era de modo algum agradável.

«Tinhamos imaginado uma planície coberta de neve com uma coluna de homens a marcharem de um ponto indefinido — explicou Conroy. No entanto, o local não dava essa sensação de infinito. Então, quando começávamos as filmagens, sobreveio um nevão que, cortando a perspectiva, dava a ideia de uma corrente sem fim de homens saindo da neve em direcção às câmaras».

De regresso à Grã-Bretanha filmaram as cenas de bailes em duas mansões senhoriais inglesas, Ragley Hall e Keddlestone Hall e o último trabalho de estúdio foi feito na BBC, em White City, em Londres.

A obra retrata uma sociedade fabulosamente rica, o que levou a BBC a elevar o limite do valor dos materiais a serem utilizados em cena, de tal modo que em determinada altura a equipa avaliava em 30 mil libras o mobiliário que se encontrava no estúdio.

À frente do elenco encontram-se Anthony Hopkins, Alan Dobie e a actriz escocesa Morag Hood, escolhida para o papel de Natasha entre centenas de actrizes após uma busca de um ano. David Swift desempenha o papel de Napoleão e Frank Middlemass o de Kutuzov, o comandante do exército russo.

Durante os primeiros 19 episódios, Natasha tem a idade de 13 a 20 anos e só no último episódio aparece com 27 anos. «A actriz que desempenhar oa papel de Natasha — afirma Conroy — tem que ser capaz de retratar aquele momento crítico em que uma criança se torna mulher e a partir daí desenvolver a personalidade durante um longo período até à altura em que essa mulher atinja os seus vinte e tantos, já então rodeada de filhos».

Natasha, um dos papéis mais cuidadosamente escolhidos na história da televisão, fará talvez de Morag Hood a actriz mais conhecida da televisão.

MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

De setimo lugar ascendeu para o numero um «How do you do», um «single» que ja foi gravado em varias versões. O «Violino no Telhado», com uma leve descida, permanece dentro das preferencias dos clientes de discos.

«A Montanha», de Roberto Carlos um sucesso de vendas, mantem-se quinta posição tal como na semana passada.

Verifica-se, tambem, uma situação estacionaria para «Crocodile Rock» de Elton John. E «Hello My Love», de Theo Vanes, que estava em primeira passou para a cauda da classificação. A novidade desta semana veio com o aparecimento de «Mary Had A Baby» de Mary Hopkins, «Live» DOS Procol Harum e «Blockbuster» dos Sweet, na lista dos mais procurados pelo publico.

1	HOW DO YOU DO — Mouth and Macneal	6	LIVE — Procol Harum
2	WE BELIEVE IN TOMORROW — Freddy Breck	7	BLOCKBUSTER — Sweet
3	MARY HAD A BABY — Mary Jopkins	8	POP CORN
4	VIOLINO NO TELHADO	9	CROCODILE ROCK — Elton John
5	A MONTANHA — Roberto Carlos	10	HELLO MY LOVE — Theo Vanes

No estrangeiro

LONDRES — Quatro jovens holandeses, cheios de entusiasmo, encontram-se na vanguarda da prevista europeização do panorama britânico da «pop-music», agora que o Mercado Comum derrubou as barreiras.

Esses jovens, que se denominam a si próprios «Focus», e um «single», com o título «Sylvia», retirado do seu último «Long Playing» fê-los aparecer esta semana em sexto lugar nos «Dez Mais» de Londres.

O conjunto «Focus» conseguiu um impacto inicial na Grã-Bretanha num dos grandes concertos ao ar livre realizados no Verão passado. Desde então, tem sido elogiado cada vez mais pelos conhecedores da «pop-music» evoluída. Agora, com o seu aparecimento nas tabelas de classificação dos discos de maior venda, «Focus» tem a oportunidade de provar tudo o que tem sido dito a seu respeito.

Entretanto, em Londres, «Blockbuster», do conjunto «Sweet», mantém-se na posição cimeira.

Em Nova Iorque, Hurricane Smith, com a sua voz áspera, passou para o topo com «Oh Babe, What Would You Say». Smith, britânico de nascimento, que foi técnico de gravação durante os primeiros discos dos «Beatles», tem sido, também, um produtor com êxito de acetatos para conjuntos como os de «Pink Floyd», músico, letrista e actualmente cantor. Um verdadeiro homem dos sete ofícios.

Não conseguindo alcançar a posição cimeira nos Estados Unidos, Timmy Thomas, o cantor natural de Indiana, desceu para o quinto lugar com o seu disco de atraente «Soul Music» «Why Can't We Live Together». Nesse número, Timmy exprime a sua preocupação pelas relações raciais no mundo. Mesmo que fosse só para provar que as pessoas pensam nisso, o disco ultrapassou já a marca de um milhão de vendas.

A seguir, os «Top-Ten» da semana em centros mundiais escolhidos com a classificação da semana passada entre parêntesis:

LONDRES

1 (1) «Blockbuster»: Sweet
2 (4) «Part of the Union»: Strawbs.
3 (2) «Do You Wanna Touch Me»: Gary Glitter.
4 (5) «Daniel»: Elton John.
5 (3) «You're So Vain»: Carly Simon.
6 (__) «Sylvia»: Focus.
7 (7) «Paper Plane»: Status Quo.
8 (__) «Roll Over Beethoven» Electric Light Orchestra.
9 (8) «Wishing Well»: Free.
10 (6) «Long Haired Lover From Liverpool»: Jimmy Osmond.

NOVA YORK

1 (4) «Oh Babe What Would You Say»: Hurricane Smith.
2 (1) «Crocodile Rock»: Elton John.
3 (6) «Could It Be I'm Falling in Love»: Spinners.
4 (7) «Don't Expect Me To Be Your Friend»: Lobo.
5 (2) «Why Can'T We Live Together»: Timmy Thomas.
6 (__) «Dueling Banjos»: Deliverance Soundtrack.
7 (10) «Do It Again»: Steely Dan.
8 (3) «You're So Vain»: Carly Simon.
9 (__) «Love Train»: O'Jays.
10 (__) «Dancing in the Moonlight»: King Harvest.

AMSTERDÃO

1 (1) «Block Buster»: The Sweet.
2 (2) «Long Haired Lover From Liverpool»: Jimmy Osmond.
3 (4) «Go Like Elijah»: Chi Coltrane.
4 (3) «Donna»: 10 C. C.
5 (7) «Love Story»: Nino Tempo and April Stevens.
6 (8) «School's Out»: Alice Cooper.
7 (__) «Biança»: Freddy Breck.
8 (5) «Crazy Horses»: The Osmonds.
9 (9) «You're So Vain»: Carly Simon.
10 (6) «Clap Your Hands and Stamp Your Fett»:

HONG-KONG

1 (2) «I Never Said Goodbye»: Engelbert Humperdinck.
2 (5) «I Won'T Last A Day Without You»: Carpenters.
3 (1) «A Brand New Song»: Cliff Richard.
4 (3) «Separate Ways»: Elvis Presley.
5 (6) «Sweet Surrender»: Bread.
6 (4) «Alive»: Bee Gees.
7 (8) «Dreidel»: Don McLean.
8 (7) «I'D Love You To Want Me»: Lobo.
9 (9) «And You And I»: Yes.
10 (10) «Looking Through the Eyes of Love»: Partridge Family.

BONA

1 (2) «Delta Queen»: Ricky Shayne.
2 (1) «Crocodile Rock»: Elton John.
3 (3) «Crazy Horses»: Osmonds.
4 (10) «Mein Schatz Du Bist (My Darling You Are): Chris Roberts.
5 (5) «Solid Gold Easy Action»: T. Rex.
6 (4) «Wig Wam Bam»: Sweet.
7 (9) «Clair»: Gilbert O'Sullivan.
8 (8) «México»: Les Humphries Singers.
9 (6) «Elected»: Alice Cooper.
10 (__) «Blockbuster»: Sweet.

ESTOCOLMO

1 (1) «Crocodile Rock»: Elton John.
2 (4) «Feliz Navidad»: José Feliciano.
3 (3) «Sofia Dansar Go-Go»: Stefan Ruden.
4 (2) «Happy Christmas (The War Is Over): John and Yoko Lennon
5 (7) «Hi, Hi, Hi»: Wings.
6 (5) «Loop Di Love»: Shag.
7 (__): «Mexico»: Les Humphries Singers.
8 (6) ««A Teenager in Love»: Donny Osmond.
9 (10) «Sixteen Tons»: C. C. S.
10 (8) «Hey Barberiba»: Leif «Burken» Bjoerklund.

GESTOS EM FALSO

•Mário Vieira de Carvalho

«...Um gesto pode dizer tudo, e com que simplicidade, com que força, com que honestidade... na condição, em todo o caso, de se ter qualquer coisa a dizer».

Esta reflexão tão simples, tão evidente, tão despretensiosamente despojada de complexididade estética ou teórica, deve-se a Maurice Béjart e, como é óbvio, aplica-se ao bailado. É extremamente saudável pensar nela quando se vai à Gulbenkian presenciar as actuações regulares do Grupo de Bailado que nasceu sob os auspícios daquela instituição e dela faz parte integrante. «Um gesto pode dizer tudo...»: calcule-se o sentimento de frustração que não havemos de experimentar quando nos demonstram por «a mais b» que uma sucessão infindável de gestos, centenas, milhares de gestos, realizados por dez ou vinte bailarinos, não querem dizer absolutamente nada! Sobretudo quando nos demonstram isso depois de o próprio Béjart, ou Martha Graham, ou Nikolais, e os depositários da tradição clássica (o Ballet do Bolchoi, para citar apenas o caso mais extraordinário) nos terem provado realmente que «um só gesto, pode dizer tudo...»

Em que ficamos? Resignemo-nos: há gestos e gestos. Nesse domínio a eloquência ainda não chegou até nós (referimo-nos ao bailado, entendamo-nos). **Todo-o-mundo** faz um gesto e **Ninguém** quer dizer algo: o Dinato de Gil Vicente legaria assim à posteridade o Grupo Gulbenkian de Bailado. Mas é melhor passarmos adiante para nos defendermos de meter a foice em seara alheia (neste caso... o teatro).

Grande parte dos membros do Grupo foram importados do estrangeiro. Outros importados de antigos Grupos existentes no nosso país. Alguns haverá que sairam da escola directamente para a Gulbenkian. Entre todos, é inegável a existência de uns tantos valores, que são a própria razão que faz subsistir o Grupo. O pior é que não há uma perspectiva de trabalho orientada num determinado sentido cultural ou estético. Por enquanto o Grupo existe por si e para si; existe sobretudo para poder afirmar que já se faz bailado em Portugal. Não se faz. Consome-se.

Pôr uma dúzia de bailarinos a dançar (ainda se fosse a dançar...) não é fazer bailado. Se tudo aquilo que eles fizerem for puramente gratuito, se o Grupo, em si mesmo, como entidade colectiva, não se sentir socialmente justificado nem socialmente empenhado, se no fundo não passar dum passatempo «raffiné» — desses que se olham de soslaio enquanto se bebe um «whisky» — onde é que está o bailado como arte, como meio expressivo de afirmação de artistas-criadores,

Mais uma vez fomos ao bailado da Gulbenkian (a primeira vez, nesta temporada, por circunstâncias fortuitas) e mais uma vez de lá saímos com a desagradável sensação de ter participado em algo que é a própria imagem da vacuidade. Como disciplina clássica não satisfaz, como mensagem não existe, como estética é um beco sem saída, como espectáculo não vale a pena, como passatempo é um suporífero. Tal é o «ballet» moderno que se pratica entre nós e em que o Grupo Gulbenkian diz ter-se especializado.

Por dever de ofício registamos títulos e nomes. «Três Movimentos», coreografia de Jorge Garcia, música de Stravinsky, cenário e figurinos de Colin McIntyre. Margery Lambert, Ger Thomas, Isabel Santa Rosa, Richard Devaux, em evidência. «Kinesis», coreografia de Lynne Taylor, música de Vivaldi, Rodrigo, Ddwland, cenário e figurinos de Gene Kelton. Marta Ataíde, Brenda Araval, Armando Jorge, em evidência. «Sinfonia dos Salmos», isto é, uma maneira de despromover uma das supremas criações de Stravinsky, a que já nos referimos quando da sua estreia e que desta vez ce todo não suportamos, embora, apesar de tudo, reconheçamos ser, das três, a única tentativa com intenções ambiciosas. Tentativa falhada, já se sabe, tanto no plano da concepção como no da execução. Serviu para sublinhar por antítese o prodigioso poder criador de Stravinsky. Coreografia de Sparembleck, luzes de Colin McIntyre. Margery Lambert, Ger Thomas, Johane O'Hara, Armando Jorge, em evidência.

No princípio era o gesto...

Discos

..«Karany Karu.ué», de Beretta, Mamared, De Assia e C. Dina, e «Buongiorno Professore», de Leali e de Vera, são os trechos que integram o «single» de Fausto Leali agora colocado no mercado português.

..Há cerca de dois meses, quase se não ouvia outra coisa em Londres. Referimo-nos a «Gud Buy T'Jane», dos Slade, um trecho que, durante muito tempo, foi a «coqueluche» dos adeptos do «rock» na sua expressão mais simples e menos elaborada. Pois «Gud Buy T'Jane» apareceu há dias nas discotecas portuguesas. No outro lado do «single» o título «I Won't Let It'Appen a Gen». Para já, este tipo de escrita fonética (ou quase) utilizado nos títulos dos dois trechos deste disco é elucidativo (de certa maneira): a música (esta música) tem uma origem que está muito ligada à vida quotidiana, para além, evidentemente, de estar muito burlada, tecnicamente e não só.

Entretanto será lançado, na segunda quinzena de Março, um novo disco do fadista Armando Morais. Tem por título «O Taxi do Destino», que é um fado-canção com letra de Jorge Ramos e música do guitarrista Jorge Fontes.

Está na forja mais um disco de Rui Mingas. O valor do artista angolano, que até agora não foi reconhecido como merece, tem, agora, oportunidade de ser apreciado. Os arrajos são de José Calvário.

..Também com arranjos de José Calvário, vai sair dentro de dias um EP com quatro canções de Manuel Freire.

..Entretanto, estão a ser passados na rádio os trechos que constituem a face B dos discos dos intérpretes que intervêm no próximo festival da canção. Como sempre, a qualidade que se pretende, como promoção para o Grande Prémio das Cantigas, é de índice bastante positivo, na maioria dos casos. Depois, quando o disco sai, acaba por se verificar que a face B é, em grande parte dos casos, melhor do que a face A:::

..«Come From The Shadows» é o título do último LP de Joan Baez, saído em Portugal já há mais de um mês. Ao que parece, não se tem notado muito, nas discotecas. Por isso aqui estamos a lembrá-lo, cientes de que a qualidade desse trabalho é um facto a ter em conta.

..Parece estar, finalmente, assente que Paulo de Carvalho vai gravar, tão logo lhe seja possível, um disco com composições de Manolo Diaz.

..Já que falámos de um intérprete do Festival da Canção, falemos de outro. Ou melhor, de outra: Tonicha. Estará pronto muito em breve o disco que inclui a canção que a intérprete vai cantar no Maria Matos no dia 26. Para que isso se concretizasse, Tonicha deslocou-se a Madrid no final da semana passada. Gravou nos estúdios Cellada.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

ROUPA PARA PESSOAL
Conc. Público n.º 43/73

ROUPA PARA DOENTES
Conc. Público n.º 44/73

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 às 12.30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 15 de Fevereiro de 1973.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

a) Manuel Brioso Pina de Jesus

Martinho substitui o "Domingo à Noite"

Se não forem registadas alterações de última hora, às 22 horas de hoje a RTP apresentará, em substituição ao programa «Domingo à Noite», o espectáculo de samba gravado na última quarta-feira na «boite» do Hotel Ritz, com Martinho da Vila, Rosinha de Valença, Carlinhos do Pandeiro, Zeca da Cuica, Jorginho, Serginho e Manuel do Cavaquinho.

Na próxima semana, conforme se anunciou, o sambista brasileiro visitará algumas aldeias portuguesas, deslocando-se também à região do Algarve. O seu embarque para o Brasil está previsto para o próximo dia 22.

Os novos tractores Ford de grande potência foram apresentados a entidades oficiais portuguesas

Foram apresentados a entidades oficiais portuguesas os novos modelos de tractores FORD de grande potência. Esta apresentação foi feita no decorrer de uma demonstração de todos os modelos de tractores FORD, e teve lugar no Centro de Treino do Departamento de Tractores e Equipamento Agrícola e Industrial da Ford Lusitana, em Paço de Arcos.

Antes da demonstração no campo, foram visitadas as instalações do Centro de Treino, o que deu a todos os visitantes o ensejo de apreciar todo o equipamento existente e o modo como é utilizado. Esta visita despertou grande interesse, e foi com elogios que todos os presentes comentaram esta iniciativa do Departamento de Tractores, que tanto contribui para o ensino, apoio e divulgação da mecanização agrícola.

Estiveram presentes a esta reunião individualidades representativas de diversos organismos oficiais nomeadamente Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, Estação de Cultura Mecânica, Junta de Colonização Interna, Direcção Geral dos Serviços Florestais, Estação Agronómica Nacional, Fundo de Desenvolvimento da Mão de Obra, etc. Estiveram também presentes Professores do Instituto Superior de Agronomia, das Escolas de Regentes Agrícolas e da Escola Prática de Agricultura, alunos do Instituto Superior de Agronomia, todos os Concessionários de tractores FORD no nosso País e o sr. T.C. Smith, director gerente e presidente do Conselho de Administração da Ford Lusitana.

A convite do sr. João Pontes, gerente do Departamento de Tractores da Ford Lusitana, realizou-se no fim da reunião um almoço num restaurante dos arredores de Lisboa, a que também assistiu o sr. Guilherme Nadal, antigo director-gerente e actual membro do Conselho de Administração da Ford Lusitana, que num breve discurso manifestou a satisfação que sentia por estar de novo na companhia de alguns amigos e antigos companheiros de trabalho, e historiou a evolução da mecanização agrícola em Portugal e do papel nela desempenhado pelo Departamento de Tractores da Ford Lusitana.

O sr. João Pontes terminou a reunião agradecendo a presença de todos, bem como os comentários elogiosos que ouvira ao que tem sido e continua a ser a linha mestra da actividade do Departamento de Tractores da Ford Lusitana — basear a comercialização dos tractores FORD numa boa qualidade e na adopção de características adequadas ao nosso País — e sobretudo numa assistência após venda que é imprescindível quando se queira contribuir com solidez para uma verdadeira mecanização da lavoura portuguesa.

LICENCIADA (O) FÍSICO - QUÍMICAS OU QUÍMICA. SERVIÇO PÚBLICO PROVÍNCIA. PRECISA-SE RESP. A ESTE JORNAL AO N.º 728

Recauchutagem LUSA
(COIMBRA)
2 QUALIDADES—2 PREÇOS
DESCONTOS ATÉ 50 % MAIS BARATOS DO QUE O PREÇO DA CONCORRÊNCIA EM PNEUS DE
AUTO e COMERCIAIS
PREÇOS SÓ FEITOS DIRECTAMENTE PELA FÁBRICA
EM BREVE TAMBÉM EM PNEUS PESADOS
FABRICOS GARANTIDOS CONTRA QUAISQUER DEFEITOS TÉCNICOS
CONDIÇÕES ESPECIAIS AOS NOSSOS AGENTES

TEATRO SÃO LUÍS
ÚLTIMA APRESENTAÇÃO
Hoje, às 21,45 horas
Ruth Escobar
apresenta
Missa Leiga
de Chico de Assis
Prémio da crítica brasileira para a melhor encenação e melhor música
50% para estudantes e jovens até 18 anos, devido a um subsídio da Fundação Gulbenkian
M/ 14 anos
Estreia no Porto, dia 22 no Teatro Rivoli

VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos:

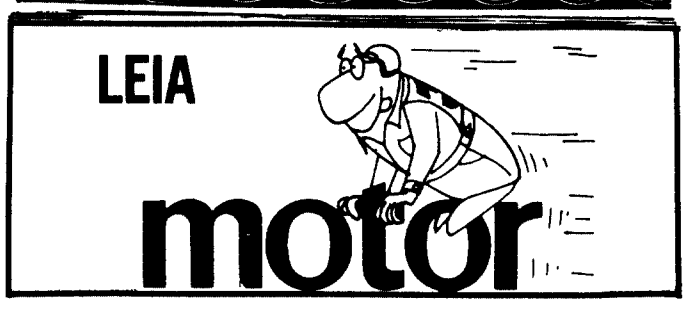
TEATRO Tel. 32 60 17
VARIEDADES
29.ª SEMANA
Grupo C M/ 14 anos
com JOSÉ VIANA
no protagonista
SUA EXCELÊNCIA O PENDURA
com
DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA
Segundas e quartas-feiras, às 21.45 horas; quintas, sextas e sábados, 2 sessões, às 20.45 e 23 horas; domingos, às 16 e 21.45
3.ª feiras: descanso

HOJE
À NOITE 2 sessões: 20.45 e 23 h.
TELEF. 55 51 33

AMANHÃ: 2 sessões, às 20.45 e 23 horas

TEATRO Tel. 32 74 93
CAPITÓLIO
9.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIROS
Sexo, nunca! somos britânicos...
No elenco
IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS
Encenação de
Maria Helena Matos
2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª: Às 21.45 h.
6.ª-FEIRAS, SABADOS E DOMINGOS — 2 sessões: ÀS 20.45 E 23 HORAS
DOMINGOS — «Matinées» 16 h.

Fundação Calouste Gulbenkian
SERVIÇO DE MÚSICA
AUDITÓRIO DOIS
Amanhã, às 18.30
Recital pela cantora
ANA LAGOA
Ao piano
OLGA PRATS
Obras de Schumann, R. Strauss, Debussy, António Fragoso, Artur Santos e Armando José Fernandes
Preço: 30$00 * Beneficiam de desconto de 50 por cento: jovens até aos 18 anos, estudantes e crianças de 6 a 12 anos (quando acompanhadas).
Grupo A — M/ 6 anos



DESPORTO

CASSIUS CLAY:

VITÓRIA COM SABOR A SAL

Foi na noite iluminada por «néon» de Las Vegas, a cidade do jogo e outros vicios, que Cassius Clay disse ao mundo que ainda nác está terminada a sua carreira no mundo do pugilismo. A vitória sobre o campeão europeu Joe Bugner, arrancada aos pontos, trouxe-nos (todavia) outra verdade: a de que o famoso ex-campeão não tem já a força de hà tempos, nem poderá ser considerado, pelos melhor entendidos, como o mais directo candidato ao título mundial. Las Vegas pode ter assistido ao autêntico «canto do cisne»

E, todavia, a vitória de Cassius Clay foi fácil. Superior ao campeão europeu dos pesados, Joe Bugner, em velocidade de execução, e sobretudo em precisão nos golpes, Cassius logo ao primeiro «assalto» feriu o adversário na arcada supraciliar. Este, em seis «assaltos», foi o incomodado pelo ferimento. Mas a vitória de Cassius não teve a nitidez que o antigo campeão mundial previra.

Foi uma verdadeira «batalha de Jabs». Com efeito Bugner fez várias vezes mais do que se defender, e atacou, sobretudo em fins de assalto. Mas não tinha a classe, (apesar de nove anos menos, o seu peso, o seu alcance superior de braço), para inquietar Mohamed Ali sériamente.

A decisão a favor de Clay foi unânime.

Três juizes deram-lhe 57 pontos contra 56, 56 contra 53 e 57 contra 52. No fim do combate, Ali disse que era uma sorte ter-se preparado bem para este combate: Bugner demonstrara ser muito forte.

Bugner disse que tinha perdido por inexperiência: três «assaltos» foram nitidamente a seu favor (o primeiro, o oitavo e o décimo). Ali chegou por momentos a recordar o Cassius de outrora: mas nunca conseguiu pôr o seu adversário fora de combate. A receita foi de 298.000 dolares, (mais de 7.500 contos) arrecadando Ali 275.000 (cerca de 7.000 contos).

Como nunca antes fizera, em qualquer dos seus 40 combates, Clay predisse a Bugner que seria campeão do mundo dentro de dois anos: **Com mais dois anos de experiência, Bugner alcançará o título mundial sem dificuldade».** Salientou que fizera bem em não dar ouvidos aos que lhe diziam que tudo seria fácil. **«Fiz muito bem em preparar-me para estar no melhor da minha condição física»** (afirmou, para, depois fazer o elogio da coragem e jogo de pernas do seu rival). Confessou que, ao sétimo «assalto», se sentira duramente tocado por um Jab na cara: **«Fiquei meio groggy»»** (disse). **«Bugner foi muito bom».**

Por sua vez Bugner garantiu, que Clay era muito mais experimentado. Tinha sabido «Boxar» e mantê-lo a ele (Bugner) à distância, para se furtar aos seus ataques.

CLAY NÃO DESISTE E NÃO PENSA EM RETIRAR-SE

Os observadores e os críticos mais acreditados julgam, efectivamente, que Cassius Clay não terá oportunidade de reconquistar o título mundial. É o peso doa anos e a consequente perda de faculdades. Não obstante, ele continua a dizer que tudo fará para reconquistar a fama de outrora, prevendo-se já um combate contra aquele que lhe tirou o título: Joe Frazier que, em 22 de Janeiro último, cedeu o ceptro a favor de George Foreman.

Àcerca desta derrota, recorda-se o que a propósito disse Frazier: **«Não sou homem para me lamentar». Para quê?** pergunta ele, dando uma gargalhada. — **Algum dia eu tinha de ser derrotado. Só não sabia que ia acontecer tão cedo. Conhecendo o caracter de George, julgo que ele ficará mais do que satisfeito por me conceder a desforra**(explica). **Mas quanto aos seus «segundos», as suas intenções para mim são uma incognita».**

Agora, no caminho de Frazier, surge novamente Cassius Clay: em vez de um, aparecem dois candidatos no percurso para um título que pertence a terceira personagem. O mundo do boxe ganha novos atrativos. Não obstante todos (ou quase todos) acreditarem que Clay, vencendo Bugner, assinou a última página do seu album de atleta.

Até porque, pela primeira vez, ele louvou o seu adversário: um branco. Coisa que nunca antes tinha acontecido...

Ao alugar um carro da Avis chegará à conclusão que aquele carro bem podia ser o seu...

AVIS

CONSULTE-NOS OU PEÇA INFORMAÇÕES AO SEU AGENTE DE VIAGENS RENT A CAR

alugamos automóveis oferecemos qualidade

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO E BETÃO

Empregado pelos Serviços dos Ministérios das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp.as C. P., Águas, Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratório Eng.a Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fáb.as Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES

Facilitamos fotocópias — Eficiência total nos trabalhos mais difíceis

Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»

EVOPRUFE — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto de fácil aplicação, para coberturas, terraços, empenas, etc.

PLASNBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedações e impermeabilização.

PROVER — Endurecedor dos pavimentos de cimento, resistente ao desgaste, à formação de poeiras, a alguns ácidos e ao salitre

RAPID — Acelerador de presa e estancar águas.

MASTIC-FILLER — Impermeabilizante para encher buracos, fendas e assentamentos de vidros nas clarabóias.

DISTRIBUIDORES GERAIS:

TITO PEREIRA DE SOUSA

Rua de S. Nicolau, 41, 3.º — LISBOA-2 — Telefs. 361205 e 322118

Aulas de futebol no Beira-Mar

..O Beira Mar tenta recuperar o caminho perdido (com a decisão que tanta celeuma levantou) não entrando este ano nas competições de juvenis e júniores. Muitos jogadores foram emprestados a clubes da região de Aveiro e outros abandonaram a prática do futebol. Na altura, os dirigentes falaram muito em falta de estruturas no futebol beiramarense, a todos os níveis e disseram que iriam pôr a casa em ordem e dar uma nova dimensão a este importante sector da actividade clubista. Começariam pela base, montando uma escola de jogadores.

..Muitas dificuldades foram levantadas para a consecução da ideia. A maior foi, indubitavelmente, a falta de um recinto em que as «aulas» pudessem ser dadas, atendendo a que o Estádio Mário Duarte pouco menos que impraticável se encontra, sendo já um tormento para lá se efectuarem os treinos e os jogos das primeiras categorias. O campo de jogos do Seminário foi conseguido e a miudagem apareceu em grande número. Rondando as três centenas. Havia muita alegria nos dirigentes. Dos mais exuberantes era o sr. Pereira da Silva, um homem que está a operar autêntica revolução na vida financeira do Beira Mar, tentando, a todo o custo, que os quase 2000 contos de passivo desçam para números razoáveis e menos estranguladores de toda a máquina desportiva do clube:

..**«Estou entusiasmado com o aparecimento de toda esta miudagem. Foi bem acolhida a nossa iniciativa, que é por onde deveríamos ter começado, fomentando o aparecimento de verdadeiras equipas beiramarenses. Manteremos estas escolas, porque as contas estão feitas para isso e contamos com os sempre necessários «carolas» que nos ajudam com esta e aquela dádiva, quer em dinheiro quer em botas ou bolas. O dinheiro agora gasto será reembolsado daqui a três ou quatro anos.»**

..Leonel Abreu, um professor de educação física, a leccionar no Liceu de Aveiro e a treinar o futebol do Oliveira do Bairro (neste momento «guia» do Regional da I Divisão) foi o escolhido para ministrar o ensino do futebol aos miúdos do Beira Mar. Que pensa ele desta iniciativa dos directores aveirenses?

..**«Acho que tem todo o interesse até porque se o Benfica e o Sporting (com tantas possibilidades financeiras de recrutamento no mercado nacional) mantêm escolas de jogadores, muito mais racional é pensar que ao Beira Mar elas são necessárias».**

..No dia da inscrição apareceram apenas uns 20 miúdos. Desânimo quase geral nos mentores da ideia. Porquê?

..**«Neste momento a nossa juventude acha-se muito afastada do futebol havendo uma série de factores que contribuiram para isso. A falta de recintos nas vilas e cidades para se praticar o futebol é um dos grandes motivos. Igualmente a dificuldade que continua a haver em deixar entrar as crianças (gratuitamente) nos campos não me parece que favoreça muito o gosto delas pelo futebol. Os clubes têm chamado a si o encargo de trazerem para os júniores e juvenis muitos dos rapazes que têm idade para competirem no futebol menor.**

..Jaime Graça, Moínhos, Fonseca, Tibi, Tomé, Bento, Vítor Baptista e muitos outros. Saiem das camadas juvenis e dão dinheiro e jogadores aos clubes onde se iniciaram. No Beira Mar isso quase nunca aconteceu. Vieira, Bártolo, Azevedo, Aguinaldo, são excepções com pouco proveito para o clube aveirense. Mas já lá vão muitos anos. Porquê? Será que a habilidade do jovem aveirense não é suficiente para lhe dar um lugar de relevo no futebol indígena?

..**«Eu não estou de acordo, pois o jogador aveirense é tão bom como os demais. O que tem havido é pouco cuidado com ele, para além de outros factores como sejam a deserção para as Universidades, acabando-se com carreiras algo promissoras. E veja-se o caso desta época. Muitos jogadores foram para outros clubes, criando hábitos nessas colectividades que talvez lhes venham a ser perniciosos para o desabrochar de carreiras de bom nível. E o caso de João Domingos e Américo? No meu entender, e por tudo o que tenho visto aos homens que compõem o ataque das primeiras categorias do Beira Mar, João Domingos não tem nenhum que se assemelhe em classe e técnica. E Américo também seria de manter no clube.»**

«NÃO NOS TÊM DADO CONDIÇÕES»

..No relvado duas equipas evolucionavam. Muita habilidade. Futebol do «tipo rua», a bola a girar pouco duns para os outros. Leonel Abreu aobservava, atento. Daí a pouco mais duas equipas. E mais tarde outras duas. Até ao final da tarde. O que pensariam os catraios daquilo tudo?

..**João Manuel Fernandes Morais**, 16 anos, estudante na Escola Técnica: **«É a primeira vez que faço parte duma equipa a sério, com botas e camisolas. Quero ser jogador profissional no Beira Mar, pois julgo-me com habilidade para tanto. Serei útil para que o Beira Mar tenha uma equipa com rapaziada só de Aveiro.»**

..**João Carlos Monteiro dos Santos**, 16 anos, também estudante na Escola Técnica: **«Vim praticar futebol porque gosto muito e nunca me interessei por outro desporto. Não penso seguir a carreira profissional nem que para isso eu revelasse muito jeito. Amador apenas e um curso escolar. O Beira Mar tem pouco nível no futebol português porque lhe faltavam estas escolas».**

..**João Pedro Silva Miranda**, 14 anos, está no Ciclo Preparatório: **«Ao princípio estive para ir para o basquetebol do Esgueira onde vivo, mas um colega entusiasmou-me a vir para o futebol do Beira Mar e aqui estou porque penso que é de pequenino que se aprende o jogo. Porque é que o Beira Mar não tem «craques» como os outros clubes? Eu não sei mas penso que é por falta de condições, porque todos nós jogamos quase a mesma coisa. Deve ser por isso. Mas pode ser que agora eles apareçam.»**

..**Gabriel Bernardo Ribeiro**, 15 anos, também estudante: **«Costumava jogar futebol nos campos do Canal. Era o meu passatempo aos domingos, com os grupos que vinham jogar contra o meu. Mas o nosso professor de ginástica (Leonel Abreu) disse-me para vir para o Baira Mar e eu vim logo. Fiquei muito contente, porque ingressei no clube da minha terra e posso vir-lhe a ser útil, pois também acho que nós, os aveirenses, temos tantas ou mais possibilidades que os jovens das outras terras. O que talvez não nos tenham dado é condições para mostrarmos tudo quanto valemos.»**

JOSÉ NAIA

Leonel Abreu dá as primeiras indicações aos jovens futebolistas.

Voltou a miudagem ao Estádio «Mário Duarte».

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203-r/c., Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

ADM. UNIVERSIDADE

EXAMES «AD HOC» — MAIORES DE 25 ANOS

CURSOS ESPECIALMENTE ORGANIZADOS PARA O EFEITO

PREPARAÇÃO INTENSIVA

EXTERNATOS

São Vicente • Marquês de Pombal • Álvares Cabral

Rua do Paraíso, 28 Tel. 864109 — Rua Morais Soares, 93 Tel. 82 02 21/83 46 58 — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74/5

LICEAL — PREPARATÓRIO — COMERCIAL — INSTITUTOS

CHEFE DE VENDAS

Indústria de Confecções a cerca de 40 km do Porto, procura jovem e dinâmico para chefiar o seu departamento de vendas da sua linha de Confecções de Moda.

EXIGE-SE:

Experiência comprovada
Qualidade de chefia
Conhecimento de língua (de preferência) inglesa

OFERECE-SE:

Vencimento compatível
Estabilidade e futuro
Regalias sociais

Carta com «curriculum vitae» e ordenado pretendido, a este jornal ao n.º 722.

HORUS
PAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO ASTRÓLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLINICA —
CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

Inglês em Inglaterra

ANGLO-CONTINENTAL SCHOOL OF ENGLISH
(Reconhecida oficialmente)
CURSOS PRINCIPAIS INTENSIVOS
CURSOS PREPARATORIOS PARA EXAMES DE CAMBRIDGE
CURSOS DE VERÃO
CURSOS ESPECIAIS para pessoal em Viagem e Turismo, Secretárias, Executivos, Professores de Inglês, Funcionários de Banco, pessoal de Hotel e Restaurante

INTERLINK School of English
CURSOS INTENSIVOS
CURSOS DE VERÃO

ACSE International School
CURSOS DE FÉRIAS
para menores, 10 — 16 anos

Documentação pormenorizada das escolas e cursos em **Bournemouth, Londres e Oxford** sem compromisso para
INTERSCHOOL INFORMATION SERVICE, Ellen F. Broom, Rua Castilho, 38 - 1º E, Lisboa, Telef. 45698

Nome Sr. / Sra. PP12A
Rua _____ Cidade _____

SENHORES CAPITALISTAS!!!

COLOCAI O VOSSO DINHEIRO NAS MELHORES CONDIÇÕES COM GARANTIA HIPOTECARIA, AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

RUA DO OURO, 292-1.º — LISBOA — Tel. 36 93 84/5/6

Euro-Pacific Joint Service

PARA:

LOS ANGELES—SAN FRANCISCO—OAKLAND—VANCOUVER E SEATTLE

n/m «GAASTERDYK» em 28 do corrente

n/m «SUFFREN» em 14 de Março

Aceitam mercadorias em contentores e convencional

OS AGENTES

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 4 — TEL. 36 60 56 / 36 22 66
LISBOA 2 PORTUGAL

ANDARES

Visite o andar modelo e compare. Alameda Linhas de Torres, lote 6 — A seguir à mata. Div. 4 ou 8 (825 c. e 1.650 c.), «Iris». Tel. 30703.

horóscopo

pelo astrologo HORUS

PARA O PERIODO DE 18 A 24 DE FEVEREIRO

ARIES

(De 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Período harmonioso, de boa disposição e de afabilidade no convívio familiar. A sinceridade será a nota predominante em todas as suas atitudes durante esta semana.

DINHEIRO: Determinadas informações e notícias recebidas poderão resultar em negócios lucrativos e ser o começo de um grande empreendimento futuro.

PROFISSÃO: Optimo para pôr em prática os seus conhecimentos. Não hesite e haja de maneira a que os seus dotes profissionais não suscitem dúvidas. Semana em que o seu prestígio subirá na cotação dos seus chefes ou superiores.

SAUDE: As condições físicas serão óptimas, o que vem contrixuir para que o seu espírito de iniciativa dê um bom rendimento.

TAURUS

(De 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Gozará de bons aspectos astrais. As amizades que lograr neste período, serão benéficas e venturosas. Um caso sentimental que lhe vem germinando há algum tempo no espírito, evoluirá rapidamente a seu favor.

DINHEIRO: A vida financeira é muito próspera nesta altura. Bom para jogos e recebimentos de legados e dávidas.

PROFISSÃO: Prossiga na mesma toada que tem trabalhado até agora. No comércio os negócios são incertos e problemáticos. Necessita redobrar de esforços no sentido de persuadir os clientes indecisos. Só com uma vontade tenaz conseguirá tirar partido do presente período.

SAUDE: Não leve uma vida muito agitada e as suas condições de saúde serão boas.

GEMINI

(De 22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: No que diz respeito à sua vida sentimental, a semana apresenta-se sob aspectos medianos. Portanto, não é conveniente ao procurar atingir os seus objectivos neste campo, chegar a situações extremas, nem seguir o caminho da indiferença.

DINHEIRO: Não se esforçará por o conseguir. Tendência a recorrer às reservas que tiver. Se não tiver cuidado icorre o risco de especulações e prejuízos com o jogo.

PROFISSÃO: Período muito activo e sob certos aspectos enervante. Obterá resultados apreciáveis em negócios de ocasião. Contudo, não é propício efectuar deslocações.

SAUDE: As suas condições de saúde não se encontram favorecidas. Cuidado portanto!

CANCER

(De 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: O barómetro sentimental para esta semana indica maiores satisfações de amor próprio do que de verdadeira ternura. Na vida familiar não se observam divergências nem alterações de importância.

DINHEIRO: Muita actividade sem objectivo e grandes esforços sem resultados palpáveis. Consumirá o cérebro na ânsia de adquirir dinheiro, mas os ganhos em relação à luta não deixam muito a desejar.

PROFISSÃO: Deve adiar todo e qualquer projecto que tiver em mente. Não desanime e aguarde que os astros lhe sejam mais propícios. A vida profissional não será desfavorável desde que siga os seus trâmites.

SAUDE: Possibilidades de sentir qualquer ligeira indisposição cuja causa ignore, mas não há motivo para alarme, pois as enfermidades que possam surgir neste período para si, não são de carácter maligno.

LEO

(De 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Os astros são-lhe propícios aos assuntos sentimentais. Terá possibilidades de satisfazer, em parte, os seus desejos. Qualquer mal-entendido, provocado embora involuntariamente, pode contrariar as suas ambições.

DINHEIRO: As actividades que se relacionam com a sua vida financeira estão favorecidas. Vá produzindo e trate de economizar. Esforce-se por manter à altura o seu prestígio.

PROFISSÃO: No domínio profissional encontrará facilidades no desempenho da sua missão. Se souber tirar partido desta influência melhorará no seu emprego e nos negócios. Também favorece as viagens.

SAUDE: Não se observam perturbações orgânicas ou abalos no seu sistema físico, pois as boas influências astrais velam por si.

VIRGO

(De 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: A sua vida familiar e sentimental poderão registar algumas contrariedades que, poderão ser resolvidas com diplomacia e tacto. O momento é contra-indicado a pedidos ou a declarações amorosas. Possibilidades de maledicência.

DINHEIRO: Não empreste nem peça emprestado se disso tiver necessidade esta semana. Evite também fazer despesas extraordinárias, para o que terá muita inclinação nesta altura.

PROFISSÃO: Não arranje complicações na vida dos outros. Nesta altura os novos empreendimentos e modificações na vida profissional não deixarão muito a desejar, por isso evite-as.

SAUDE: Não deixe que os nervos lhe dominem a razão, procure a vida calma e, se possível, aproveite a altura para umas férias.

LIBRA

De 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: As influências astrológicas para esta semana proporcionar-lhe-ão o ensejo de ver realizadas algumas das suas esperanças. Desfrutará duma atmosfera feliz e sadia no lar. Também no círculo das suas amizades e a vida social lhe darão prazer e bem-estar. Indicado a mudanças de residência ou alterações relacionadas com a habitação.

DINHEIRO: O período não é de molde a proporcionar ganhos nem a fazer despesas. Não se impaciente e conforme-se, procure conservar a calma e deixe que as questões rotineiras sigam o seu curso natural.

PROFISSÃO: Propício para dar desenvolvimento aos negócios já iniciados. Também as viagens em serviço profissional terão êxito. Seja indulgente com as faltas dos colegas, colaboradores e sócios.

SAUDE: E conveniente durante esta semana vigiar, de um modo geral, o organismo. Não se esforce mais do que o necessário.

SCORPIUS

(De 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: No decurso desta semana a sua vida familiar, conjugal e afectiva não sofrerá alterações, seguindo o seu curso normal, apesar do seu espírito ocultar uma certa tensão nervosa. O seu amor-próprio será, entretanto, estimulado por um facto que se produzirá nas relações com a pessoa amada.

DINHEIRO: Alguma actividade sem objectivo concreto e grandes esforços inúteis, na ânsia de conseguir melhoria económica ou na simples obtenção de fundos necessários. Enfim, as suas possibilidades no capítulo financeiro não estão sob aspectos favoráveis.

PROFISSÃO: A maneira mais segura de vencer é elevar ao máximo a sua eficiência e actividade. Concentre-se no trabalho e evite distrair a sua atenção nos assuntos mais importantes.

SAUDE: As suas condições de saúde estão sob aspectos desfavoráveis. Tenha cuidado ao fazer qualquer esforço porque pode sofrer distensões musculares.

SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Não dê motivo a que haja complicações. Cuidado com juízos precipitados e descabidos. Faça uso de toda a sua boa vontade no sentido de manter no lar e nas relações amistosas um ambiente feliz e harmonioso.

DINHEIRO: Em todas as diligências ou empreendimentos que tentar fazer, torna-se necessário pensá-los muito bem, pois a semana não é feliz. Aguarde melhores oportunidades e tanto quanto possível, evite as viagens.

PROFISSÃO: Dissabores na vida profissional ameaçam-vos. Comporte-se de modo a não merecer censuras e evite discutir e em caso de provocação resolva as coisas diplomaticamente.

SAUDE: Estado um tanto excitado e uma certa inquietação derivado aos anseios criados pela evolução da sua vida em geral.

CAPRICORNIUS

(De 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Não dê azo a que haja complicações e não tome novos compromissos. Cuidado com juízos precipitados. Faça uso de toda a sua boa vontade no sentido de manter no lar um ambiente feliz e harmonioso.

DINHEIRO: A semana é negativa quanto a este cjpítulo. Há grande tendência a prejuízos. Não dispenda grandes somas nem arrisque a sua situação económica em aventuras financeiras.

PROFISSÃO: A actividade tende a ser menos rendosa durante este tempo. Desta maneira se observam efeitos confusos, que prejudicam os seus pensamentos.

SAUDE: O nervosismo e o desânimo serão as suas principais queixas.

AQUARIUS

(De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Período excelente para tratar de assuntos de amor, relações sociais, amizades e vida familiar. Indicado a passeios agradáveis e felizes conquistas no domínio do coração.

DINHEIRO: Está sob bons auspícios financeiros. Pode conseguir algumas facilidades através da família ou de amigos. Favorável aos jogos.

PROFISSÃO: Correrão bem os seus afazeres profissionais. Oferecer-se-ão algumas oportunidades de progredir, mas poderá perdê-las, se deixar que a timidez e o complexo de inferioridade lhe barrem o caminho.

SAUDE: Evite fatigar-se para não prejudicar o seu estado físico. Nesta altura a sua saúde apresenta-se sob aspectos flutuantes. Portanto, cuidado!

PISCIS

(De 20 de Fevereiro a 20 de Março)

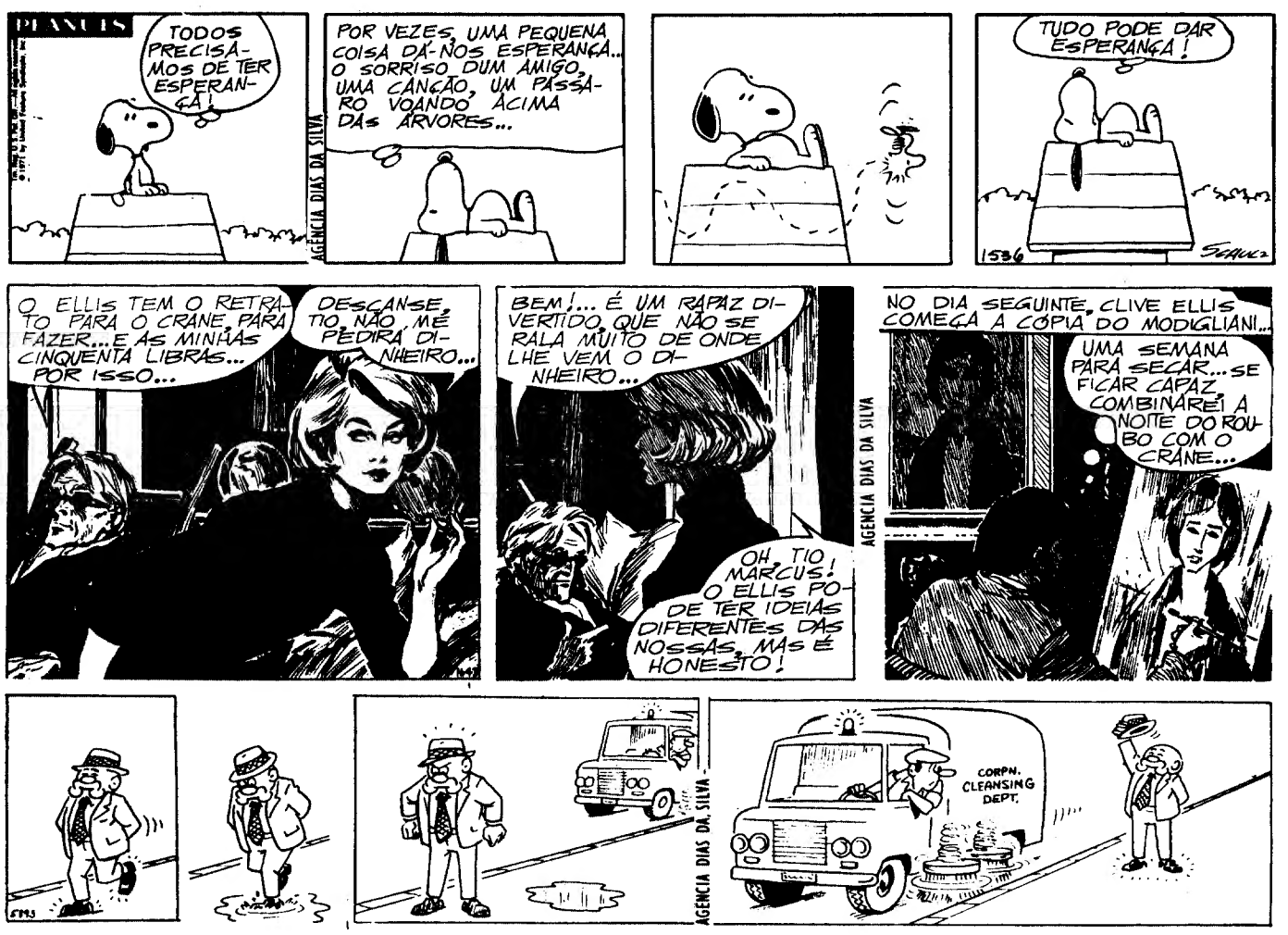
AMOR: O período apresenta-se sombrio e pouco animado no tocante a assuntos sentimentais. De resto eles estarão em segundo plano entre as suas preocupações de momento.

DINHEIRO: Nas diligências que fizer ou empreendimentos que tentar fazer, torna-se necessário pensá-los, primeiramente, muito bem ou então, se possível, adiá-los, porque o momento não se apresenta frutuoso.

PROFISSÃO: Nas suas ocupações terá de enfrentar dificuldades e alguns problemas difíceis. Faça o possível por cumprir à risca com as suas obrigações e merecer a estima dos seus superiores. Tome cuidado e estude e pondere as dificuldades que surgirem na sua vida.

SAUDE: Na medida do possível distraia-se e retire da sua cabeça a imaginação de qualquer enfermidade.

O conselheiro especial do presidente Nixon descansou esta semana em Hong Kong, onde fez alguns cruzeiros de barco antes de seguir para Pequim onde se avistou com dirigentes chineses.



PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10345

HORIZONTAIS:

1 Homem forte. Marcai o peso da tara em.
2 Alternativa. Cingiriam.
3 Artigo definido. Bigorna de ourives. Espaço de dose meses.
4 Figura que simboliza o povo americano. Senhor.
5 Pisaras de novo.
6 Rezara. Untai com óleo.
7 Molhais muito.
8 Sódio (s.a.). Agora.
9 Gosta muito de. Página.
10 Regularias as doses de. Prefixo de negação.
11 Rezado. Entrada (fig.).

VERTICAIS:

1 Bondosa. O mesmo que rosnadela.
2 Ouro (s.q.). Existir. Grande afeição.
3 Cortar rente. Pega.
4 Batráquio. Encarem. Preposição latina que designa movimento.
5 Artigo. Conjunção (inv.º). Vantagem.
6 Oculta. Rogai.
7 Pronome demonstrativo. Lista. Cidade de França.
8 Sopro. Corto. Solitário.
9 Braço de mar. Agremiação (fig.).
10 Árvore indiana, cuja casca e empregada como adstringente. Camareira. Item.
11 Desonestos. Artigo indefinido.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6501

HORIZONTAIS:

1 Vila e sede de concelho (Guarda)
2 Campeão. Tamancos. Aqui.
3 Rente. Pátria. Rio da Suíça.
4 Come (pop). Todo o corpo que existe do espaço.
5 Rio dos Estados Unidos. Rumor (fig).
6 Senhor. Arara. Letra grega.
7 Induz.
8 Autores. Espécie de andorinha. Frâncio (s.q.).
9 Penetra. Pessoa que foi vítima da sua própria ambição. (fig).
10 Fronteira. Combina.
11 Planta gramínea cultivada nos terrenos pantanosos. Cantigas.

VERTICAIS:

1 Nome de peixe. Sela com lacre.
2 Forma do verbo ser. Sulcar a terra.
3 Fora para fora. Zombou (inv.º).
4 Artigo definido. Moderato (abrev). Bom senso.
5 Esfera. Indivíduo da raça árica.
6 Planta africana ornamental, de flores vermelhas e inodoras. Rezar.
7 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Guarneci de asas.
8 Arsénio (s.q.). Apelido da mãe de Luís de Camões. Bater.
9 Tolera. Naquele lugar.
10 Quarente alqueires (Prov). Arrefecida.
11 Chuvisco (Bra). Frentes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10344

HORIZONTAIS:

1 AT. Caspa. Aí
2 Notar. Ocara.
3 Omite. Laços.
4 Eras. Arau.
5 AR. Ar.
6 Lar. ANO. Oco.
7 Ir. Trava. Ri.
8 Ameai. Arfar.
9 SECO. Mova.
10 Sio. Mês. Mor.
11 Essas. Acesa.

VERTICAIS:

1 ANO. Aliasse.
2 Tomé. Armeis.
3 Tirar. Ecos.
4 Catar. Tão.
5 Ares. Ari. Ms.
6 Ana. DE.
7 Pola. Ova. Sã.
8 Acará. Arm.
9 Ácaro. FOME.
10 Arou. Cravos.
11 Ias Moirara.

Provérbio: ANO SECO ANO DE FOME.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6500

HORIZONTAIS:

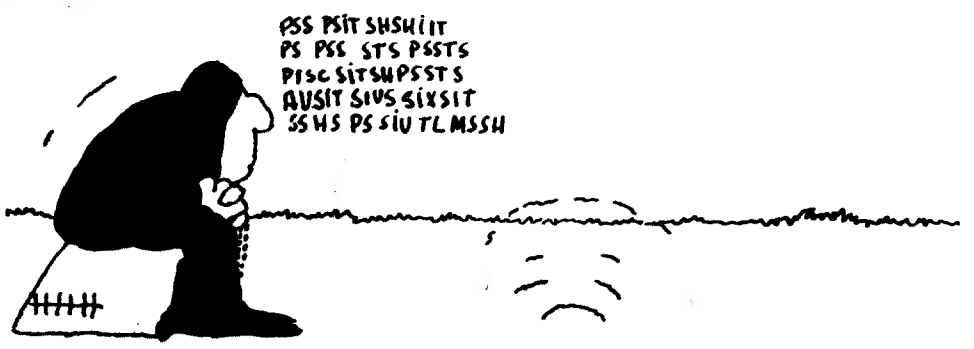
1 Cacos. Magas.
2 Irós. Mata.
3 Aer. Gas. Rol.
4 Sarar. Amola.
5 Lena. Nota.
6 Mit. Tua.
7 Rã. Sanar. Tu.
8 Atuas. Sacar.
9 Mor. Rapa.
10 Irara. Minar.
11 Rasas. Maomé.

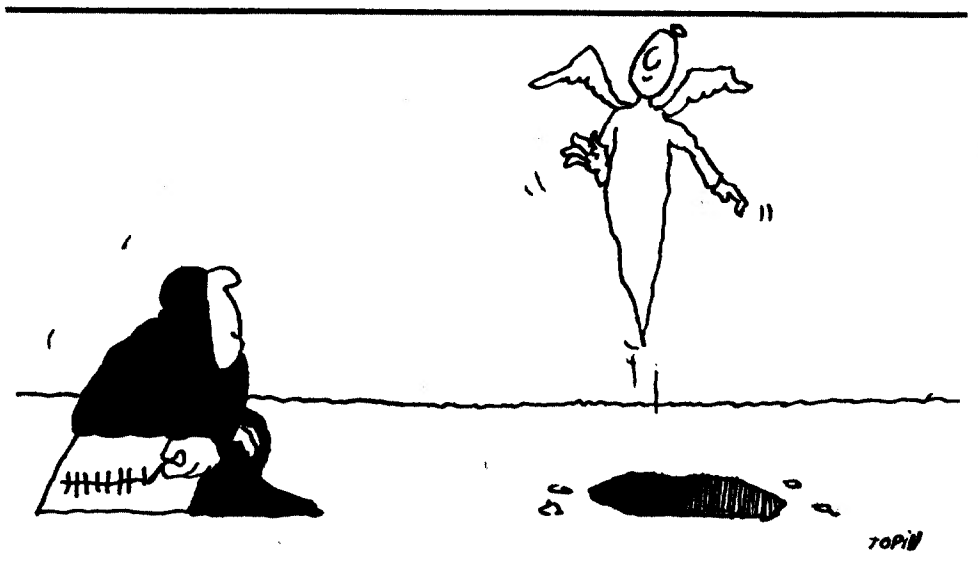
VERTICAIS:

1 Cias. Bramir.
2 Areal. Atora.
3 Correm. Uras.
4 Os. Anisa. Ra.
5 Gratas. As.
6 Ba.
7 Santas. MM.
8 Am. Mouraria.
9 Garota. Cano.
10 Atola. Tapam.
11 Sala. Curare.

SEM PALAVRAS

DONA SANTA-II





As economias bem aplicadas valorizam-se

consulte:

J. PIMENTA, SARL

UMA ORGANIZAÇÃO DE SÓLIDAS ESTRUTURAS

LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telef. 45843 - 47843
SEDE SOCIAL — Queluz — Av. António Enes, 25 — Telef. 952021/2

Um aspecto do conjunto urbanístico da Reboleira-Sul

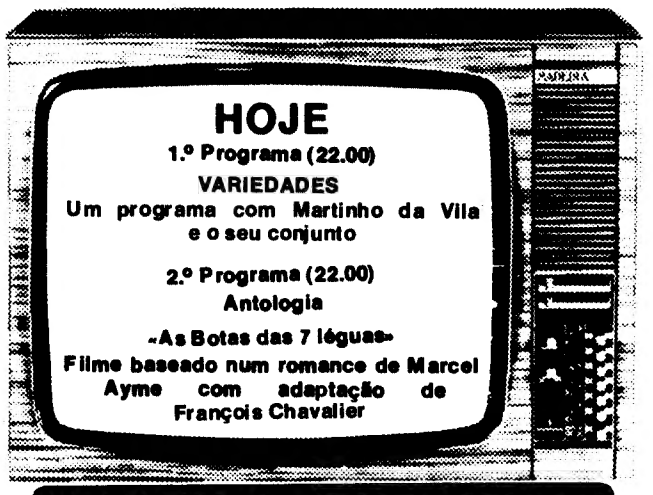
LOCAIS ONDE CONSTRUIMOS, VENDEMOS OU ALUGAMOS APARTAMENTOS MOBILADOS

ALAPRAIA (S. João do Estoril)
ALGARVE (Praia da Rocha)
AMADORA (Centro)
CASCAIS (Alto da Pampilheira)
COIMBRA (Rua Nicolau Chautereno)
LISBOA (Olivais)
LISBOA (Rua Carlos José Barreiros)
LUANDA (Rua Eng.º Artur Torres)
PAÇO DE ARCOS (B.º Comendador Joaquim Matias)
PAÇO DE ARCOS (Quinta do Meireles)
PAREDE (Bairro do Junqueiro)
PORTO (Rua da Piedade)
REBOLEIRA-NORTE
REBOLEIRA-SUL
VENDA NOVA

O número referente ao Inverno de 1972-73 do Horário Oficial dos Caminhos de Ferro e dos Serviços Combinados de Camionagem, editado pela C. P. encontra-se à venda nas principais estações, agências de viagem, livrarias e tabacarias, ao preço de 10$00.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

televisão



HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e Missa de Domingo.
13.10 Dia do Senhor
13.30 Nos Bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver
14.35 TV educativa
15.05 Tarde de cinema» «O Falso conde»
16.30 TV infantil
17.00 Domingo Desportivo-1.ª edição
18.10 TV rural
18.40 Semi-breve
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 «Adeus 15 anos»
20.00 TV 7
21.00 Agente secreto á força
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Variedades
23.45 Domingo Desportivo — 2.ª edição.
00.00 Telejornal — 4.ª edição
00.05 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «Regresso de Lucy»
21.00 Dó lá si
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Antologia «As Botas das 7 léguas»
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

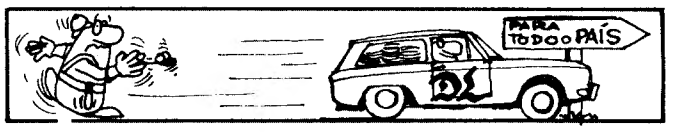
12.45 Abertura e «Alvin Show»
13.00 Feminino Singular
13.15 A Família Partridge
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo á noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa-Língua Portuguesa
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV Juvenil
20.00 Momento Desportivo
20.30 Ao Serviço da Nação
21.00 Desenhos animados
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Série Policial Columbo
00.00 Telejornal — 4.ª edição
00.10 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «Alvin Show»
20.45 Vivendo o futuro
21.00 A Família Partridge
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.00 O Mundo das Aves
23.30 Fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado excepto nas regiões do Norte onde estava muito nublado; o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	1.º
P. DOURADAS	/4.º
COIMBRA	0.º
PORTALEGRE	3.º
LISBOA	6.º
FARO	7.º
FUNCHAL	13.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Faro
Máxima 16.º

Penhas da Saúde
Mínima ..... /7.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar ... 12,7.º
Atmosfera 10,8.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.46	4,3 m	1p.31	0,5 m
17.09	4,0 m	22.41	0,6 m
Dia 19			
5.25	4,2 m	11.07	0,5 m
17.47	4,0 m	23.17	0,7 m
Dia 20			
6.03	4,1 m	11.42	0,7 m
18.23	3,9 m	23.53	0,8 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento fraco a moderado de Noroeste temporariamente de Sudoeste nas regiões do Norte; períodos de chuva a norte do Tejo com possibilidade de quedas de neve nas terras altas.

AMANHÃ

NASCER ÁS — 8.24
OCASO ÁS — 19.17

DIA 25 DIA 5 DIA 11 DIA 18

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

14.30 Tarde desportiva: Rádio Desporto — Futebol: — Relatos e Informações dos jogos da 21.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão — Actualidade desportiva
17.30 Música sem palavras
18.05 Girandola
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades no estúdio
22.00 Teatro das comédias: «O Pequeno Sereia», de Christian Andersen,
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro — por Fernando Garcia
00.00 Junção — Entra o MF 1 de Lx — Sinal Horário, de Um Dia para o Outro (cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont.)
02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

PROGRAMA EM MF 2

14.30 Música Sinfónica
15.00 A Ópera «Cavalaria Rusticana» (Magni).
16.05 Concerto em Mi Menor para violino e orquestra (Nardini);
16.30 Solos de piano: — Miroirs (Ravel)
17.00 Junção — com o 2.º Programa

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical — Verão olímpico de 1972. 1.ª Parte: — «Nenikikamen» — «Nós temos vencido». Intervalo — Suite n.º 1, em sol maior (Bach) para violoncelo solo, por Paul Tortelier
00.00 Sonatas, de Carlos Seixas, pelo cravista Huguette Dreyfus
00.14 «As quatro estações» (Vivaldi)
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Pêndulo
17.00 Chave do totobola
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
20.00 Divagando
21.02 Boa noite em FM
22.00 Programa à Gô-Gô (Continuação)
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

14.55 Tarde desportiva
17.00 Chave do totobola
18.02 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 «Rádio 73»
20.00 Noticiário e divagando
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 A estrela da noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Mensagens bíblicas
23.22 Canções ao caso
23.30 PBX
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

14.45 Onda desportiva
17.30 Música ao volante
18.00 Automobilismo
18.30 Terço e missa
20.05 Zona verde, espaço ocupado pela família.
20.30 Escolhemos para si
21.30 Meditando
22.00 Quando o telefone toca
23.30 Programa dos sócios — A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR

06.00 às 08.00 10.00 às 12.00 e 22.00 às 02.00

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

08.00 às 10.00 e 17.00 às 19.30

RÁDIO GRAÇA

12.00 às 14.30 e 19.30 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA

14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25 (Tel. 637777)
ALVALADE
Paris, Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Tel. 710131); **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803); **Neoterápia**, Campo Grande, 138 (Tel. 774682)
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus) (Tel. 724941)
ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua dde Arroios, 215 (Tel. 45079)
BAIRRO ALTO
Labor, Rua Diário de Notícias, 81 (Tel. 323428)
BAIRRO AMÉRICA
Martins, R. Fernão Magalhães, 33 (Tel. 849448)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172)
BAIXA
Estácio, Rossio, 63 (Tel. 327067-324224)
BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532)
CAMPOLIDE
Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (Tel. 680304)
CAMPO DE OURIQUE
Portírio, Rua Francisco Metrass, 59 (Tel. 663349)
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)
CONDE REDONDO
Davi, Rua Conde Redondo, 68-72 (Tel. 54342)
ESTRELA
Soares, Av. Pedro Álvares Cabral, 1 (Tel. 684282)
GRAÇA
Mourão, Largo da Graça, 63 (Tel. 860700)
INTENDENTE
Góis, Rua dos Anjos, 12-12-D (Tel. 840101)
LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tel. 790704)
OLIVAIS
S. Paulo, Rua José de Campos, Lote 823 (à Estrada de Moscavide) — Olivais Sul (Tel. 310711)
RESTELO
Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, J. M. P., 3 (Tel. 610256)
SANTOS-O-VELHO
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (Tel. 662075)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Av. Luiz Bivar, 69 (Tel. 47213)
XABREGAS
Romana, R. Actor Augusto de Melo, 7-A (Tel. 383800)

TURNO B-2
TODA A NOITE

AJUDA
Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (Tel. 633288)
ALFAMA
Arnali, Rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)
ALVALADE
Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 45-A (Tel. 710465); **Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 712070)
AREEIRO
Onilda, Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848)
AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (Tel. 40592); **Universal**, Rua Actor Taborda, 5 (Tel. 44158)
BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental) (Tel. 842152)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Tel. 841122)
BAIXA
Morão, Rua dda Assunção, 17 (Tel. 321289)
BENFICA
Sousa, Estraada de Benfica, 429 (Tel. 780027-789985)
CAMPO GRANDE
(Ver Alvalade e Lumiar).
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel. 650760)
CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (à Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776)
ESTRELA
Martins, Calçada da Estrela, 167 (Tel. 660823); **Paivas e Parvente**, Rua de Santo António à Estrela, 96 (Tel. 665196)
LUMIAR
Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790942)
MARVILA
Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612)
OLIVAIS
Higiene, Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 4) Lote 43 — Zona Poente (Olivais Sul) (Tel. 310026)
PENHA DE FFRANÇA
Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A, à Avenida D. Afonso III (Tel. 843439)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B-C (Tel. 720703-728395)
REGO
Pratas e Mota, Rua Beneficiência, 91 (Tel. 7737728)
RESTELO
Tavares, R. Rodrigo Rainel, 3-A (à encosta do Restelo — próximo dos Moinhos) (Tel. 611814)
SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020)
S. PAULO
Central, Rua de S. Pauloo, 108 (Tel. 320383)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes Av. Combatentes da G. Guerra, 166 (Tel. 213953)
CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Oeiras L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)
PAREDE
Brandão Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel. 263052)
ESTORIL
Parque Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)
CASCAIS
Misericórdia R. Regimento 19,4 (Tel. 280141); **Cascais** R. Conde Monte Real — B. Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P. D. João I, Lote 146-B.º Janeiro (Tel. 932756); **Central** Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja** P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim** Av. Conde de Oeiras, loja X-1 Reboleira (Tel. 938424)
DAMAIA
D. João v Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)
VENDA NOVA
Nova R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)
QUELUZ
Queluz Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841); **André** Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043)
CACÉM
Central R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Química Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)
SINTRA
Simões R. Heliodoro Salgado, 26 (tel. 980832)
COLARES
Colares Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Guemão R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (Tel. 270242)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Avenida Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2273212)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254)
MOITA
Silva Rocha P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Higiene R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar. (Tel. 229471)
SETÚBAL
Costa L. da Misericórdia (Tel. 22760); **Brasil** P. do Brasil (Tel. 24788)
SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

5.º TURNO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327. **Pereiro (de)**, Rua da Preciosa, 35. **Sampaio**, Rua de Cedofeita, 636. **Saúde** Av. Com. G. Guerra, 689. **Vaz Teixeira, Sucra**, Rua do Heroísmo, 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125. **Costa Lima**, Av. da Boavista, 855. **Marques de Mendonça**, R. do Ameal, 251. **Monte Cativo**, R. do Monte Cativo, 444. **São Jerónimo**, R. Santos Pousada, 622

COIMBRA

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (Tel. 22961); **Donato**, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (Tel. 22603); **Rainha Santa**, R. Figueira da Foz, 11-B (Tel. 24737)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
3.ª semana
Technicolor. Barba Streisend e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR» Rua Castilho — Metro Rotunda. Estacionamento Parque Castil.

MONUMENTAL (555131)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª semana
«EM NOME DO POVO ITALIANO» de Dino Risi com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi. Eastmancolor.

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.00-17.00-19.00 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«O ÚLTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15-18.30 e 21.30
(Grupo B - 10 anos)
A vida e o génio do grande compositor «TCHAIKOVSKY» realização de Igor Talankine - Moscolor
Metro Alvalade

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00-17.00-19.00 e 21.45
Grupo C (14 anos)
4.ª Semana
Um filme de André Delvaux «ENCONTRO EM BRAY» (Rendez-vous à Bray) com Anna Karina, Mathieu Carrière. (Metro: Alameda).

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15,30 - 18,30 e 21,45
Grupo D (18 anos)
Uma adolescente... os sonhos, a imaginação... o amor «DESEJO DE AMAR» Isabelle Adjani - Manuel Catala
Technicolor

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Jacqueline Bisset, Stella Stevens e Lee Prcell na comédia colorida sobbre o desejado movimento de libertação feminino «QUANDO AS MULHERES QUEREM...» Um frente a frente com todas as possíveis vantagens para elas! Só à noite no «foyer» novo - Jorge Fontes e sua guitarra

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
«OS JUSTICEIROS», William Holden, Ernest Bargnine, Susan Hayward. Panavision-Color.

ROMA (Tel. 727778)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
«ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS». Massimo Ranieri e Florinda Bolkan. Eastmancolor.

ALVALADE (Tel. 717480)
15,15 - 18,15 e 21,45
Grupo D (18 anos)
Um filme de Josepf Losey «EVA» Jeanne Moreau - Stanley Baker

EUROPA (Tel. 66 0 6)
15,15 e 21,30
(Grupo D - 18 anos) - 6.ª Semana
Por amor a César por amor a David Entre dois amores... Rosalie - «CESAR ET ROSALIE» Yves Montand e Romy Schneider - Eastmancolor Tardes infantis (Grupo A - 6 anos) Hoje 18.15
Os inesquecíveis cómicos Abbot e Costello em «A GALINHA DOS OVOS DE OURO». Para rir do princípio ao fim.

S. JORGE (Tel. 5453/4)
15,15 - 18,15 e 21,30
Grupo D (18 anos)
Na tradição dos policiais ingleses «O GOSTO DA VINGANÇA» com Joan Collins e James Booth

CASINO (Tel. 26462/264949)
15,30 - 18,30 e 21,30
Grupo D (18 anos)
«MEU MARIDO ESSE DESCONHECIDO»

LONDRES (Tel. 731313)
14.00 - 16,30 - 19,00 e 21,45
Grupo D (18 anos)
13.ª Semana colorido «A estrela do ano Liza Minnelli «CABARET» (adeus Berlim). SNACK-BAR «The Fiaz» o melhor encontro gostronómico

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
11.ª Semana
Alfredo Landa, Sylvia Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJARÁS A MULHER DO DELICADINHO». Um escândalo em graça brejeira.

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«UM CASO DE URGÊNCIA». Em complemento «QUE BELO PATIFE». Hoje às 18,30
(Grupo A-6 anos)
«A PARA DOS OVOS DE OURO»

POLITEAMA (Tel. 326305)
15,15 - 18,15 e 21,45
Grupo D (14 anos)
Richard Harrigon e Donald O'Brien no filme «2 IRMÃOS NUM LUGAR CHAMADO TRINITA». Riso e acção explosiva

BERNA (Tel. 776098)
15,15 - 18,30 e 21,45
Thechnicolor (Grupo B (10 anos) Jerry Lewis «AS NOITES LOUCAS DO DR: JERRYL»

LYS (Tel. 48560)
14.45-18.30 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«UM RAIO DE SOL NA ÁGUA FRIA» em complemento «ANSIA DE VIVER» (Metropolitano: Intendente).

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Trish Van Devere, Monte Markham, Janet Leigh, Melvyn Douglas «MULHERES SEM MARIDO. Ela mudou de vida... quando o marido mudou de ideias.

TIVOLI (Tel. 50595)
15,15 - 18,30 e 21,45
(Grupo D-18 anos)
4.ª Semana
Colorido. Nem tudo na estátua estava certo... «A ESTÁTUA» com Virna Lisi e David Niven.

VOX (Tel. 720808)
15,15 - 18,30 e 21.45
Technicolor - Grupo D (18 anos)
Um convite do terror! «O TÚMULO DO TERROR»
com Peter Cushing e Joan Collins

APOLO 70 (tel. 763319)
15,15 - 18,30 e 21,45
Grupo D (18 anos)
9.ª Semana Technicolor. Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Wood Allen

AVIZ (Tel. 47163)
15,30 - 18,30 e 21,45
(Grupo B-10 anos)
56.ª Semana «Record» de exibição em Portugal! «TRINITÁ COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer. Color-Scope.

ROYAL (Tel. 865037
15,00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
«X, Y e Z» com complemento «CONTESTAÇÃO GERAL»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

S. LUIS
21.45 (14 anos)
«Missa Leiga»

COLISEU
21.30 (6 anos)
«Grande circo de Madrid»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

TRINDADE
22.00 (18 anos)
«Adriano VII»

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«As Criadas»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é Comigo».

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o pendura»

A. B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»

CAPITÓLIO
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Sexo, nuncal Somos britânicos»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (10 anos)
«Ringo o cavaleiro solitário»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«Aventura é aventura»

PARIS
21.00 (18 anos)
«O grande golpe»

MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«Nossa Senhora de Paris»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«A Rapariga da Pistola» e «Golpe de Mestre ao Serviço de Sua Magestade»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Os Impostores»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Os Três Musquiteiros»

OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (14 anos)
«Ódio velho»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (14 anos)
«As 2 pistolas de Bill»

ESTORIL
Casino
15.30 - 18.30 e 21.30 (18 anos)
«Meu marido esse desconhecido»
Palácio
21.30 (14 anos)
«Sombras Brancas»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Certidões do Século XX»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«As rainhas do Petróleo»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (10 anos)
«Waterloo»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Aguenta Canalha»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«As águias negras de Santa Sé

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«As rainhas do petróleo»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
6 anos
«A Princesa e o Papagaio»

SÁ DA BANDEIRA
20.45 e 23.00
«A Cama dos Comuns»

PORTO/Cinemas

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«O gato das sete vidas»

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«Sem preço para morrer»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Cabaret»

PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
«O grande negócio»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Qual será afinal a causa do divórcio?»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Amor de mãe»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Desejo de amar»

ESTÚDIO
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«A Solução final»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«Resgate por um homem morto»

COLISEU
21.30 (18 anos)
O Mecânico»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Willard»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«O Pecado»

SOUSA BASTOS
21.30 (21 anos)
«Helga — O segredo da Maternidade»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Macbeth»

BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades, Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h às 21 h e das 22.30h às 05.00h.**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermínda e Jose Luís Tomar; fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384.**

PRINCIPE NEGRO — **Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368987.**

EL CIDE — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao conde Redondo) **Telef. 560538** Com variedades.

SAN-PAYO — Bar-boite c/música constante. Aberto até às 5h da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422.** (Ar condicionado).

CASEBRE — Rua da Barroca, 133. **Telef. 369760.** Encerrado aos domingos. Cantam: Carlos Barra, Deolinda Rodrigues e Nazaré. À 1.00 h. convidado special em tempo-Show. Folclore pelos cinco típicos de Vila Franca de Xira. Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes.

FRAGATA REAL — Maria Valejo. Maria Jô-Jô Nelo e Joaquim Campos em Fado lisboa, João Queróz em Fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telef. 368579.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264598, 264621 e 264946.**

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167**

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º 2,.º E-4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Plano de Bona contra a inflação

BONN, 18 — (F.P.) — O Governo Federal Alemão decidiu a elaborar um programa contra a inflação, o qual assentará essencialmente no aumento dos impostos directos e indirectos. O gabinete reunido ontem sob a presidência do chanceler Willy Brandt tratou das medidas concretas a tomar e do projecto de orçamento para 1973 que tem de ser apresentado ao Parlamento no próximo mês. Entre os dois parceiros da Coligação — Sociais Democratas de um lado e Liberais do outro — subsistem entretanto divergências de opinião importantes quanto àquelas medidas.

Os Liberais seriam antes favoráveis a uma taxa de dez por cento «conjuntural». Ficaria «congelada» no Banco Central para ser empregada em certas evoluções da conjuntura, principalmente para travar a procura. Os Sociais Democratas e o seu ministro das Finanças Helmuth Schmidt opõem-se ou estão reticentes, pois entendem que os trabalhadores não podem ser penalizados pela taxa, tanto mais que o aumento dos seus salários de oito e meio por cento não pode ser considerado exagerado. A taxa dos Liberais, dizem, é susceptível de deteriorar a atmosfera social e provocaria greves e reacções dos dirigentes sindicais. Schmidt propõe a supressão, temporária, das amortizações degressivas dos impostos concedidas às empresas, como podendo entravar o progresso dos investimentos, a passagem para o dobro da taxa sobre altos rendimentos, aumento da gazolina (2 pfenig por litro) e a supressão de certos privilégios fiscais. Estas medidas dariam uns 2 biliões de marcos, suplementares, dos quais 600 milhões iriam para as comunas. O orçamento ficaria intacto. Segundo consta, eleva-se a 120.4 biliões, representando um aumento de 10,5 por cento relativamente a 1972. Entretanto a sobretaxa «conjuntural» revela-se como pouco provável.

Para os observadores, todas estas medidas apresentam-se como uma «espadeirada na água» em matéria de anti-inflação. Antes a progressiva paralisia nos meios de acção do Bundesbank, a constante expansão do volume monetário, o risco de um «sobre aquecimento» económico, são factores de aceleração da inflação. Assim o «Bundesbank» lança um verdadeiro grito de alarme no seu último relatório pedindo contra a alta dos preços uma política orçamental que refreie a inflação.

A URSS contra a gripe

MOSCOVO, 18 (UPI-ANI) — Uma nova vacina para prevenção e tratamento da gripe foi descoberta na Rússia — escreve hoje o jornal «Sovetskaya Rossia».

A vacina é um líquido «com gosto agradável» e tem poder contra a gripe causada por novas variedades de vírus.

Foi descoberta por uma equipa do Instituto de Pesquisas de Preparação de Vírus, de Moscovo, departamento dependente do Ministério Russo da Saúde.

«Esta nova preparação é absolutamente inofensiva, tanto para adultos como para as crianças e bébés — escreve o jornal — foi experimentada e recebeu a aprovação dos serviços de saúde. Está agora a ser fabricada a nível industrial».

O "Jornal da Tarde" e os sindicatos

Considerando que a empresa proprietária do extinto vespertino «diário do Norte» e daquele que viria a ser o «Jornal da Tarde» não cumpriu o preceito legal que a obrigava a comunicar ao Ministério das Corporações, com antecedência não inferior a 60 dias, a paralisação da sua actividade, as direcções do Sindicato Nacional dos Jornalistas e do Sindicato Nacional dos Profissionais de Artes Gráficas do Porto foram recebidas pelo secretário de Estado do Trabalho e Previdência, como anunciámos, tendo feito entrega de uma exposição sobre o assunto ao dr. Silva Pinto, da qual transcrevemos alguns passos:

«Em 29 de Janeiro último, a Empresa de Publicidade do Norte, S.A.R.L., anunciou, em carta dirigida a todos os seus funcionários, que fora decidida a «cessação de toda a actividade da empresa».

Desse facto decorria o desaparecimento definitivo do jornal «Diário do Norte», ao mesmo tempo que ficava sem efeito a intenção de fazer publicar, em breve, outro vespertino («Jornal da Tarde»), que o substituiria, empregando todos os profissioais já ao serviço da empresa.

Mercê da decisão anunciada, foram lançados no desemprego 134 trabalhadores (64 gráficos, 41 revisores e lementos do quadro administrativo e 29 jornalistas), cuja representação incumbe aos sindicatos signatários. A situação, como é natural, suscitou justa apreensão, especialmente nos meios ligados a empresas jornalísticas, dado o insólito do caso. Aliás, a expectativa é tanto maior quanto é certo que a solução deste caso deverá revestir-se de carácter exemplar, designadamente prevenindo a ocorrência de hipotéticas situações semelhantes no futuro.

E não podem os sindicatos signatários deixar de fazer notar o carácter de serviço comunitário assumido pelo trabalho na imprensa. Isto é, trabalhar num órgão de informação não se confina ao simples cumprimento de um contrato celebrado com uma entidade patronal, mas também impõe a observância de um compromisso com a comunidade.

No caso vertente, verifica-se até que a empresa não cumpriu o preceituado no Artigo 12.º, do Decreto-Lei 44506, de 10 de Agosto de 1962, que a obriga a comunicar ao Ministério das Corporações e Previdência Social, com antecedência não inferior a 60 dias, a paralização da respectiva actividade, como nos foi confirmado pelo Serviço de Acção Social.

Daí que, até agora, esse Ministério ainda não tenha, nos termos do citado Decreto-Lei, ouvido as partes interessadas, com vista ao conhecimento real da situação, habilitando-se, assim, a pronunciar-se sobre as legais compensações a que os profissionais atingidos têm direito.

Assim, os sindicatos signatários esperam ser convidados, em breve, a dar os necessários pareceres, apenas pretendendo, com esta exposição, fazerem-se eco da crescente expectativa dos seus associados, especialmente os atingidos pelas consequências do encerramento daa empresa em causa.

Esperemos, enquanto representantes da parte mais duramente atingida, que a justiça não demore.

E, neste aspecto, não duvidamos de que, dos princípios gerais do Direito português, a concessão de indemnizações e subsídios aos trabalhadores despedidos nestas circunstâncias deve ser reconhecida em regime de acumulação e nunca de alternativa.

Mau grado o invocado pelos Sindicatos quanto ao regime de acumulação dos subsídios de desemprego e das indemnizações a atribuir aos trabalhadores, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência informou os dirigentes sindicais representantes dos trabalhadores despedidos de que o Ministério não dispõe de poder legal para determinar a acumulação dos subsídios de desemprego e das indemnizações a que tenham direito os trabalhadores despedidos. Assim, o Ministério vai adoptar — como também já informámos na passada quinta-feira — o procedimento já em vigor no recente caso do encerramento da fábrica de papel da Abelheira, isto é, aos trabalhadores que o solicitarem o Ministério, através do Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra, pagará os quantitativos correspondentes aos subsídios de desemprego a título de adiantamento das indemnizações a que tenham direito.

Laurence Olivier ajuda o teatro

No dia 4 de Março realiza-se um espectáculo de gala do Fundo de Desenvolvimento do Teatro, no Yvonne Arnaud Theatre, de Guildford. Entre os artistas convidados contam-se Lawrence Olivier, Jean Plowright, Margot Ponnteyn, Anthony Dowell, Donald Swann, Ian Wallace e Elsie e Doris Waters.

AVEIRO ESTIMULA A LEITURA JUVENIL

AVEIRO — A Secção de Leitura Juvenil da Biblioteca Municipal de Aires Barbosa tomou a iniciativa de lançar, em colaboração com o Secretariado para a Juventude, o I Concurso de Aproveitamento de Leitura.

O concurso está aberto aos rapazes e raparigas dos dez aos vinte anos, que ainda se encontrem a trabalhar ou que já estejam a estudar. As inscrições, gratuitas, podem ser feitas até ao dia 20 na Biblioteca Municipal.

Os concorrentes, distribuídos por três grupos, em função da idade e da preparação escolar, deverão ler os livros escolhidos pela Comissão Orientadora da Leitura Juvenil para cada escalão. No caso de não possuirem os livros, ou de eles não existirem na biblioteca do estabelecimento escolar que frequentam, poderão requesitá-los na Biblioteca Municipal. Os concorrentes serão submetidos a provas escritas no dia 24 de Março, a fim de se avaliar o aproveitamento que tiraram da leitura. Aos cinco melhores classificados de cada escalão serão oferecidos livros escolhidos por eles próprios.

FESTAS DE SERPA

SERPA — De 21 a 24 de Abril, decorrem nesta vila os tradicionais festejos em honra de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira de Serpa. A fim de elaborar o respectivo programa, que se pretende seja este ano mais variado que nos anos anteriores, têm-se reunido no Município local os lementos que constituem a comissão nomeada para aquele efeito.

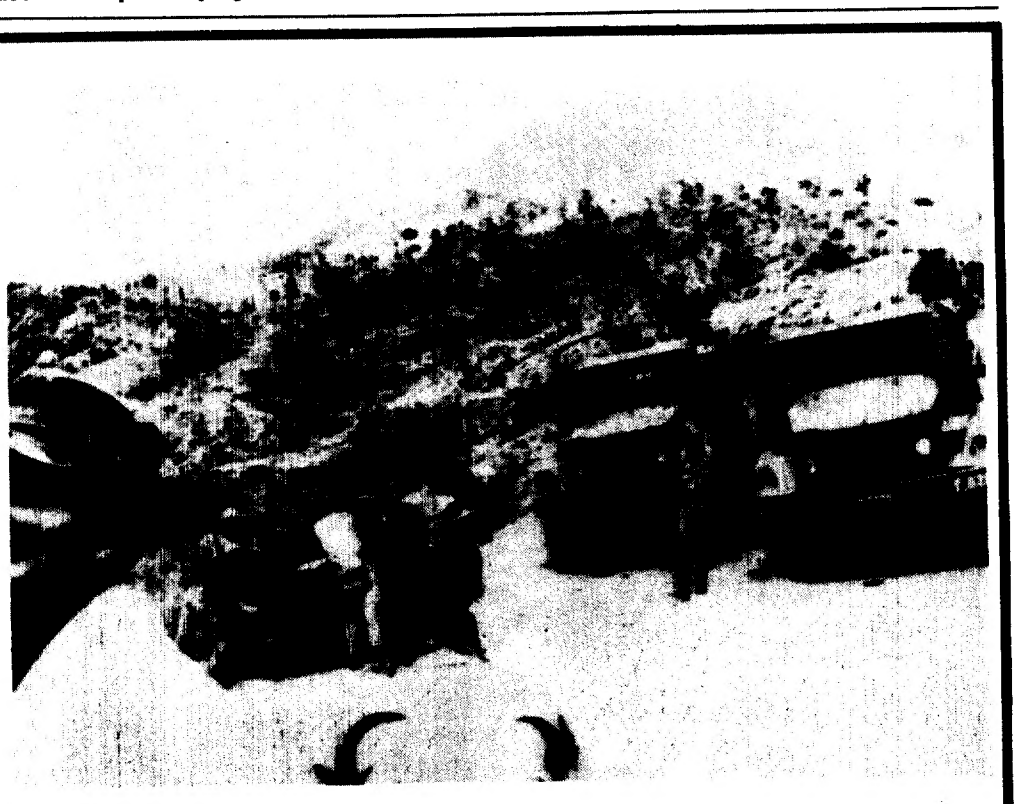
Impasse nas negociações para a revisão do contrato de oito mil funcionários da TAP

Os representantes da TAP não compareceram a uma reunião de conciliação com dirigentes dos dezassete Sindicatos e da Ordem dos Médicos, organismos a que a empresa se encontra ligada através do Acordo Colectivo de Trabalho respeitante aos cerca de oito mil trabalhadores que nela exercem as mais diversas actividades. A reunião, fixada para o passado dia 2, fora marcada pela Corporação dos Transportes e Turismo após prorrogações pedidas pela TAP e como resultado do pedido de revisão do actual Acordo Colectivo feito à Comissão Corporativa em 26 de Abril do ano transacto pelos referidos organismos sindicais. Mantém-se, pois, o impasse quanto à revisão das condições de trabalho dos que prestam serviço na referida empresa.

Entretanto, esteve marcada para o passado dia 12 uma conferência de Imprensa no Sindicato Nacional dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca, durante a qual seria anunciada a situação em que se encontram neste momento as negociações para a revisão. À última hora, essa reunião com a Imprensa foi cancelada, alegando os representantes do Sindicato que a ocasião não era oportuna.

Naturalmente que o pessoal da TAP anseia por ver resolvida uma situação que só lhe traz prejuízos, nomeadamente de ordem material. De facto, os trabalhadores, face à relutância da empresa em concretizar as negociações, alegam não compreender as razões por que se praticam na TAP vencimentos muito inferiores, mesmo em proporção, aos das companhias aéreas de outros países. De facto, os preços das passagens de avião, transporte de carga e de correio, são tabelados internacionalmente e válidos para todas as empresas transportadoras, deles beneficiando, portanto, a TAP.

Na contraproposta apresentada pela empresa — não aceite pelos Sindicatos por então já ter decorrido o prazo legal e estes terem já pedido a primeira reunião de conciliação —, estão consignadas cláusulas que, segundo os representantes legais dos trabalhadores, implicariam perda de direitos e garantias estabelecidos no A.C.T. ainda em vigor. Entretanto, foi distribuído ao pessoal da empresa um inquérito sobre custo e condições de vida actuais, destinado a fornecer aos Sindicatos elementos actualizados e de apoio às negociações quando estas se iniciarem de facto.



O coronel Francisco Caamano foi morto pelas tropas fiéis ao presidente da República Dominicana, Joaquim Balaguer, num recontro nas montanhas centrais do país. Com Caamano, morreram outros dois guerrilheiros. Todos eles pertenciam, aparentemente, ao grupo de dez que, 14 dias antes, desembarcara no país, vindo de Cuba, segundo afirmam as autoridades. Logo no segundo dia após o desembarque, um outro guerrilheiro fora morto. Assim, já só devem restar seis homens nas montanhas dominicanas, o que faz prever, tanto mais que Caamano devia ser o chefe, que o futuro da guerrilha na República Dominicana não será longo.

Entretanto, o antigo presidente Juan Bosch — em defesa do qual Caamano se celebrizou em 1965 — foi acusado pelo governo de manter ligações com os guerrilheiros e passou à clandestinidade, assim como grande parte do seu Partido Revolucionário. O governo de Balaguer prendeu, após o desembarque, centenas de oposicionistas. A telefoto mostra uma fase das operações militares contra os guerrilheiros.